



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES**

Lorena Grace Alves do Vale

MOVIMENTO MORFOSSINTÁTICO DA LÍNGUA NO AUTISMO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

Recife

2024

Lorena Grace Alves do Vale

MOVIMENTO MORFOSSINTÁTICO DA LÍNGUA NO AUTISMO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Escola de Educação e Humanidades, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Ciências da Linguagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Isabela Barbosa do Rêgo Barros

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Zélia Ferreira Caçador Anastácio

Linha de Pesquisa: Aquisição, desenvolvimento e distúrbios da linguagem em suas diversas manifestações

Universidade Católica de Pernambuco

2024

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
Prof. Dr. Pe. Pedro Rubens Ferreira Oliveira, S.J. (Reitor)
Prof. Dr. Pe. Lúcio Flávio Ribeiro Cirne, S.J. (Vice-Reitor)

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Profa. Dr.^a Valdenice José Raimundo (Pró-Reitora)

ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
Prof. Dr. Danilo Vaz Curado (Diretor)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
Dr.^a Roberta Varginha Ramos Caiado (Coordenadora)
Dr.^a Isabela Barbosa do Rêgo Barros (Vice-coordenadora)

Movimento morfossintático da língua no autismo. © 2024 by Lorena Grace Alves do Vale is licensed under CC BY-NC-ND 4.0

V149m Vale, Lorena Grace Alves do.
Movimento morfossintático da língua no autismo /
Lorena Grace Alves do Vale, 2024.
111 f. : il.

Orientadora: Isabela Barbosa do Rêgo Barros.
Coorientadora: Zélia Ferreira Caçador Anastácio.
Tese (Doutorado) - Universidade Católica
de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem. Doutorado em Ciências
da Linguagem, 2024.

1. Linguística. 2. Transtornos do espectro autista.
3. Gramática comparada e geral - Morfologia.
4. Gramática comparada e geral - Sintaxe.
5. Língua portuguesa - Semântica. 6. Enunciação, Teoria da.
I. Título.

CDU 801

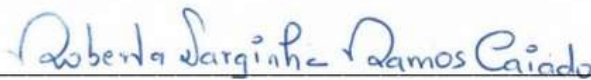
Luciana Vidal CRB4/1338

Lorena Grace Alves do Vale

MOVIMENTO MORFOSSINTÁTICO DA LÍNGUA NO AUTISMO

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de Doutor em Ciências da Linguagem. Foi aprovada em sua forma final com alterações indicadas pela banca.

Recife, 27 de maio de 2024.

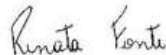


Profa. Dra. Roberta Varginha Ramos Caiado
Coordenadora do Programa

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Flávia Tavares da Costa Ramos



Profa. Dra. Renata Fonseca Lima da Fonte



Profa. Dra. Maria do Carmo Lourenço-Gomes



Profa. Dra. Ana Cristina de Albuquerque Montenegro



Profa. Dra. Isabela Barbosa do Rêgo Barros

O presente trabalho foi realizado com apoio da
Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do
Estado de Pernambuco / FACEPE - Financiamento
IBPG.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que por Sua infinita misericórdia tem me sustentado em todos os momentos, de glórias e de lutas.

Ao meu pai, que partiu muito cedo, mas nos deixou seu legado lindo de amor, força e resiliência.

À minha mãe e irmão, pelo seu amor e parceria capaz de atravessar grandes barreiras.

À Cecília, que com sua doçura mudou a minha vida e me tornou uma pessoa muito melhor.

Ao meu noivo, porto seguro em dias de maré baixa e poço de alegria nos dias de sol!

À Professora Isabela, pelo incentivo de sempre e pelo amor inspirador à Fonoaudiologia.

À Professora Zélia, que apostou em mim e confiou no processo.

Ao corpo docente da Universidade Católica de Pernambuco / UNICAP, que ofereceu excelência nos serviços acadêmicos, estrutura exemplar e alta capacitação na área da ciência da linguagem.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem/ PPGCL, que com muita paciência e experiência compartilharam seus conhecimentos com todos os alunos.

À Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco / FACEPE que me deu apoio financeiro para realização da pesquisa.

Às crianças que participaram da pesquisa livremente e foram perseverantes no intuito de alcançar voos mais altos.

À Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais / APAE que de braços abertos me recebeu para crescermos juntos nas pesquisas e para melhorias no atendimento oferecido aos pais e às crianças com TEA.

A Deus, porque “dele, por ele, para ele são todas as coisas”.

Romanos 11: 36

VALE, Lorena Grace Alves do. **Movimento morfossintático da língua no autismo.** 2024. 111f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem). Escola de Educação e Humanidades, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2024.

RESUMO

As crianças com TEA apresentam dificuldades nos níveis da linguagem oral e escrita e, sobretudo, encontram desafios na compreensão e produção de habilidades morfossintáticas, como a estruturação morfossintática adequada das frases e o uso correto das regras gramaticais da língua. Essas dificuldades se manifestam de diferentes formas, a exemplo: substituição de palavras mais complexas por outras mais simples; omissão ou mau uso de marcadores gramaticais na fala; ordenação atípica das palavras na linearidade da frase e dificuldade de concordância entre os elementos na sentença. Além dos sintomas de fala, acreditamos que nossos estudos podem revelar peculiaridades do funcionamento morfossintático da língua do autista. Deste modo, a tese tem como objetivo geral investigar o movimento no nível morfossintático da língua em crianças com TEA em sua modalidade oral. Os objetivos específicos são identificar possíveis alterações morfossintáticas em termos de obediência ao sistema da língua e avaliar se estas podem interferir na semantização, que é o eixo da enunciação. A metodologia adotada foi qualitativa do tipo estudo de caso, realizado com seis crianças laudadas, falantes da língua portuguesa brasileira, alfabetizadas e atendidas pela equipe multidisciplinar na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), do município de Serra Talhada, Estado de Pernambuco, em 2022. As cenas enunciativas foram capturadas de forma naturalística por gravações de vídeo em situações de terapia psicopedagógica e durante atividades rotineiras no ambiente terapêutico. Os dados coletados foram analisados, seguindo a abordagem enunciativa aquisicional da linguagem da pesquisadora Carmem Luci Silva que, à luz da teorização da linguagem de Émile Benveniste, busca investigar a constituição da criança como falante na sua língua materna, em sua realização oral ou gráfica, através das relações que a criança mantém com seus pares na sua comunidade linguística. Os registros coletados foram ilustrados em quadros com recortes das cenas enunciativas e tiveram seus dados linguísticos transcritos com auxílio do software NVivo, informando também situações de fala entre a criança e o terapeuta. Pela análise dos resultados podemos concluir que os aspectos morfossintáticos da língua seguem uma estrutura singular no autismo, o que revela que entre tropeços e acertos, há um modo singular de construir sentido por formas inesperadas na enunciação. A inversão dos elementos morfossintáticos no agenciamento da frase parece ser recorrente, o que ocasiona uma quebra na linearidade sintagmática e afeta a semantização da narrativa pelo alocutário. As manifestações linguísticas na materialidade do discurso constituíram fatos da linguagem e dos sujeitos, que configuraram o funcionamento peculiar do aparelho formal da enunciação.

Palavras-chave: Enunciação. Transtorno do Espectro Autista. Morfossintaxe. Semantização.

ABSTRACT

Children with ASD present difficulties in oral and written language and, above all, face challenges in understanding and producing morphosyntactic skills, such as the appropriate morphosyntactic structuring of sentences and the correct use of the language's grammatical rules. These difficulties manifest themselves in different ways, for example: replacing more complex words with simpler ones; omission or misuse of grammatical markers in speech; atypical ordering of words in the linearity of the sentence and difficulty in agreeing between elements in the sentence. In addition to speech symptoms, we believe that our studies can reveal peculiarities in the morphosyntactic functioning of the autistic language. Thus, the thesis has the general objective of investigating movement at the morphosyntactic level of language in children with ASD in its oral modality. The specific objectives are to identify possible morphosyntactic changes in terms of obedience to the language system and evaluate whether these can interfere with semantization, which is the axis of enunciation. The methodology adopted was a qualitative case study type, carried out with six children, who spoke Brazilian Portuguese, who were literate and cared for by the multidisciplinary team at the Association of Parents and Friends of the Exceptional (APAE), in the municipality of Serra Talhada, State of Pernambuco. , in 2022. The enunciative scenes were captured in a naturalistic way by video recordings in psychopedagogical therapy situations and during routine activities in the therapeutic environment. The collected data were analyzed, following the language acquisition enunciative approach of researcher Carmem Luci Silva who, in the light of Émile Benveniste's language theorization, seeks to investigate the constitution of the child as a speaker in their mother tongue, whether oral or graphic, through the relationships that the child maintains with their peers in their linguistic community. The collected records were illustrated in tables with clippings of the enunciative scenes and had their linguistic data transcribed with the help of NVivo software, also reporting speech situations between the child and the therapist. By analyzing the results, we can conclude that the morphosyntactic aspects of the language follow a unique structure in autism, which reveals that between stumbles and successes, there is a unique way of constructing meaning in unexpected ways in enunciation. The inversion of morphosyntactic elements in the phrase's structure seems to be recurrent, which causes a break in syntagmatic linearity and affects the semanticization of the narrative by the speaker. The linguistic manifestations in the materiality of the discourse constituted facts of the language and the subjects, which configured the peculiar functioning of the formal apparatus of enunciation.

Keywords: Enunciation, Autism Spectrum Disorder, Morphosyntax, Semanticisation.

FIGURAS

Figura 1: Exemplo de árvore sintagmática	47
Figura 2: Esquema arbóreo do sintagma na linha 33.....	70
Figura 3: Esquema arbóreo do sintagma na linha 25.....	79
Figura 4: Esquema arbóreo do sintagma na linha 19.....	84
Figura 5: Esquema arbóreo do sintagma na linha 19.....	89
Figura 6: Esquema arbóreo do sintagma na linha 29.....	94
Figura 7: Esquema arbóreo do sintagma na linha 25.....	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Fato enunciativo 1.....	65
Quadro 2: Fato enunciativo 1, segunda parte.....	66
Quadro 3: Fato enunciativo 1, terceira parte.....	69
Quadro 4: Fato enunciativo 1, quarta parte.....	72
Quadro 5: Fato enunciativo 2.	74
Quadro 6: Fato enunciativo 2, segunda parte.....	75
Quadro 7: Fato enunciativo 2, terceira parte.....	77
Quadro 8: Fato enunciativo 3.....	81
Quadro 9: Fato enunciativo 3, segunda parte.....	83
Quadro 10: Fato enunciativo 3, terceira parte.....	84
Quadro 11: Fato enunciativo 4.....	86
Quadro 12: Fato enunciativo 4, segunda parte.....	88
Quadro 13: Fato enunciativo 4, terceira parte.....	88
Quadro 14: Fato enunciativo 5.....	91
Quadro 15: Fato enunciativo 5, segunda parte.....	92
Quadro 16: Fato enunciativo 5, terceira parte.....	94
Quadro 17: Fato enunciativo 6.....	96
Quadro 18: Fato enunciativo 6, segunda parte.....	98

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	13
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	21
2.1	Estudos da linguagem: entre domínios da ordem dos signos e dos fatos humanos	21
2.1.1	Semiótica e semântica na linguística enunciativa benvenistiana	23
2.2	A perspectiva aquisicional enunciativa da linguagem.....	28
2.2.1	Linguagem: o lugar das relações intersubjetivas.....	31
2.3	Um olhar sobre a morfossintaxe sob o ponto de vista enunciativo benvenistiano	38
2.3.1	Morfossintaxe e o sentido.....	39
2.3.1.1	<i>Representações da estrutura morfossintática do sintagma.....</i>	<i>45</i>
2.4	A criança autista: um sujeito que se enuncia.....	47
2.4.1	Desafios da travessia do silêncio à palavra no TEA.....	49
2.4.2	Autismo para além do tropeço da língua em uso.....	53
2.4.3	A clínica da linguagem e a urgência do viés enunciativo benvenistiano	57
3	METODOLOGIA.....	60
4	ANÁLISE DOS FATOS ENUNCIATIVOS.....	64
4.1	Fato enunciativo 1.....	64
4.2	Fato enunciativo 2.....	73
4.3	Fato enunciativo 3.....	81
4.4	Fato enunciativo 4.....	85
4.5	Fato enunciativo 5.....	90
4.6	Fato enunciativo 6.....	96
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
	REFERÊNCIAS	104
	ANEXOS	109

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a aquisição e desenvolvimento da linguagem são de interesse comum de diversas áreas do saber, como filosofia, psicologia, fonoaudiologia, linguística, sociologia. Do conhecimento empírico ao teórico, a linguagem é objeto de estudo que se constrói a partir da relação da ciência com o cotidiano. A travessia do silêncio ao som, das vocalizações iniciais até as primeiras frases marca a emergência do sujeito e sua presença no discurso através das formas linguísticas que utiliza em seu meio. É neste agenciamento de elementos nas palavras e nas frases que os sujeitos fazem referências e correferências a todo instante, significando e dando significado na enunciação, formando novas ideias e convocando o outro ao diálogo.

A singularidade da fala da criança é um fato por si só intrigante, para mais desperta-nos o interesse maior em elaborar princípios que possam nortear o fazer clínico quanto à fala desviante nos casos de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), as quais encontram obstáculos que repercutem nos níveis pragmático, morfológico e sintático da sua língua/linguagem. Na tese, apresentamos uma pesquisa centrada nas questões da morfossintaxe da língua que desvelam o modo peculiar do autista na enunciação, que por vezes podem ser consideradas agramaticais, tais como subversões, supressões ou inversões morfossintáticas, mas que indubitavelmente marcam o modo singular da instauração da criança em sua língua. A fala não linear, ecolalia, perseveração (repetição de respostas), tangencialidade (diálogos que fogem do contexto de fala) e estereotipia estão comumente presentes nos transtornos de linguagem de crianças autistas.

Deste modo, temos como objetivo geral investigar a construção da língua a nível morfossintático e seus desdobramentos na enunciação das crianças com TEA. Interessa-nos perceber como a língua é organizada morfossintaticamente no autismo. Os objetivos específicos são de identificar prováveis alterações de ordem morfossintáticas na fala e avaliar se estas podem interferir nos aspectos semânticos e pragmáticos da enunciação. Neste mesmo viés, surgem outras discussões como segmentação do tema central, que pretendemos aqui apresentar. Afinal, haveria um padrão nas combinações morfossintáticas que se observam na fala da criança com

TEA? Por fim, interessa-nos averiguar se há uma ordem singular na morfossintaxe dos autistas que marca a enunciação dessas crianças.

Para conhecer a realidade das pesquisas na área da linguagem dos autistas é importante situar a tese no cenário dos estudos sob a perspectiva da fonoaudiologia no Brasil e a necessidade de desenvolvermos revisões acadêmicas quanto aos aspectos morfossintáticos da oralidade de crianças com TEA. Fernanda Dreux de Miranda Fernandes colaborou em diversas publicações, entre elas, sobre as funções executivas na compreensão de estruturas sintagmáticas específicas e memória de trabalho de crianças com transtornos de linguagem, em seu livro publicado em 1976 "Autismo Infantil: Repensando o Enfoque Fonoaudiológico - aspectos funcionais da comunicação". Em seguida, a autora escreveu em 2002, sobre aspectos gerais da intervenção fonoaudiológica no autismo, em especial sobre a relação do sujeito com a linguagem. Em seu livro "Atuação fonoaudiológica com crianças com transtornos do espectro autístico" contribuiu com enfoque na terapia fonoaudiológica dos transtornos psiquiátricos da infância.

Andrade, Befi-Lopes, Fernandes e Wertzner (2003), que juntas publicaram no ano 2000 o "Protocolo ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática", destacam-se pelo pioneirismo ao abordar sobre questões de avaliação e intervenção na linguagem do autista. Em 2021, Fernandes propôs o Protocolo de Avaliação das Habilidades Pragmáticas de Crianças com Transtornos do Espectro do Autismo (PAHPEA), capaz de captar indicadores de variáveis entre línguas, trazendo pontos latentes do contexto situacional, dos interlocutores e da cultura (Fernandes, 2021).

Ainda sobre a questão da sintaxe da língua em autistas, Cristina Varanda (2011) pesquisou e publicou sua tese intitulada "Consciência sintática e coerência central no espectro autístico", onde analisa prejuízos cognitivos de crianças autistas e sua relação com o desempenho em consciência sintática. Em 2017, publicou um estudo com Ingridyai e Fernandes na revista *Folia phoniatica et logopaedica* com demais colaboradores sobre estimulação das funções executivas durante intervenções fonoaudiológicas de crianças com TEA, trazendo contribuições quanto às questões voltadas à flexibilidade cognitiva e habilidades comunicativas das crianças autistas.

Barros (2011, 2016) é pioneira em desenvolver pesquisas que tratam das questões enunciativas da linguagem no autismo sob o viés benvenistianiano no nordeste brasileiro. Junto aos seus orientandos, desenvolve pesquisas com observação de grupos de crianças no espectro para investigar questões pontuais da linguagem dessas crianças entre seus pares linguísticos. No sul do país, em Santa Maria, Rio Grande do Sul, a fonoaudióloga Ana Paula Ramos de Souza desenvolve pesquisas e orienta trabalhos dos alunos na área de linguagem e saúde pública acerca das dificuldades da fala e da linguagem. Vem se destacando quanto aos estudos que convergem às questões da psicanálise e da fonoaudiologia com trabalhos que evidenciam o caráter intersubjetivo da linguagem. Recentemente, em 2022, publicou seu E-book “Clínica fonoaudiológica de linguagem com crianças pequenas e seus familiares”, introduzindo aos leitores noções das principais teorias da linguagem e suas contribuições para a clínica fonoaudiológica.

Ainda sobre a clínica dos distúrbios da linguagem, encontramos os trabalhos do fonoaudiólogo Jefferson Cardoso (2010, 2022) que se ocupam em desenvolver contribuições enunciativas benvenistianas na perspectiva clínica dos distúrbios de linguagem, trazendo particularidades dos casos submetidos a intervenção fonoaudiológica para pensar na ressignificação do olhar às “falhas” da fala. Em seu capítulo “O falante e a língua: sobre processos de associação linguística em Freud e Benveniste e a clínica dos distúrbios de linguagem”, o autor traz reflexões sobre o falante e a língua, enfatizando as relações que sustenta com a língua por intermédio do interlocutor.

Recentemente Guimarães (2022) dissertou sobre as habilidades linguísticas em pré-escolares diagnosticados com TEA com objetivo de identificar as dificuldades gramaticais no desempenho de tarefas de compreensão da linguagem escrita, obtendo resultados que revelam obstáculos na interface sintaxe-semântica e outras complicações que se refletem na escrita, particularmente em uma produção textual pobre para a faixa etária. A autora relata as dificuldades encontradas nas produções textuais em seus grupos de estudo, quanto a interface sintaxe-semântica oral e na escrita de sentenças complexas e/ou reversíveis. Concordamos com a pesquisadora ao afirmar que as habilidades morfossintáticas não são aspectos comumente estudados na literatura do TEA, mas que merecem maior atenção por encontrarmos alterações significativas nelas.

Todos os estudiosos brasileiros acima citados buscaram contribuir com os aspectos da linguagem de pessoas dentro do espectro do autista e têm colaborado para o aprimoramento da prática clínica dos transtornos da linguagem. Contudo, encontramos escassez das pesquisas que se ocupam das questões sobre a morfossintaxe do ponto de vista da linguagem oral do autista, talvez pela própria complexidade dos instrumentos para realização da pesquisa ou por não priorizar o tema frente à complexidade dos sintomas de fala apresentados pela criança com TEA.

No intento de contribuir com os estudos da linguagem oral e, sobretudo, no que cabe a morfossintaxe da língua da criança com TEA, concordamos com Barros (2011a) quando afirma que é preciso perceber a emergência do sujeito mesmo quando há ausência do balbúcio, da fala e de outras habilidades linguísticas esperadas para a idade da criança. Sabemos que há um transtorno que particulariza a sua interação com os demais, mas também há um modo singular de manejar a própria língua na oralidade. As vocalizações, gritos e fala ininteligível são indicativos de que a criança autista é afetada pela linguagem. O modo singular de movimentar a língua morfológico e sintaticamente marcaria sua enunciação, corroborando com a afirmação de Barros (*op.cit.*), que o sujeito autista está na linguagem e nela se constitui de modo peculiar.

A “ausência de fala” e as “manifestações estranhas” dão lugar à convocação do sujeito a ocupar seu lugar na linguagem em todas as dimensões. Portanto, encontramos abrigo nas reflexões de Benveniste que permite abertura ao diálogo sobre a presença humana na língua e na linguagem. Reconhecemos na tese, as obras de Émile Benveniste, “Problemas de Linguística Geral I”, originalmente publicada em 1966, e “Problemas de Linguística Geral II”, originalmente publicada em 1974, que destacam a complexidade da linguagem, considerando tanto os aspectos estruturais e sistemáticos, quanto os aspectos situados e contextualizados do discurso.

Em seu texto “A forma e o sentido na linguagem”, no PLG II, Benveniste sugere que consideremos a questão da enunciação pela via da linguagem e não apenas da métrica da fala. Não buscamos ir pelo caminho da gramática normativa nesta tese, pois aqui não discutiremos regras gramaticais, mas interessa-nos averiguar a forma que o sujeito coloca a língua em funcionamento por um ato individual de enunciação.

Afinal, voltar nosso olhar ao ato enunciativo é considerar a narrativa um lugar de realce ao sujeito e seus desdobramentos. Benveniste (2006) ressalta a riqueza e diversidade da linguagem como uma capacidade humana geral, enquanto destaca a estrutura e as convenções da língua como um sistema específico. Para o autor, a língua é composta de partes que estão vinculadas entre si por uma relação de interdependência e de solidariedade. Ou seja, a relação entre os signos deve submeter-se ao sistema da língua para subsidiar a interpretação do outro.

No ato enunciativo coocorre o simbólico da linguagem e a constituição do indivíduo na sociedade. É nele que há a retomada de acontecimentos no aqui-agora da enunciação, mas não como uma mera repetição do que se passou, mas uma recriação em forma de sintagmas, que com suas combinações mobilizam elementos que revelam arranjos singulares e produzem sentidos diversos no discurso narrativo (Diedrich, 2022).

Centramos nossos estudos na palavra, nas unidades inferiores (morfemas) e superiores (frases) e em suas combinações no domínio do discurso para analisar a semantização da criança com TEA. Temos como questionamento principal se é possível encontrar uma estrutura morfossintática singular no autismo que aponte para o modo do autista estar na língua. Outro ponto é verificar como ocorre o agenciamento dos signos, da atribuição de referências para organizar o enunciado diante da exigência do aqui-agora. Os estudos de Barros (2011, 2016) sugerem haver uma aparente rigidez no eixo sintagmático¹ caracterizada por uma estrutura própria ao sistema linguístico no autismo, que o torna único. Isso significa que haveria algo singular na organização linear dos signos linguísticos em uma cadeia ou sequência, como palavras em uma frase, morfemas e/ou palavra na enunciação do sujeito autista.

Para desenvolver a tese apresentamos o constructo teórico agrupando os temas em seis capítulos, os quais foram organizados da seguinte maneira: *capítulo 1- Estudos da linguagem: entre domínios da ordem dos signos e dos fatos humanos* onde fizemos um levantamento dos principais estudos quanto a abordagem

¹ O eixo associativo e o sintagmático são conceitos utilizados na linguística, originalmente por Ferdinand de Saussure, para apresentar as relações entre palavras e elementos linguísticos. O eixo sintagmático, **em específico, refere-se** às relações lineares de combinação entre elementos linguísticos da cadeia da fala. Neste eixo, as unidades linguísticas são dispostas em ordem linear, seguindo uma estrutura gramatical e semântica própria (Fiorin, Flores e Barbisan, 2013).

aquisicional da linguagem, desde as primeiras correntes da linguística até às atuais, para formular a visão prospectiva que apresentamos sobre as relações que não reduzam a linguagem à língua. Evocamos a discussão da linguagem em termos de semiótica e antropologia linguística, que são temas que oferecem perspectivas distintas para entender a linguagem, explorando tanto seus aspectos simbólicos quanto suas manifestações nas práticas sociais e culturais.

No *capítulo 2 – A perspectiva aquisicional enunciativa da linguagem*, adentramos nas questões sobre a linguagem no lugar das relações intersubjetivas a partir dos preceitos de Silva (2009). A inclinação da autora pela teoria da enunciação pelas lentes de Benveniste, originou-se da demanda de averiguar a língua especificamente voltada à enunciação pelo caráter intrínseco da intersubjetividade na linguagem, que tenta dar conta da matéria da significação articulada à própria noção de signo.

A escolha pelo referido método enunciativo aquisicional da linguagem reflete a necessidade de explicar o fenômeno da aquisição da linguagem na perspectiva da atipicidade da oralidade da criança. Estudar os pormenores da travessia da criança do silêncio à fala é considerar a relação da criança com sua língua levando em conta não apenas a forma, mas investigar o modo que a criança dá sentido aos signos no discurso.

No *capítulo 3 – Um olhar sobre a morfossintaxe sob o ponto de vista enunciativo benvenistiano* abordamos as questões na interseção da morfologia e sintaxe da língua a partir do capítulo “Níveis de análise linguística”, do PLG I, sem deixar de considerar que estes níveis sejam interdependentes aos demais que compõem a linguagem. De acordo com Benveniste (2005) é indispensável tratar a enunciação a partir do seu caráter transversal, que por ser ato põe os níveis da linguagem em congruência e inter-relação.

Sabemos que a morfossintaxe é a composição de dois níveis linguísticos, morfologia e sintaxe, que embora sejam distintos, estão vinculados pela própria função no eixo sintagmático da linguagem, em nível de palavra e frase. Os elementos constituintes da palavra e da sentença obedecem a uma ordem e estruturação hierárquica dos sintagmas maiores cujas relações semânticas e de concordância

operam em conjunto para compreensão da língua pelo interlocutor (Foltran, Knopfle & Carreira, 2017).

Conforme Castro (2011, p.174) “o sujeito falante, que sofre efeito das evocações se move nos eixos paradigmáticos e sintagmáticos da língua”, deste modo, em havendo alterações morfossintáticas é possível que prejudiquem em maior ou menor grau os demais níveis da linguagem. Nessa perspectiva, procuramos investigar melhor o modo de se enunciar entre a forma e o sentido, sua singularidade e peculiaridades quanto ao seu funcionamento morfossintático na língua/linguagem. Com a finalidade de marcar sobretudo nosso lugar de fala, observamos que é necessário fazer um breve resgate ao construto teórico das correntes de estudos da linguagem.

E para adentrarmos nas questões referentes aos sujeitos da nossa tese, no *capítulo 4 – A criança autista: um sujeito que se enuncia*, focamos o estudo sobre o autismo do ponto de vista da enunciação. Trataremos um pouco da relação entre sujeito, língua e linguagem para buscar respostas quanto à organização da língua no nível morfossintático na criança com autismo. Para além de darmos voz ao suposto silêncio, objetivamos neste capítulo ressignificar a fala sintomática da criança diagnosticada com autismo e levar principalmente em consideração as questões relacionadas à linguagem sob a ótica dos estudos enunciativos de Benveniste (2005, 2006) no que tange o aspecto morfossintático da linguagem.

No *capítulo 5 – Metodologia* detalhamos sobre como realizamos a pesquisa, que foi qualitativa, do tipo estudo de caso, contando com gravação de seis crianças diagnosticadas com autismo em cenas enunciativas do atendimento psicopedagógico, na Associação de Pai e Amigos dos Excepcionais (APAIE), do município de Serra Talhada, no estado de Pernambuco, Brasil. Os fatos enunciativos gravados foram transcritos com apoio do software NVivo e analisados à luz da perspectiva aquisicional enunciativa da linguagem de Silva (2009), onde os dados empíricos devem ser criteriosamente descritos pelo olhar científico dos acontecimentos passados e os fatos presentes na estrutura da enunciação das crianças participantes do estudo.

No *capítulo 6 – Análise e discussão dos fatos enunciativos* apresentamos as cenas enunciativas em quadros contendo recortes de cenas enunciativas dos seis participantes da pesquisa e seus respectivos terapeutas, durante a realização da

gravação. Levamos em consideração que a criança com TEA carrega consigo uma multiplicidade de desdobramentos no seu desenvolvimento global, e que precisamos entendê-la como sujeito da própria fala.

No capítulo das *Considerações finais* reunimos reflexões conclusivas a partir do confronto dos fatos enunciativos expostos nas discussões e a teoria aquisicional enunciativa da linguagem. Constatamos a importância de investigarmos a morfossintaxe da linguagem oral das crianças autistas para aprimorarmos o fazer clínico e despertar estratégias pedagógicas que norteiam o processo de ensino e aprendizagem escolar. Embora o conhecimento prévio da complexidade em investigar o modo singular da criança com TEA movimentar morfossintaticamente sua língua na oralidade, constatamos a necessidade de realizar maior número de pesquisas que auxiliem a prática fonoaudiológica, bem como demais profissionais envolvidos no processo de desenvolvimento da linguagem oral e escrita dos autistas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Estudos da linguagem: entre domínios da ordem dos signos e dos fatos humanos

Como sabemos, a linguagem vem sendo estudada pelas áreas das ciências que se interessam pelos fatos da língua, do homem e suas interseções. Dos estudos filosóficos na Grécia à virada do século XIX para XX, o estudo da linguagem foi ganhando estatuto de ciência autônoma, a linguística, principalmente a partir dos preceitos do linguista e filósofo suíço Ferdinand de Saussure, cujos pensamentos serviram de base ao estruturalismo europeu. Desde então, a linguística assistiu a uma abundante produção de novas concepções e perspectivas de linguagem enquanto sistema e de como a língua influencia e é influenciada pelo falante.

O estudo da linguagem pela corrente estruturalista se desenvolveu de maneira independente nos continentes europeu e norte americano. Contudo, ambos levaram em consideração as questões das línguas naturais como sistemas autônomos e que a estrutura linguística é arbitrária, ou seja, fruto de convenção dos falantes. O estruturalismo tomou rumos diferentes no que se refere aos conceitos teóricos e a própria noção de estrutura para a linguística. Saussure, por exemplo, usou a palavra sistema para falar sobre a estrutura da língua, afirmando ser composta por partes de um todo, que se interrelacionam de forma organizada e interdependente (Carvalho, 1997).

Segundo Rajagopalan (1997), o estruturalismo norte-americano, representado pelos trabalhos de Bloomfield, recebeu influência do behaviorismo e do positivismo lógico. Nesta versão as línguas, principalmente ameríndias, eram estudadas de forma sincrônica, sendo descritas morfológica e sintaticamente partindo das decomposições dos elementos das palavras e frases em unidades menores. “[...] Os linguistas do período estruturalista se sentiam obrigados a estudar tão somente o comportamento linguístico dos outros e jamais seu próprio comportamento linguístico enquanto falantes da sua língua materna.” (Rajagopalan, *op.cit.*, p.75)

A linguística estrutural americana foi perdendo gradativamente espaço com a chegada do gerativismo ou gramática gerativa transformacional de Noam Chomsky,

em 1950. O cientista teorizou a linguagem como faculdade humana de forma explicativa no intento de dialogar com estudos de bases físicas e psicológicas e propiciar um “[...] novo objeto de estudo, a competência sintática, entendida como uma capacidade ou disposição dos falantes, ou seja, como um objeto mental [...]” (Ilari, 2007, p.84). A genialidade chomskiana de representar a linguagem em sua forma processual leva-nos a considerar a competência sintática e o desempenho linguístico como um objeto de estudo dentro de uma perspectiva do falante ideal, que eventualmente nos ajuda a perceber o que pode dezoar nos casos desviantes.

Na Europa, o estruturalismo linguístico teve como precursor o suíço Ferdinand de Saussure que integrou à linguística a semiologia, definiu a língua como um sistema de signos e a estudou a linguagem a partir do olhar às dicotomias (significante/significado; sincronia/diacronia; sintagma/paradigma; língua/fala) para observar sua estrutura própria. Fortemente influenciado pelos preceitos saussureanos, o linguista francês Émile Benveniste propõe, ao longo de sua obra, reflexões sobre o homem, a linguagem e a língua. No livro “Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure”, Flores (2017) desenvolve uma visão crítica para criação da imbricação homem/linguagem que é necessária e constitutiva à linguística. Segundo Benveniste (2005, 2006) a linguagem é fonte de conhecimento da cultura de um povo, do mundo, que a pratica de forma organizada, concebendo muitos tipos de descrições e regras estruturantes e sistemáticas, que são condicionantes de uma determinada língua.

Os estudos de Benveniste tentam explicar diversos aspectos da linguagem, sobretudo quanto à morfologia, sintaxe e semântica, abrindo possibilidades de discussões científicas com distintas áreas de conhecimento como antropologia, filosofia, sociologia. Em meados de 1970, a recepção das obras de Benveniste pela linguística brasileira foi incentivada pelo interesse na temática da enunciação. O caráter pragmático e normativo de tal concepção de linguagem implica numa concepção específica de como o homem está na língua. Nessa perspectiva, Flores (*op.cit.*) concorda com os preceitos do filósofo Humboldt em 1982, afirmando que embora a língua seja particular, cada falante é singular, a língua existe como possibilidade de vida em sociedade. Como afirmou Benveniste (2005, p.285),

“Não atingimos nunca o homem separado da linguagem, e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem

reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem.”

Nesse trecho, percebe-se que “um homem falando com outro homem” se refere à instância² do discurso, há uma troca de palavras que se atualiza a cada enunciação. Essa relação só é possível porque o homem está na linguagem, colocando a língua em funcionamento através de sua fala, que é dirigida ao outro.

Claro que essa questão sobre a influência das relações entre indivíduos e sociedade é antiga e filósofos e sociólogos já contribuíram com as discussões há séculos. Contudo, relegar o papel do sujeito da enunciação é deixar de dar importância ao irregular da linguagem do sujeito. Um ponto fundamental a considerar na clínica dos transtornos de linguagem é o fato de que falar implica sempre o outro, apenas no indivíduo é que a língua recebe determinação última. Então quando o locutor fala, ele se dirige ao outro, que por sua vez encontra-se imerso no mesmo sistema, a língua.

No entanto, para se ressignificar aquilo que foge do esperado no período de aquisição e desenvolvimento da linguagem da criança, parece ser imprescindível, considerar o fator social, individual e o caráter acidental do uso da língua que movimenta a linguagem oral da criança. Veremos no tópico a seguir o que a linguística enunciativa benvenistiana pensa sobre as questões da semantização a partir do uso das formas.

2.1.1 Semiótica e semântica na linguística enunciativa benvenistiana

De acordo com Benveniste “[...] a língua é um arranjo sistemático de partes. Ela é composta por elementos formais articulados em combinações variáveis, segundo certos princípios da estrutura” (Benveniste 2005, p. 22). Mas isso não

² O termo “instância do discurso” é utilizado por Benveniste quase sempre acompanhado do termo “enunciação” e significa o momento sempre presente em que o locutor se enuncia. É, portanto, um índice de temporalidade que serve de atualização de produção de frases (Flores, 2009).

significa que pode ser posta em uso sem critérios, não há como concebê-la sem que se respeite um conjunto mínimo de princípios dentro de uma convenção de regras. A disposição e a combinação dos elementos entre si e as demais sentenças resultam em numerosas relações entre unidades em níveis distintos que sustentam a estrutura da língua de forma estruturada.

Benveniste (2005) propôs uma abordagem que considerava forma e função como aspectos inseparáveis na linguagem, destacando a importância de analisar não apenas a forma, mas também a função das unidades linguísticas. Isso porque a concepção de língua de Benveniste perpassa a noção pura de sistema quando atribui à significação um papel fundamental à sua subsistência. O linguista afirma no texto “Estrutura em linguística”, publicado na obra PLG I, que a relação de interdependência das partes do sistema da língua permite a organização, delimitação e diferenciação das unidades mutuamente. A estrutura formal da língua determina padrões dos planos de cada elemento significativo, bem como estabelece suas interdependências e combinações possíveis. Neste sentido, concordamos com Benveniste (*op.cit.*, p.24) que “a língua é um sistema que tudo significa em função do conjunto”.

Entretanto, é importante saber que nem tudo é possível na língua e toda forma linguística obedece a um número finito de arranjos de acordo com a sua função, sendo cada nível linguístico a função das relações distribucionais e integrativas que suas unidades têm. Segundo Benveniste (*op.cit.*, p.23),

“[...] embora a estrutura do sistema comporte número finito de elementos e permite grande número de combinações, elas devem obedecer às regras da relação entre os dois eixos da língua, o sintagmático e o paradigmático.”

Isso significa que embora essas combinações encontrem-se perfeitamente submetidas às normas morfosintáticas gramaticais de uma dada língua elas podem, ainda assim, não serem ressignificadas pelo outro. Então, as unidades pertencentes a um nível da linguagem específico quando são distribuídas aos outros níveis são denominadas de unidades constituintes e por conseguinte foram integrantes de um nível superior anteriormente (Flores, 2010). Dessa forma, a língua abastece um modelo de sistema formal que a atualiza a cada relação entre signos, semiótico, e que

engendra no discurso a função produtora de mensagem, rica em referências que reconhecem enunciações passadas e atuais.

Silva (2018) após releitura do texto “A forma e o sentido na linguagem” de Benveniste, considera que o autor propõe implicações que ultrapassam os estudos gramaticais e textuais por apresentar desdobramentos quantos aos domínios semiótico e semântico da língua em uso pelos falantes. Embora o conceito de língua assumido por Benveniste considere o sistema de signos linguísticos solidários entre si, chama atenção a existência dos dois modos de significância, o semântico e o semiótico. Este vínculo traduz a dependência de estudarmos ambos sem desmembrá-los, visto que as leis que regem os signos agem sobre o próprio seio da vida. Se por um lado o papel dos signos é representar, a necessidade de organizá-los mentalmente no mundo é a própria condição humana de conviver em equilíbrio na sociedade.

Em “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, Benveniste (2005) pontua a importância de adentrarmos nas questões da língua como um arranjo de partes que articuladas em cabíveis combinações compõem um sistema. O autor aborda de forma objetiva a preocupação com a análise das unidades elementares da língua, mas sem perder o foco no caráter sistêmico capaz de constituí-la em movimento para fazer sentido no discurso.

Mais adiante no texto, Benveniste (*op.cit.*) retorna as explicações sobre a significação como vocação original da linguagem em consonância às funções da linguagem, quando destaca as relações entre os elementos que compõem o sistema de línguas. Isto posto, o autor esclarece que

“[...] descrever essas relações, definir esses planos, é referir-se à estrutura formal da língua; e formalizar assim a descrição, é – sem paradoxo - torná-la cada vez mais concreta reduzindo a língua aos elementos significantes de que ela se compõe unicamente e definindo esses elementos pela dependência mútua.” (Benveniste, *op.cit.*, p.23-24)

No trecho, vemos Benveniste (*op.cit.*) definindo que os arranjos linguísticos obedecem a leis próprias de dependência entre os elementos em que não é possível se obter um infundável número de unidades linguísticas. Para o autor, uma estrutura

linguística é caracterizada pelas distribuições e combinações possíveis entre as unidades da língua, as quais

“[...] dependem, realmente, de dois planos: sintagmático, quando se encaram nas suas relações de sucessão material no seio da cadeia falada, paradigmático quando se propõem em razão de possível substituição, cada um no seu nível e dentro da sua classe formal.” (Benveniste, 2005, p.23)

Muito embora saibamos que a capacidade de enunciar seja um fato humano, também é verdade que a combinação de signos não deve restringir-se a constatação empírica engendrando-se a qualquer modo, pois todo sistema semiótico obedece às regras de arranjo que governam suas unidades, não obstante a natureza do discurso que o sistema permite criar. Desta maneira, consideramos que a língua é constituída por unidades, sendo o signo uma unidade significativa da linguagem, cuja significância ora depende-se das relações habituais ao mundo, ora é colada ao próprio signo.

Segundo Benveniste (2006), existem três tipos de relações entre os sistemas semióticos que nos ajuda a entender como a língua possibilita interpretar todos os outros sistemas, sejam eles linguísticos ou não. São eles: 1º relação de engendramento, que oportuniza construir um a partir do outro; 2º relação de homologia, que instaura conexões entre sistemas distintos e; 3º relação de interpretância, que dá a existência material a uma língua, a partir de outra que a interpreta. As relações semiológicas acontecem na língua em funcionamento pela enunciação, onde falar é sempre fazer referência a uma situação dada a alguém. O movimento interpretativo do adulto convoca novas relações de significância, num ciclo de ressignificação constante. Ou seja: o critério para determinar se algo significa ou não é estabelecido pelos sujeitos, “eu” e “tu” no discurso, em referência a algo no presente da cena enunciativa.

No texto “A forma e o sentido na linguagem” Benveniste (*op.cit.*) constata questões essenciais para formularmos a noção de semântica e semiológica impetradas na linguagem,

“[...] o signo semiótico existe em si, funda a realidade da língua, mas ele não encontra aplicações particulares; a frase, expressão do semiótico, não é senão particular. Com o signo tem-se a

realidade intrínseca da língua; com a frase liga-se às coisas fora da língua; e enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor.” (Benveniste, 2006, p. 230)

O caráter bilateral do signo, significante e significado, nos leva a considerar que tratar de signo é sempre caracterizar forma e sentido, sejam eles em unidades menores ou compostas. Os fonemas que compõe um dado signo seguem sequência formal de números restritos de unidades sonoras e condicionam determinado significado. Por conseguinte, o inventário de uma língua é composto por signos formais, no inventário de fonemas que a estrutura formal dos significantes de cada língua permite.

O signo é dotado de significação pelos que o usam na comunidade e a totalidade destes signos a delimita. Conforme Benveniste (*op.cit.*) a classificação semiótica dos signos possibilita distinguir fonemas de componentes formais de significantes.

Para Benveniste (*op.cit.*, p.226),

“[...] os semio-lexemas, que são os signos lexicais livres; dos semio-categoremas que são sub-signos classificatórios (prefixos, sufixos, etc.) que ligam classes inteiras de significantes, assegurando desta forma grandes unidades, superiores às unidades individuais, e por fim dos semio-fonemas que não são todos os fonemas da nomenclatura corrente. Mas aqueles que, como se acabou de indicar, caracterizam a estrutura formal do significante.”

A semiologia norteia os critérios de aceitabilidade dentro da convenção da língua enquanto totalidade, mas o que é da ordem do significado fica a cargo do uso e da compreensão. A noção semântica, por sua vez, age como mediadora entre os homens e entre o homem e mundo, pondo o emprego da língua em ação. Para Benveniste (*op.cit.*), a expressão máxima da semântica é a frase, que é a atualização linguística do pensamento do locutor, que coloca a língua em ação. Nessa premissa, o signo funda a realidade da língua, escapa à vontade individual ou social.

Diferente do signo, a frase é realizada na língua por escolha de palavras, organização sintática e relações referenciais entre frases anteriores e o presente do locutor. Substituições, e conexões de palavras são operações cotidianas fundamentais para transmissão de uma ideia, desde que obedeçam a morfossintaxe específica capaz de ser compreendida pelo interlocutor. Daí a importância das circunstâncias de fala que imprimem na forma verbal uma regra morfológica condizente ao aqui-agora do discurso. Pensar nestas questões é também refletir quanto ao deslizamento dos elementos no eixo sintagmático pela criança e suas ações de escolha de termos, alinhamento dos mesmos em frases e seu engendramento no discurso.

Em “A forma e o sentido da linguagem”, Benveniste (2006, p.232) afirma que “[...] o sentido da palavra mora na capacidade de ser integrante de um sintagma particular e de preencher uma função proposicional”. Ela faz referência ou reporta uma dada situação no discurso, em que o sentido da palavra é dado pelo seu emprego na frase. Já o sentido da frase está ligado à totalidade da ideia, ou seja, compreendemos cada unidade semântica por vez para contextualizar e materializá-la no discurso.

Por conseguinte, a forma da frase é constituída pela junção das unidades semióticas, mas que está totalmente no interior do campo do semântico. Da noção de frases, vem outra também importante sobre a capacidade de geração de inúmeras novas frases pelo locutor, que segundo Benveniste embora vá esbarrar na estrutura formal de cada língua, não deixa de estar no semântico. No capítulo a seguir iremos expor minuciosamente a atribuição de referência que está na língua em uso de acordo com as relações intersubjetivas que importa saber na construção da linguagem a nível morfossintático na instância do discurso.

2.2 A perspectiva aquisicional enunciativa da linguagem

O objeto da perspectiva aquisicional enunciativa da linguagem é heterogêneo, pois em cada campo da enunciação há uma diversidade de modelos teóricos de interesses distintos (Flores, 2010). Contudo se propõe a observar o fenômeno da aquisição da linguagem oral sob o ponto de vista do sentido, não apenas na forma por ela mesma, mas sob a ótica dessa interlocução. O sentido não é algo que se

acrescenta à morfologia, à sintaxe, ao léxico, mas é algo que atravessa e permeia todos os níveis e unidades linguísticas.

Sabemos que, ao tratar da enunciação, as discussões epistemológicas de Benveniste provocaram uma cisão do que já era conhecido na linguística como sistema linguístico, enquanto instância intralinguística, trazendo para o campo da linguística o sujeito, no momento em que destaca a fala suscitando as categorias de pessoa, espaço e tempo, às quais Benveniste (2006) atribuiu o aparelho formal da enunciação, abrindo a possibilidade ao extralinguístico. O estudo da linguística enunciativa, diferentemente da linguística puramente da língua, permite inaugurar a noção de intersubjetividade³ que estabelece o foco dos estudos a partir da noção de pessoa, pondo em relevo o sujeito do dizer. O “eu” ocupa lugar na situação enunciativa, colocando sua ideia em relações de palavras na situação do discurso. A parceria com o “tu” é fundamental para movimentar a língua em sua realidade do momento remetendo sempre aos fatos já dados anteriormente.

O destaque feito por Benveniste (2005) à questão dos pronomes como fato de linguagem característico da instância conjugada do discurso, ou seja, “eu” e “tu” resultam da atualização da língua a cada instante único e singular em que ela é posta em ação por um locutor. Consequentemente, o “tu” surge de modo semelhante no discurso como indivíduo alocutado cada vez que há referência ao “tu”. Contudo, é preciso que os locutores se apresentem como “eu” ou como “tu” no discurso. Ao lado dos indicadores de tempo e espaço, os pronomes pessoais “eu” e “tu” compõem a categoria da dêixis representativa da subjetividade na linguagem.

No entanto, a presença do “eu” só é permitida pela cessão do lugar do “eu” do interlocutor em um movimento de troca de posição dos sujeitos na linguagem. Ou melhor, é preciso que o “tu” reconheça a posição subjetiva de falante do seu interlocutor e ceda seu lugar outrora de locutor, caracterizando a atualização da língua no discurso, a cada nova tomada de posição durante a enunciação.

³ A subjetividade e a intersubjetividade são conceitos recorrentes em Benveniste e estão interrelacionados, mas têm significados distintos no campo da filosofia, psicologia e teoria social. Enquanto a subjetividade se concentra na experiência interna e única de um indivíduo, a intersubjetividade envolve a interação e compreensão compartilhada entre sujeitos, “é a condição da experiência humana inerente à linguagem” (Flores, 2009, p.146).

A concepção de Silva (2009) sobre a aquisição da linguagem na perspectiva da enunciação, baseia-se nas concepções de Benveniste e envolve delimitações dos campos de enunciação e aquisição da linguagem. Tal perspectiva leva em consideração que as formas e os sentidos na linguagem são atualizados via ato enunciativo, portanto, é a relação com o outro e com o mundo que constituem o sujeito na singularidade do discurso (Diedrich, Golembieski & Boldori, 2023). Obviamente que não cabe ao sujeito o protagonismo de tudo, não é no sentido revolucionário, mas é da singularidade, que advém da historicidade que está na língua e ao mesmo tempo que está no particular de cada criança.

Os manejos vocais e gráficos estão numa relação constante e necessária da criança com a língua em situações de interlocução (movimento prospectivo). Na aquisição da língua em sua realização vocal/fônica, a criança, em relações com o outro e com o mundo, vivencia o simbólico da linguagem, o que lhe permite fazer abstrações, via manejos vocais das formas fônicas, acerca da configuração do sistema linguístico a partir do reconhecimento do signo sob a espécie da palavra (Diedrich, Golembieski & Boldori, *op.cit.*).

Em linhas gerais, o alcance desse vocal e viso-gestual se dá pelo manejo e mediação, que colocam em evidência o aparelho vocal responsável pela produção e percepção da língua, nessa relação considerada intersubjetiva. A língua pode ser abstraída pela criança a partir do seu próprio manejo de unidades já dadas na língua, as quais podem ser renovadas de forma singular. A ideia de que a criança não nasce na natureza, mas na cultura é reforçada quando percebemos que o que ela adquire com a língua é um mundo no qual ela vive, refletindo a realidade que a linguagem lhe dá e sobre a qual ela aprende a agir. É a própria vida dessa criança. Interessa-nos conhecer como, por meio de manejos vocais de formas fônicas, na relação com o outro e com o mundo, a língua é “inculcada” na criança concomitantemente ao reconhecimento e abstração das unidades pela criança a partir da sua entrada no sistema da língua, e ainda contando com o desafio próprio do transtorno de linguagem das crianças com TEA.

A travessia na aquisição da linguagem deixa clara a relação da criança com sua língua, sem que se priorize a forma, mas as mudanças que o sujeito e a linguagem sofrem no decorrer da aquisição. O sujeito da aquisição é linguístico e enunciativo, pois é pela língua que ele se constitui como sujeito em relação com outro e com o

mundo. No momento em que a criança começa a utilizar a linguagem, já está imersa em um mundo nomeado, mas que precisa ser recriado para que a criança possa mostrar sua posição de sujeito em um espaço e tempo definido (Silva, 2009).

Lorandi (2008) afirma que é necessário que o outro a torne sujeito da aquisição para que a criança adquira linguagem. As irregularidades verificadas no dizer da criança apontam para a não-unicidade da língua definida em termos de relações e, por isso, para pensar em aquisição da linguagem, como avalia Silva (*op.cit.*, p. 161), “é preciso partir de uma noção de língua materna que comporte a singularidade que inscreve aquele que a articula, ou seja, o sujeito”, pressuposto que delimita e unifica a heterogeneidade do campo enunciativo.

“A ordem própria da língua se atualiza no discurso” (Silva, *op.cit.*, p. 141), concebido, segundo a autora, com a instância de uso da língua. É língua ainda, mas é língua em ato. Logo, qualquer fenômeno linguístico carrega a potencialidade de um estudo em enunciação, uma vez que sua existência depende daquele que o enuncia. Por isso, a perspectiva aquisicional enunciativa benvenistiana não é um modelo pronto e acabado, mas possibilita sempre produzir um novo a partir dela. É este potencial de pôr a língua em movimento pelo ato individual do sujeito, pressupõe a existência do outro que só pode ser assim considerado pela situação de discurso.

A seguir adentramos nas questões do funcionamento da língua pela criança na produção de sentidos a partir das trocas com seus parceiros enunciativos.

2.2.1 Linguagem: o lugar das relações intersubjetivas

Benveniste (2005) não pensou no sujeito, mas definiu subjetividade. No texto de 1958, “Da subjetividade na linguagem”, o linguista a definiu como a capacidade do locutor de se posicionar como sujeito. Diante disso, para pensar nesse sujeito que é constituído pela linguagem e é efeito dela, é preciso pensar também na sua constituição na enunciação por meio de marcas de pessoa, de espaço, de tempo e de todas as formas de combinação de palavras no discurso. Silva (2009) complementa a noção de intersubjetividade como condição necessária para que a criança internalize a estrutura linguística e sociocultural a cada ato enunciativo. O homem apropria-se da

língua pela vivência de suas experiências na linguagem e assume seu papel de sujeito a partir de suas relações com o outro (Diedrich, 2017).

O sujeito não se faz no reconhecimento de si como indivíduo, mas na troca de experiências vividas por contraste e complementaridade entre o “eu” e o “tu” no exercício da língua. É essa relação interpessoal que fundamenta e possibilita a subjetividade na linguagem. Benveniste (2005, p. 289) de algum modo propõe existência de formas “vazias” das quais cada locutor se apropria para referir a “pessoa”, por vezes como “eu” e também se propõe a tornar-se o “tu”, tantas vezes for necessário no discurso. Ou seja, a

“[...] condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne “tu” na alocação daquele que por sua vez se designa por “eu”. [...] A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como “eu” no seu discurso. Por isso, “eu” propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo “tu” e que me diz “tu””. (Benveniste, *op.cit.*, p. 286).

A partir dessa premissa, podemos concluir que o sujeito da linguagem da enunciação é cultural, por que ele nasce e cresce numa sociedade particular. Por cultura, Benveniste (*op.cit.*) entende por um conjunto de valores, hábitos, prescrições, intervenções que vão reger os usos linguísticos e as relações humanas num grupo social. Além de cultural, acreditamos que o sujeito também é dialógico ou alocucional, porque ele se constitui e é constituído no diálogo, na alocação. Antes de convocar, ele é convocado pelo outro a se enunciar na sua língua, sendo a condição para instauração deste sujeito.

Normand (2007) atribui a Benveniste a passagem da noção de sujeito falante (o homem) à noção de sujeito da enunciação ou de enunciação, termo não mencionado por Benveniste. O sujeito da aquisição é linguístico e enunciativo, pois é pela língua que ele se constitui como sujeito e a relação dele com outro e com o mundo produz forma, sentido e referências no discurso. Então através das formas verbais, nominais, pronominais, adverbiais, entre outros, o sujeito vai sendo constituído como sujeito dessa língua.

Silva (2009) teoriza a noção de sujeito da enunciação através da teoria lacaniana onde o locutor realiza o ato enunciativo e o “eu” como forma da língua que, em ação no discurso, marca a presença da pessoa – experiência de uma relação reversível entre o falante e o seu parceiro. Segundo Silva (*op.cit.*) o locutor assume a língua e implanta o outro diante de si (alocutário), ele necessita referir pelo discurso e o alocutário possibilita a correferência, formando assim a estrutura do diálogo. A condição de intersubjetividade é que torna possível a comunicação linguística – “é sempre ao ato de fala no processo de troca que remete à experiência humana inscrita na linguagem” (Benveniste, 2005, p. 80).

Influenciada pelo filósofo francês Dani Robert Dufour *apud* Silva (*op.cit.*) vai propor que Benveniste seja um dos grandes nomes que contribui para pensarmos numa ciência não mais binária, mas trinitária. Segundo Silva (2007, 2009) as três instâncias da intersubjetividade envolvem: uma relação cultural entre os homens situados em uma cultura de uma sociedade; uma relação dialógica ou alocucional entre locutor e alocutário (estrutura dialógica); uma relação linguístico-enunciativo entre formas que vão materializar a presença do locutor e alocutário. (eu e tu). Essas instâncias da intersubjetividade são desdobradas em dois grupos que são as relações diádicas (entre dois termos) e as relações trinitárias (entre três termos).

A enunciação, segundo Benveniste (2006), implica noção de processo por ato de utilização da língua, situação imanente ao exercício da linguagem. É a realização individual de apropriar-se do aparelho formal da língua e sua conversão em discurso a partir de índices específicos (indicadores de pessoa, tempo e espaço) e procedimentos acessórios (agenciamento). Ou seja, a referência no discurso através dos indicadores das categorias de pessoa, tempo e espaço se revelam pela enunciação, mas também estão submetidos às regras de seu agenciamento das formas. A enunciação oferece o cenário preciso das grandes funções de combinações sintáticas.

No texto “Aparelho formal da enunciação”, Benveniste (2006, p.82) fala que a relação do locutor com a língua vai definir “os caracteres linguísticos da enunciação”. Neste sentido, as relações enunciativas e as instâncias de subjetividade resultam na ideia de duas alteridades, que para Silva (2009) é a alteridade com o outro da alocação (tu) e com o outro da cultura (Ele). Conseqüentemente, para a autora, no quadro figurativo da enunciação (estrutura do diálogo) o “eu” e o “tu” designam o locutor e o

locutário; o “ele” a língua em ato; e o “Ele” representa a cultura. Embora o “Ele” não seja representado linguisticamente na linearidade do discurso, é constitutivo e fundante na relação da criança com o alocutário com a língua.

Não podemos dizer que tudo é da ordem da língua e nem da fala, porque tem uma relação entre o singular e o regular. Os fenômenos tratados pela teoria da enunciação se enquadram nas questões da língua, no entanto não se restringem a ela, o estudo “busca evidenciar as relações da língua não apenas como sistema combinatório, mas como linguagem assumida por um sujeito” (Flores & Teixeira 2005, p.12).

Conforme Silva (2023), as formas são atualizadas no momento da enunciação de acordo com o emprego dos índices específicos que compõem as grandes funções sintáticas nas categorias de frase, que são: interrogação, intimação e asserção. De acordo com a autora as categorias frasais são caracterizadas do seguinte modo,

(...) na interrogação, enunciação construída para suscitar uma resposta; na intimação, enunciação que contém ordens e apelos; na asserção, enunciação que visa a comunicar uma certeza. Assim, no domínio do discurso, nós, falantes, estamos constantemente nos perguntando: “Qual a ideia? Qual a referência? Qual o sentido?” “Como determinada palavra produz sentido a cada emprego?” (Silva, *op.cit.*, p.47).

O aparelho formal da enunciação não diz respeito apenas às formas linguísticas, mas a toda e qualquer forma que permite semantização da língua. Portanto é o campo em que queremos nos situar para falar da enunciação da criança com TEA. Afinal considerar esse ato individual algo peculiar, nos dá esperança de considerar singularidades que podem ser típicas desse “authós”, falar de si mesmo, e tomarmos nota para fazer ciência.

Conforme menciona Aresi (2011, p.268) “para que haja enunciação, é necessário que haja um locutor que se aproprie da língua e a efetue em uma instância de discurso”. O locutor propõe-se como sujeito e convoca o “outro” a compartilhar conhecimentos da mesma língua. Deste modo, o sujeito da enunciação através da experiência de uma relação reversível entre o falante e o seu parceiro. As três instâncias da intersubjetividade envolvem: uma relação cultural entre os homens

situados em uma dada cultura de uma dada sociedade; uma relação dialógica ou alocucional entre locutor e alocutário (estrutura dialógica); uma relação linguístico-enunciativo entre formas que vão materializar a presença do locutor e alocutário (eu e tu).

Essas instâncias da intersubjetividade são desdobradas na teoria de Silva (2009) em dois grupos que são as relações diádicas (entre dois termos) e as relações trinitárias (entre três termos) para explicar o fenômeno da aquisição da linguagem. Assim, podemos dizer que a intersubjetividade na linguagem se realiza através da apropriação da língua, designando-se como “eu”, que o locutor enuncia e, assim passa a sujeito da enunciação (Cardoso, 2010).

A primeira relação diádica fundante da criança na aquisição é a relação eu-tu que diz respeito à conjunção criança-outro, em que num primeiro momento ela está muito colada ao outro, o que a psicanálise vai chamar de alienação. De acordo com Silva (2009) a criança vai formar, no primeiro momento, uma unidade constitutiva em que o ‘eu’ e o ‘tu’ são definidos por uma relação de conjunção, a criança depende do outro para enunciar, para se tornar sujeito de aquisição. Nessa relação, o outro toma o dizer da criança, ainda que heterogênea em relação à língua constituída, como vinculador de sentido, significando as emissões da criança, antes mesmo de se poder reconhecer uma língua sistematizada. Assim, o que antes era irregular, se torna regular, pelo significado que o outro atribui às enunciações da criança, quando aquilo que é da ordem do singular se torna da ordem do geral, desde os seus primeiros momentos com a língua.

O corpo todo da criança está engajado na enunciação. Isso acontece desde os primeiros momentos da relação dela com a língua e, ao significar os gestos e/ou vocalizações da criança, o outro a concede o lugar de enunciação. É o papel fundante da intersubjetividade como condição da subjetividade. O “tu” presentifica na criança isso que ainda é ausente nela, a língua. Na aquisição da língua em sua realização ou manejo vocal/fônica a criança, relacionando-se com o outro e com o mundo, vivenciando o simbólico da linguagem, o que lhe permite fazer abstrações acerca da configuração do sistema linguístico, a partir do reconhecimento do signo sob a espécie da palavra (Silva, Oliveira & Diedrich, 2020).

As relações de referências e o sentido revelam a interdependência dos elementos na língua e no discurso e para melhor elucidar estas relações, Silva (2007), em sua tese de doutorado, classificou e conceituou três tipos de relações que são condição para aquisição da linguagem pelo sujeito para instanciar-se na linguagem. Na primeira relação trinitária (eu-tu/ele) importa a interdependência entre pessoa (eu e tu) e não-pessoa (ele). É a condição da conexão presença/ausência, é quando a língua emerge na fala da criança. Essa nova tríade na relação enfatiza a distinção entre pessoa e não-pessoa e acaba por possibilitar um espaço de simbolização, o que garante o laço social.

Nos casos sintomáticos de atraso de aquisição e desenvolvimento de linguagem o laço social está fragmentado. A criança com TEA, têm dificuldade de simbolizar e de estabelecer uma relação com o outro e com o mundo. A relação trinitária é a chave da inscrição da criança na ordem da língua, pois ela ao se conectar com o “ele”, “[...] tem acesso a simbolização como fundamento da abstração e base das funções conceituais” (Oliveira e Silva, 2023, p. 157). Os autores chamam de “base das funções conceituais” a formação dos conceitos, as abstrações, as narrativas, comparações, figuras de linguagem e outros, que abrem todas as possibilidades a partir da língua enunciada, em emprego.

A *segunda relação diádica* é a disjunção da criança-outro, o que a psicanálise chama de “[...] separação criança/outro, com a constituição de eu como pessoa subjetiva e como distinto de tu, pessoa não-subjetiva” (Silva, *op.cit.*, 205). A criança precisa se separar do outro para se tornar sujeito, nessa relação a criança começa a ‘enunciar’ ela própria, rompendo a unidade constitutiva eu-tu. Mesmo que embrionariamente a criança instancia-se na enunciação, começa a engajar-se no seu próprio dizer, sem estar na dependência do dizer do outro.

A *terceira e última relação diádica*, proposta por Silva (2009), é a relação (eu-tu) /ele, as pessoas do discurso “eu” e “tu” se distinguem da não pessoa “ele” por um imbricamento temporal, ou como diz Silva (*op.cit.*, p. 181) “com efeito, é pela temporalidade que as díades eu-tu e eu/ele presentificam o ele (não-pessoa), já que a intersubjetividade instaura pelo presente da enunciação, o discurso no mundo, produzindo, através deles, referências e sentidos”.

As relações enunciativas e as instâncias de subjetividade resultam na ideia de duas alteridades, que para Silva (*op.cit.*) é a alteridade com o outro da alocação (tu) e com o outro da cultura (Ele). Portanto, no quadro figurativo da enunciação (estrutura do diálogo) o “eu” e o “tu” designam o locutor e o alocutário; o “ele” a língua em ato; e o “Ele” representa a cultura. Embora o “Ele” não seja representado linguisticamente na linearidade do discurso, é constitutivo e fundante na relação da criança com o alocutário e com a língua.

Em conformidade ao que dizem Diedrich, Golembieski & Boldori (2023) todas essas instâncias de intersubjetividade, relações enunciativas e dupla alteridade constituem o dispositivo (eu-tu/ele)-Ele. Esse dispositivo concede lugar aos alocutários, a língua e cultura instanciar-se na enunciação. A criança instaura-se na língua deslocando-se entre o geral da língua/ sistema e a particularidade do discurso.

Diante da perspectiva aquisicional enunciativa de Silva (2009) concordamos com a autora, da ideia de que a constituição do sujeito de linguagem ocorre pelas relações diádicas e trinitárias que possibilitam a criança reconhecer-se como locutor e ao outro como alocutário no diálogo, bem como atualiza seu discurso pela conversão do sentido em palavra (semiótico da língua). A língua tem uma ordem própria e a criança, na aquisição, vai vivenciar esses arranjos à sua maneira para chegar a essa ordem própria da língua, na regularidade do sistema, na convencionalidade da relação com o outro, constituindo referência no discurso.

A ciência passa por um modo de dizer e o caminho de representar essas relações intersubjetivas desenvolvido por Silva (*op.cit.*) num dispositivo conceitual e procedimental da descrição fiel dos fatos enunciativos. A ideia de que a língua pode ser abstraída pela criança se revela na maneira de como a língua oferece uma infinidade de manejos de unidades já dadas, que já estão na língua, que são renovados e singulares, o que vai caracterizar esse deslocamento entre língua/sistema e língua/discurso.

No tópico a seguir, aprofundamos nas questões que concernem à estrutura da língua enquanto sistema para compreender como funciona o nível morfossintático da linguagem, sem deixar de contemplar as implicações sob o olhar do transtorno de linguagem.

2.3 Um olhar sobre a morfossintaxe sob o ponto de vista enunciativo benvenistiano

Aqui pretendemos investigar o componente morfossintático e interação entre as suas interfaces e para isso esclarecemos neste ponto a escolha pela utilização do termo morfossintaxe, que engloba os dois aspectos relacionados à gramática: a morfologia, que se relaciona com os processos de formação, flexão e classificação de palavras em uma língua e a sintaxe, que seria o estudo da frase e sua organização. Em se tratando de uso, ambos aspectos da linguagem estão relacionados e preferencialmente devem ser analisados juntos por incidirem igualmente dentro da estrutura do sistema linguístico.

Trazendo à baila o aspecto morfossintático da linguagem oral do autista, ressaltamos diferenças sutis entre o mesmo aspecto em crianças na fase da aquisição e desenvolvimento da linguagem oral. Embora não pretendemos focar nossa tese na dicotomia normal/patológico, evidenciamos impreterivelmente as marcas da trajetória da criança com TEA na sua experiência de constituição subjetiva na oralidade da língua.

Nesse processo de constituição do sujeito na língua pelo ato individual da enunciação, destacamos os índices específicos e os procedimentos acessórios apresentados por Benveniste (2006) que dizem respeito às escolhas possíveis ao emprego das formas e suas correlações. Portanto há um conjunto de regras morfossintáticas limitadas e pré-definidas que permitem combinações de signos para a obtenção do inventário. O ato individual de realização vocal da língua surge como uma produção nativa da fala, que se aproxima ou se afasta dos traços fônicos da enunciação dos sujeitos. O engendramento das formas linguísticas acontece em meio a essa diversidade das situações nas quais a enunciação é produzida na instância do discurso e isso introduz aquele que fala em sua própria fala. É através dos índices ou indicadores de categoria de pessoa, espaço e tempo que o sujeito faz referência a condição própria da enunciação e que o atualiza a todo momento no aqui-agora do discurso (Aresi, 2011).

Ressaltamos aqui que embora a noção de nível de linguagem seja segregada, concordamos com Cardoso (2010) que não se pode considerar cada nível de análise linguística isoladamente (fonológicos, morfológicos, etc.), mas é possível caracterizá-

los pela relação mútua que é estabelecida entre eles. Entendemos que os componentes são separáveis apenas por motivos didáticos e melhor compreensão do todo da linguagem.

2.3.1 Morfossintaxe e o sentido

Para adentrarmos nas questões concernentes à morfossintaxe faz-se necessário trazer o conceito e classificação no campo da gramática tradicional e suas aberturas nos demais níveis da linguagem, principalmente à semântica, por entendermos que os elementos estabelecem micro relações e estão a todo momento em sintonia no uso da língua. Conforme Silva (2023, p.45) “[...] o domínio do discurso, cuja unidade é a palavra, com a discussão sobre seu agenciamento na frase e os efeitos desse agenciamento na comunicação intersubjetiva” evidencia as relações de interdependência entre e forma e sentido na linguagem.

Levando em consideração o caráter transversal da enunciação conceituamos a morfologia de acordo com Henriques (2009) como nível da linguagem que se ocupa com a forma, com a estrutura interna da palavra, sendo o morfema considerado a primeira unidade mais básica dotada de valor semântico indissociável. Os morfemas são classificados em lexemas, quando este possui significação externa, e os gramemas, quando restringem-se às significações ao campo gramatical, interna. Os morfemas possuem radical e afixos, sendo o primeiro também chamado de morfema lexical e o segundo de morfema gramatical. Os morfemas lexicais carregam o sentido pleno da palavra, enquanto que os morfemas gramaticais subdividem-se em flexionais e derivacionais. Os morfemas flexionais estão a serviço da sintaxe e uma vez adicionados ao radical da palavra, determinam valores distintos dentro do sintagma. Já os morfemas derivacionais englobam a função semântico-lexical para formação de palavras complexas.

Em complemento Henriques (2009) acrescenta que os elementos (radical, afixos e sufixos) se combinam para formar as palavras que tanto importam para o campo lexical, ajudando na organização de categorias na memória, quanto no campo sintático, explicando as relações entre as unidades lexicais, bem como no campo

discursivo, expressando as relações de lugar, tempo e pessoa. As regras que regem o uso da língua quanto às formações morfossintáticas fazem parte do conjunto de normas cultas prescritas, que por vezes divergem dos fatos linguísticos da oralidade.

Podemos afirmar segundo Foltran, Knopfle e Carreira (2017, p.32) que “tomar consciência dessas regras é um passo muito importante para que tenhamos mais controle sobre as escolhas que fazemos”. Essa habilidade exige da criança a capacidade de compreender e aplicar padrões da gramática durante a fala e/ou escrita. A criança sabe, desde cedo, que os itens lexicais da sua língua se alinham para compor expressões das simples às mais complexas, mas que devem obedecer a linearidade e a hierarquia na sentença. Segundo Negrão, Scher e Viotti (2003, p.02)

“[...] uma sentença se constitui de dois tipos de itens lexicais: de um lado, estão aqueles que fazem um tipo particular de exigência e determinam os elementos que podem satisfazê-la; e de outro, estão os itens lexicais que satisfazem as exigências impostas pelos primeiros.”

A criança é capaz de reconhecer palavras e pseudopalavras a partir da habilidade metalinguística ao perceber propriedades gramaticais que caracterizam as categorias da língua, sejam elas morfológicas, semânticas e/ou distribucionais. É a habilidade metalinguística ou consciência morfossintática que possibilita à criança desenvolver mecanismo para avaliação de equívocos nas regras morfológicas e sintáticas na leitura e escrita, simultaneamente ao desenvolvimento da linguagem oral.

Além dos achados quanto à consciência morfossintática na linguagem escrita, os estudos de Roazzi *et al* (2010) confirmam que a capacidade de refletir e manipular intencionalmente os sons da fala influencia e é influenciada pelo sucesso da criança na leitura e na escrita. Os pesquisadores também publicaram sobre as competências linguísticas antes da escolarização formal das crianças discutindo a metalinguística sob a perspectiva de diferentes disciplinas: a linguística e a psicologia. Ambas as obras sugerem que o processo de aquisição da leitura e escrita não é o fator principal no desenvolvimento das capacidades metalinguísticas, mas que consolida a expansão dos processos metacognitivos, que outrora foram desencadeados.

Quanto à sintaxe, está atribuída a competência de relacionar elementos internos de concordância, regência, colocação e atribuição dos mesmos na sentença.

As inserções das formas linguísticas em enunciações lineares resultam em entrelaçamentos de palavras e frases que podem mudar o curso das correlações semânticas e pragmáticas dentro da hierarquia na narrativa do sujeito. Segundo Negrão, Scher e Viotti (2003) as crianças são capazes de reconhecer estruturas possíveis e impossíveis na língua e a partir desta intuição formam unidades mais complexas até chegarem a construir sentenças.

As palavras se relacionam na frase de forma binária: sujeito e verbo; verbo e complemento; núcleo e adjunto etc. ou seja, um termo tem seu valor quando o encontramos em relação a outro na frase, sendo cada relação única. A complexidade das frases aumenta à medida que a enunciação é desenvolvida em função da semantização, ou seja, as nuances dessas construções sintagmáticas podem eventualmente trazer repercussões incisivas na compreensão do sentido pelo interlocutor.

A noção de sintaxe da enunciação benvenistiana é aquela que está a serviço do sentido, ou seja, “a atribuição de referência exige uma sintaxe” (Lichtemberg, 2006, p. 15). As palavras interrelacionam-se no enunciado e estabelecem sentidos diversos consoante a hierarquia de onde estejam posicionadas no sintagma. Assim, a morfologia e a sintaxe se interligam por flexões, arranjos e produzem significados e particularidades a cada uso da língua na oralidade. Essas relações entre as palavras no sintagma resultam da necessidade de o sujeito referir a todo momento na emergência da enunciação, ora utilizando substitutos abreviados, ora retomando palavras já presentes, apresentando sentido de definição e/ou de indefinição. A combinação de palavras obedece ao regimento da língua para que não seja rompido o sentido atribuído, assim na sintaxe da enunciação é tratado a semântica.

As sentenças possuem uma estrutura hierárquica própria de elementos constituintes que obedecem às regras de possibilidades de distribuição em distintas posições no sintagma. Alguns elementos podem ser deslocados pelo falante em sua posição inicial, medial ou final da frase, no intuito de atender a necessidade de evidenciar fatos, alterar o sentido e/ou desambiguação de estruturas com mais de duas possibilidades de interpretação etc. Segundo Queiroga e Lima (2016) é a consciência morfossintática de uma língua que permitirá que a criança acesse de uma mera concatenação de itens lexicais até formar novas palavras e frases, mesmo aquelas que nunca a utilizou.

Quando a criança apresenta a habilidade metalinguística de refletir sobre essas unidades de significado, dizemos que ela apresenta consciência morfológica. Tal habilidade concerne num importante recurso para a compreensão e aquisição de palavras novas (aquisição e desenvolvimento do repertório lexical), bem como para a linguagem escrita. De acordo com Razzozi, Asfóra e Queiroga (2010) a consciência morfossintática requer a habilidade de diferentes níveis da língua, pois influencia na aquisição lexical, na leitura e escrita.

A aquisição e desenvolvimento da consciência morfossintática ocorre por volta dos 5 aos 6 anos de idade, quando a criança transita entre conhecimento morfossintático implícito ao intuitivo. As habilidades metalinguísticas ocorrem na criança por volta dos sete anos de idade quando ela é capaz de controlar conscientemente o processamento da informação para detecção de erros gramaticais na sua fala e escrita (Mota, 2009). Essa consciência metalinguística pode direcionar as crianças à reflexão intencional sobre a linguagem, manipulando de maneira consciente as experiências acerca da língua.

Mesmo que a manipulação sobre a linguagem ocorra a nível implícito, desde muito cedo a criança começa a controlar suas operações linguísticas em/sobre a linguagem. Não apenas inconsciente, mas também fora do controle intencional do sujeito, o que envolve um desenvolvimento linguístico maior. A aprendizagem que o locutor faz do discurso quando aprende a falar, “o que se torna mais ou menos sensível para ele [o locutor] é a diversidade infinita dos conteúdos transmitidos, em contraste com o pequeno número de elementos empregados” (Benveniste, 2005, p. 140). É na estrutura da língua que a criança busca elementos para organizar seu discurso, por isso que é muito presente nos estudos linguísticos o deslocamento, do discurso para a língua e da língua para o discurso.

A atribuição de referência é o uso próprio da língua, onde o sujeito molda o enunciado para atribuir o sentido que deseja expressar. A organização do enunciado está à serviço da instância do discurso, ou seja, a sintaxe está subserviente ao sentido. Portanto o processo de sintagmatização de elementos resulta da livre escolha de número reduzido de morfemas (elementos de significação) em amplas combinações possíveis. No texto “Os níveis de análise linguística”, Benveniste vai referir que são dois mundos diferentes, o dos signos inferiores à frase e o da própria frase. Os fonemas, os lexemas, morfemas, são números finitos de unidades passíveis

de estudo sistemático. Já as frases, essas pertencem a outro domínio, que não se limita a um repertório restrito de frases da língua, não se limita ao ponto final.

A frase é discurso, é a língua em ação, em ato. É claro que a unidade frasal discursiva vai trazer as unidades sistêmicas (fonemas, morfemas, lexemas) atualizando isso tudo numa combinação sintagmática, cada vez mais singular, definida na situação de enunciação e na relação do locutor e alocutado. Extraímos o conceito de frase por Benveniste (2005) através do texto “Os níveis da análise linguística” onde vemos sobressair das notas a necessidade de determinar descrições baseadas nas articulações entre as partes que compõem o todo da linguagem. Para tal propósito, o linguista caracteriza língua como sistema orgânico de signos linguísticos e assim como uma estrutura organizada, contamos com elementos que operam individualmente e em subordinação aos demais elementos das cabíveis operações, seja por substituição ou por segmentação.

É possível analisar os elementos a partir de duas operações, segmentação e substituição, que quando possível aplicá-las, conforme regras da língua, constituem novos signos. No nível fonemático temos os elementos mínimos segmentáveis que são os fonemas os quais se diferenciam entre si através dos traços distintivos quanto ao ponto e modo articulatorio. Cada possível combinação entre as unidades fonemáticas origina um novo signo linguístico admitindo um novo sentido.

Conforme Benveniste (2006, p.230),

“O sentido da frase é de fato a ideia que ela exprime; este sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras. Tudo é dominado pela condição do sintagma, pela ligação entre os elementos do enunciado destinado a transmitir um sentido dado, numa circunstância dada.”

Ou seja, a criança em cada aqui-agora de uma situação enunciativa singular atualiza as histórias de enunciações da língua, da cultura de sua sociedade. Tornando o que era “velho” em “novo”, a criança vai se inserindo na língua e na cultura da sua sociedade. A criança recupera uma experiência já vivida na sociedade envolvendo a

noção de história de enunciações. É a mudança na aquisição da língua por meio dessa noção e outras.

Para Benveniste (2006, p.230) “toda forma verbal, sem exceção, em qualquer idioma que seja, está sempre ligada a um certo presente, portanto a um conjunto cada vez único de circunstâncias, que a língua enuncia numa morfologia específica”. A criança vai movimentando determinados fonemas em arranjos que buscam integralizar as formas dadas em palavras pertencentes ao lexico da mesma língua de acordo com o contexto. Essa dupla capacidade de coesão entre os termos no fi do enunciado e a capacidade de de referenciação foi descrita por Benveniste (2005) no texto “Ativo e médio no verbo”. Para o autor a frase verbal denota processo, que por um lado afeta o sujeito e noutro o objeto. Já sobre a frase nominal, Benveniste (*op.cit.*, p. 176) diz que “visa a convencer enunciando uma “verdade geral”; supõe o discurso e o diálogo; não comunica um dado de fato, mas um argumento de autoridade.”

Cabe saber que os fonemas são elementos sonoros distintos da língua e sua experiência linguística conduz o locutor a tomar consciência do mesmo e identificar quando há distorção ou aproximação sonora do mesmo. A articulação e combinação entre os fonemas, produz incisivamente semantização pelo alocutário e isso se dá na ordem do eixo sintagmático⁴. Quanto aos morfemas, estes são menores unidades linguísticas, são responsáveis pelos significados das palavras. Embora o estudo da gramática tem sido tradicionalmente realizado centrado na palavra como unidade básica, já se sabe que o morfema deve ser reconhecido como a unidade mínima da gramática, são os morfemas os principais responsáveis pela carga de sentido das formas e merecem destaque pelo seu papel decisório nos processos de formação de palavras.

De acordo com Monteiro (2011), às classes morfológicas, também conhecidas como classes de palavras ou categorias gramaticais, são grupos distintos que englobam palavras com características semelhantes quanto à sua função e forma na construção das frases. As principais classes morfológicas são: substantivo, verbo, adjetivo, advérbio, pronomes, preposição, conjunção, interjeição, artigo e numeral. Embora não pretendamos adentrar nas questões da gramática normativa, sabemos

⁴ Na operação de distribuição cada elemento na mesma porção do enunciado é denominado relação sintagmática e a relação de substituição de elementos na mesma posição paradigmática.

que cada classe de palavra participa da construção do significado e na organização das ideias, contribuindo para a riqueza e a complexidade da linguagem.

À morfologia é atribuído o estudo das construções cujos constituintes mínimos fossem palavras, ou partes de palavras (Mioto, Silva & Lopes, 2013). As palavras, unidades do discurso, são atualizadas na enunciação através dos índices específicos de tempo, pessoa, espaço etc. que por sua vez ativam as grandes funções sintáticas na frase. O uso das palavras no discurso afeta, por conseguinte, o agenciamento de palavras do outro e, ao mesmo tempo, que revela a entrada da criança na língua à sua maneira, no seio da sociedade onde mora.

Já a sintaxe cabe a combinação de palavras para formar sintagmas e de sintagmas para formar sentenças. Cabe à sintaxe estudar construções superiores à palavra como locuções e frases, nas quais a palavra seja a unidade constituinte mínima. Não há regras quanto a quantidade de sintagmas numa unidade sintática (sentença), mas a extensão dos sintagmas impulsiona a estabelecer o núcleo e demais elementos que correlacionados representam o todo da estrutura do enunciado e hierarquizam-nas formando sintagmas maiores.

De modo geral, as frases podem suscitar uma resposta quando interrogativas; podem intimar, quando são imperativas ou apelativas; além de assertivas, quando visam comunicar uma evidência (Silva, 2023). Veremos a seguir como a linguística se ocupa em estudar maneiras de representar as estruturas morfossintáticas no discurso.

2.3.1.1 Representações da estrutura morfossintática do sintagma

De acordo com a teoria de Chomsky, toda língua é regida por um conjunto de princípios e parâmetros a serviço da linguagem e a experiência sociolinguística dos indivíduos, são exemplos: princípio de sujeitos, subordinações, ligações etc (Kenedy, 2013). No entanto, não introduziremos pormenores dos estudos da gramática gerativa, mas pretendemos aventar tais acontecimentos para entender a harmonia estrutural das construções na enunciação dos casos que estudamos. Sabemos que a habilidade de concatenar as unidades lexicais para constituir e perceber representações em sintagmas e frases complexas que compõem o discurso, fica a

cargo dos estudos da sintaxe. Por implicar em questões do entorno da competência do falante, quanto nas relações com seus pares é que interessa-nos investigar de que modo a morfossintaxe da língua no autismo ocorre em sua modalidade oral.

A maioria das línguas humanas seguem o padrão SVO (sujeito, verbo e objeto), o qual não ocorre de maneira aleatória, sendo o parâmetro de núcleo um dos norteadores que evitem deslizos na língua, seja por problema no acesso à representação linguística ou por falta de compreensão de que existe uma ordem própria dos elementos no sintagma na língua em ato. De modo geral, o movimento dos elementos lexicais, operação Merge⁵, de uma língua permite a concatenação de sentido por meio de combinações de fonemas, palavras, sentenças, e discursos complexos.

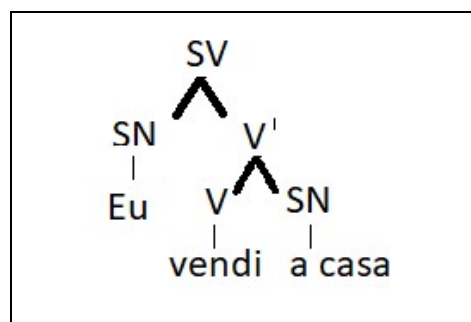
O movimento dos elementos no eixo sintagmático também segue regras operacionais que resultam em combinações sintáticas dentro da linearidade do sintagma e importa seguir padrões de distância de deslocamento entre elementos e posições da/na frase. Além de ser um esquema universal, propomos utilizá-la meramente para ilustrar a configuração espacial da relação entre elementos da sentença (extensional) e suas relações semânticas (intencional). Entender este movimento, bem como a existência de categorias vazias ou invisíveis é fundamental para compreender a morfossintaxe e os indícios que ela nos traz sobre a linguagem do autista.

Para melhor mostrar a estrutura do sintagma utilizaremos as representações arbóreas nos fatos enunciativos da análise dos casos, que visualmente explicitam o núcleo e demais elementos concatenados nas cenas coletadas na pesquisa. Reiteramos que a utilização do esquema arbóreo na tese é puramente estratégica para melhor apresentar a posição dos elementos no eixo sintagmático na enunciação dos sujeitos da pesquisa. No mais, a teoria X-barr (ou teoria X-bar) é um modelo teórico da sintaxe na linguística, especificamente na tradição da gramática gerativa de Chomsky, com objetivo de descrever a estrutura hierárquica das frases em uma língua.

⁵ De acordo com Kenedy (2013) a operação Merge é derivada de sistemas computacionais e é responsável pela concatenação ou combinação de objetos sintáticos de simples aos complexos.

Segundo Miotto, Silva e Lopes (2013) a teoria X-barra tenta explicar as relações entre os sintagmas e a hierarquia entre eles. Essa abordagem permite uma representação mais flexível da estrutura sintática e acomoda uma variedade de línguas e estruturas. É importante mencionar que no esquema X-barra cada sintagma possui um núcleo que prediz uma categoria mínima (verbo, nome etc.) com propriedades importantes para a projeção das relações com os demais elementos. Para fins ilustrativos, segue abaixo um exemplo de representação arbórea de um Sintagma Verbal (SV), onde o Sintagma Nominal (SN) apresenta o sujeito e o verbo (V) indica a ação da frase.

Figura 1: Exemplo de árvore sintagmática



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os elementos referentes e correferentes de nomes e pronomes são índices constituintes das frases que fazem relação com elementos já mencionados anteriormente nas frases ou discursos. O sujeito decide a quem indexar elementos na estrutura sintática e essa complexidade do fenômeno de referência é o que guia o curso interpretativo e inteligibilidade da sentença entre os pares da enunciação.

No tópico a seguir, apresentamos a linguagem da criança autista sob a perspectiva enunciativa para pensarmos neste sujeito que se enuncia e é anunciado na/pela linguagem para representarmos seu material enunciativo em esquemas de árvores sintagmáticas no capítulo 4, das análises dos fatos enunciativos.

2.4 A criança autista: um sujeito que se enuncia

Este sujeito, que não é o psicanalítico, mas aquele que se constitui na linguagem na relação de “eu” e “tu”, que se enuncia de forma singular no TEA. Em

uma perspectiva antropológica da linguagem, Benveniste (2005, p. 285) diz que “não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a”. De acordo com o autor, a “[...] linguagem ensina a própria definição do homem”. Nesta perspectiva, Benveniste (*op.cit.*) traz a perspectiva da linguagem como lugar de constituição do sujeito neste na enunciação.

A inserção do estatuto do sujeito nos estudos da linguagem por Benveniste permite abertura para pensar na língua, enunciação e no falante autista. O autor usa a expressão falante quando refere o sujeito da enunciação e adentra na questão da subjetividade da linguagem e da passagem de locutor a sujeito, aprofundando nas questões da categoria de pessoa. Por vezes, a singularidade da fala do autista pode dificultar a entrada do interlocutor na enunciação por ele não compreender o que se enuncia e não ocorrer o fechamento do circuito da fala. Assim, concordamos com Teixeira e Messa (2015, p. 111- 112) que,

“Não há nem sujeito e nem objeto que preexistem à enunciação, de modo que o sujeito não pode ser tomado como um centro que serve ou de fundamento do discurso. Há em Benveniste um primado da relação. A realidade se apresenta como uma multiplicidade de relações, cujo excesso é exatamente o que a impede de ganhar um único sentido, um sentido para todos.”

A semântica é o lugar onde as formas adquirem sentido singular em sua relação com o mundo, é nela que buscamos subsídios para os questionamentos que temos quanto ao conteúdo da dinâmica da fala desviante. As distorções, omissões, subversões morfossintáticas que são deflagradas na fala do sujeito autista podem sugerir que há rigidez no eixo sintagmático representado pela ecolalia, neologismo entre outras alterações, e isso pode ser reflexo da dificuldade em deslizar nas relações associativas onde o sujeito estabelece a combinação que lhe convém (Barros, 2011a).

Assim, essas dificuldades e outras que marcam o modo singular criança com TEA movimentar a morfossintaxe da língua na sua modalidade oral, causando estranheza ao interlocutor diante dos eventuais neologismos, das variações prosódicas, inversões sintáticas e ecolalias, independentemente do contexto enunciativo que se encontra. É essa inesperada relação do sujeito com as unidades que causam o desequilíbrio na dinâmica do circuito da fala.

Para melhor entendermos quem é o sujeito que estamos nos debruçando, precisamos levantar um breve histórico sobre o TEA visto que pretendemos investigar sua incursão na trajetória de aquisição de língua oral.

2.4.1 Desafios da travessia do silêncio à palavra no TEA

Encontramos no livro “Dicionário enciclopédico de psicanálise” de Kaufmann (1996) afirmações que o autismo foi descrito pela primeira vez em 1911, pelo psiquiatra Eugen Bleuler como característica das esquizofrenias. O médico denominou de autismo, do grego *autós* ou “de si mesmo”, o conjunto de sintomas apresentados pelo grupo de crianças que apresentavam fuga da realidade e o retraimento interior. Um pouco mais tarde, em 1943, o também psiquiatra Leo Kanner, identificou características comuns num grupo de 11 crianças, tais como: forte perturbação nas relações afetivas com as pessoas do seu convívio, inabilidade no relacionamento afetivo, atraso na aquisição da linguagem, problemas comportamentais, entre outros.

Contemporâneo à Kanner, Hans Asperger também observou os mesmos sintomas relatados pelo psiquiatra, porém com crianças que apresentavam nível de inteligência e desenvolvimento linguístico mais avançado, o que ficou mais tarde denominado Síndrome de Asperger. Em 2013, com a reformulação do DSM-4 então vigente, a Síndrome de Asperger foi extinta e foi englobada dentro da grande abrangência do Transtorno do Espectro Autista.

Mas só a partir das descrições de Leo Kanner em 1943, foi que o autismo deixou de ser considerado aspecto da esquizofrenia e passou a adquirir especificidade clínica. O psiquiatra, em seu histórico artigo, escrito originalmente em inglês intitulado “Autistic disturbances of affective contact”, afirmou que as principais características do autismo são: alterações cognitivas, comportamentais, somáticas e linguísticas. Dentre as características descritas pelo autor encontramos: solidão autística, evitamento do contato interpessoal, evasão da realidade e outros sintomas psicossociais relatados pelos compêndios médicos. Contudo, apesar do autismo ser pesquisado há aproximadamente sete décadas, ainda existem muitas discordâncias quanto a

etiologia, ainda nos deparamos com desafios e polêmicas em relação ao entendimento do transtorno, bem como sobre a atuação de profissionais e pesquisadores do campo (Bianchini, 2015).

Embora o autismo estivesse também marcado pela forte retração do sujeito, Azevedo (2011) diz que Kanner distingue o autismo de esquizofrenia ao passo que apresenta um retraimento da participação no mundo, a partir de uma relação inicial presente, enquanto que, naquela, o retraimento é observado desde o início. O psiquiatra publicou em seus estudos científicos pontos relevantes quanto aos sintomas na linguagem, tais como ocorrência de ecolalia, perda progressiva de vocalizações, ausência de formação de frases espontâneas, dentre outras alterações.

Na década de 80, o autismo deixou de ser considerado um tipo de psicose, ou de esquizofrenia, mas passou a ser considerado um Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID), que é uma condição inicial de atrasos e desvios no desenvolvimento das habilidades sociais, da comunicação e outros. Atualmente, seguimos a classificação criada pelo Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais DSM-5-TR que foi atualizada e revisada em 2022 pela Associação Americana de Psiquiatria (APA), adotaram o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA), por denotar um conjunto diverso de comprometimentos e sintomas no autismo, reunindo síndromes e perturbações distintas do desenvolvimento neurológico com níveis diferentes de gravidade, eliminando os subtipos antes existentes (Klim, 2006).

Atualmente o autismo está englobado como TEA, que a partir desta padronização estabelecida pelo Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR) em sua 5ª edição em 2023, vem embasando o diagnóstico em crianças logo em sua aurora da vida. De acordo com dados divulgados em 2021 pelo Center of Diseases Control and Prevention (CDC), o TEA incide em 1 a cada 44 crianças nos Estados Unidos. No Brasil, o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgará pela primeira vez neste ano (2024) a incidência do autismo no Brasil. Mesmo que haja crescente número de pesquisas no mundo, a causa do TEA ainda é incerta, embora o caráter multifatorial seja uma certeza.

O diagnóstico é definido por corpo terapêutico multidisciplinar composto por médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, enfermeiros e outros profissionais, que podem

contar com auxílio de exames laboratoriais e/ou de imagem para subsidiar a avaliação, que devem ser realizados com brevidade para potencializar o prognóstico nestes quadros.

Nesse contexto histórico de surgimento do TEA na psiquiatria, a clínica era bastante influenciada pela corrente da medicina norte-americana que buscava incessantemente explicações da etiologia orgânica que pautasse o tratamento medicamentoso e reabilitatório, com intuito de extinguir os sintomas apresentados. Muito embora os primeiros registros fossem feitos pela psiquiatria, muitas áreas se interessaram pelo transtorno, passando a ser estudado por diversas áreas que buscavam entender o que ocorre na primeira infância que afeta gravemente a criança e de como podemos intervir para melhorar a sua qualidade de vida.

De modo geral, encontramos nos compêndios médicos um discurso marcado por características de inabilidades, inadequações e demais “impossibilidades”, que descrevem os sujeitos com TEA como aqueles que possuem limitações nas relações sociais e podem apresentar dificuldade no uso da imaginação, na linguagem e comunicação. Os sintomas podem variar significativamente de uma criança para outra, mas a maioria pode enfrentar desafios na comunicação, dificuldades na linguagem expressiva e/ou na linguagem receptiva.

Segundo o DSM-5-TR (2023), o TEA é classificado em três níveis de comprometimento, ou de necessidade de suporte. Esses níveis são baseados na severidade dos sintomas nas três áreas social, comunicação e comportamento, são eles: 1) leve; 2) moderado e 3) severo. Embora cada nível de necessidade de suporte no autismo seja diferente um do outro, sabemos que apresentam dificuldades persistentes que apresentam características peculiares quanto a linguagem, como uso idiossincrático da linguagem. É importante ressaltar que o grau de dificuldade na consciência morfosintática pode variar entre sujeitos com TEA, dependendo de fatores como idade de desenvolvimento, proficiência linguística e grau de comprometimento cognitivo (Varanda, 2010).

De modo geral, não é possível descartar sintomas da linguagem no diagnóstico clínico no autismo, que muitas vezes é marcada pelo mutismo, vocalizações inapropriadas ao contexto, ecolalia imediata e tardia, inversão pronominal (substituição da primeira pessoa do singular pela segunda ou terceira pessoa também

do singular), rigidez de significados (dificuldade em associar um significante a vários significados) e dificuldade em utilizar com sentido todos os aspectos da comunicação verbal e não verbal (Barros, 2011b).

O autista apresenta na linguagem verbal e não verbal alterações diferentes dos padrões habituais, pois devido a linguagem repetitiva e estereotípias verbais, em diversas situações e normalmente não consegue iniciar ou manter uma conversa (Lamônica, 1992). Outras perturbações na linguagem das crianças com o diagnóstico de autismo são o atraso no desenvolvimento da linguagem oral, com padrões de discurso estereotipados e idiossincráticos ou dificuldades na leitura e escrita.

Há ainda as dificuldades na capacidade de utilizar a linguagem como meio de comunicação, apresentando dificuldades na aquisição do sistema linguístico e na compreensão e utilização das regras de um ou mais níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. Quanto à morfossintaxe no autismo, podemos perceber que a construção frasal em crianças autistas muitas vezes apresenta características únicas, refletindo os desafios e particularidades associados ao próprio espectro do autismo.

É essencial compreender a singularidade de cada criança e as variações nos padrões linguísticos que podem ser de simples ao completo mutismo. A construção frasal pode ser afetada pela presença de ecolalia, repetição de palavras ou frases ou pela preferência por expressões não convencionais. Esses padrões peculiares podem dificultar a comunicação efetiva com os outros, já que a linguagem pode não seguir os padrões habituais.

Quanto ao desenvolvimento das habilidades cognitivo-linguísticas, é preciso considerar que o desenvolvimento de tais habilidades depende dos estímulos e interações vivenciadas no contexto familiar e educacional, sabemos que estas habilidades podem variar significativamente, refletindo a diversidade intrínseca desse grupo. Enquanto algumas pessoas com autismo podem apresentar atrasos na linguagem e nas habilidades cognitivas associadas, outras exibem habilidades excepcionais em áreas específicas. Contudo, além das questões já marcadas pelas inabilidades, descrevemos no tópico a seguir os entraves que esperamos superar ao encontrar os achados analisados na tese.

2.4.2 Autismo para além do tropeço da língua em uso

Acreditamos que pensar no que acontece com a linguagem, as línguas e o falante, nos condiciona a refletir questões quanto ao dado patológico da linguagem da criança com TEA. Concordamos com Rodrigues e Milani (2015, p.75) quando afirmam que,

“Compreender o conceito de linguagem permite ao pesquisador uma visão ampla dos fenômenos implicados na comunicação humana. Praticamente todos os conceitos envolvidos na formação e manutenção das sociedades humanas empregam a linguagem como elo, tanto na sua manifestação, quanto na sua difusão. A cultura com todos os seus meandros, está intimamente ligada à linguagem, dependendo dela para se difundir entre os seus membros. Assim, todos os aspectos da vida social estão igualmente relacionados à linguagem”.

Por outro lado, a fala sintomática da criança tem se apresentado, recentemente, para os estudos linguísticos como ponto de partida para elaboração de diversos questionamentos sobre a relação entre sujeito/linguagem/outro (Cardoso & Flores, 2022). Afinal, antes do diagnóstico, há um sujeito que se constitui no domínio do verbal e que mantém relações únicas com seus pares.

Ainda enraizada em um discurso que toma a linguagem como comunicação, a língua como um código e a fala como um veículo, a clínica fonoaudiológica, de um modo geral, segue na expectativa de “normalizar” a fala desviante da criança com TEA, muitas vezes sem considerar a singularidade da linguagem e do sujeito submetido ao programa terapêutico. Transformar o singular em regular parece ser o propósito clínico visto em vários protocolos terapêuticos atuais. É importante lembrar que o autismo é um espectro, o que significa que as manifestações e severidade dos sintomas podem variar de pessoa para pessoa, com suas próprias características e necessidades específicas.

Entre os estudos que se interessam pelas questões pragmática da linguagem no autismo, é consenso informar que há uma diversidade de sintomas na linguagem

destas crianças, dentre elas o atraso na aquisição de linguagem; problemas na recepção e expressão (caracterizadas por omissões, substituições e distorções fonéticas); ecolalia; utilização de holofrases; frases curtas; pausas e hesitações inapropriadas; frequentes interjeições etc.

Segundo Orrado e Vivés (2021, p.12), “[...] o autista frequentemente não fala e, quando fala, uma estranheza se faz ouvir: voz monocórdia ou voz cantarolante, que indicam um tratamento específico do objeto voz”. Portanto, esses usos particulares da voz, bem como presença de estereotípias e ecolalias, marca a forma singular da entrada do sujeito na língua.

O lapso é definido como inovação linguística não intencional. Porém o interessante não é classificar, mas entender como “erros” podem lançar luz sobre unidades subjacentes ao desempenho linguístico e do discurso. Existem unidades discretas em algum nível de desempenho que pode ser substituído, omitido, transposto ou adicionado.

De acordo com Lier-DeVitto (2005), as falas das crianças – quer sejam reconhecidas como patológicas ou não – partilham as mesmas características fundamentais: faltosas, imprevisíveis e altamente heterogêneas. A tentativa de restaurar a homogeneidade ameaçada ou de normalizar o que se desviou é um caminho natural e aparentemente menos complexo do que a busca da fidelidade ao compromisso com a singularidade da fala da criança. Assim, concordamos com Ferreira Júnior (2014) que o compromisso da Linguística com as questões da linguagem afetada por transtornos deve ser inadiável.

Em cada momento em que a criança, com ou sem diagnóstico de TEA, se enuncia há, inevitavelmente, exposição da apropriação do sistema linguístico a seu modo. Barros (2011, p. 56) considera que “o sujeito se constitui na/pela linguagem, se impõe e se expõe ao fazer uso da língua por meio da fala ou ao fazer uso de outros sinais (gestos, expressões corporais, figuras etc.) e firma sua presença, habita a linguagem, tornando-se efeito dela”. A autora afirma a existência da linguagem no autismo, apoiada na Linguística da Enunciação, pela importância de perceber o autismo como um modo singular de estar na linguagem.

É plausível desmistificar a percepção de linguagem somente como comunicação, óbvio que o autista possui dificuldade com o código linguístico. Na

concepção de que a linguagem é lugar de constituição do sujeito e espaço para subjetividades, o sujeito com TEA possui um modo particular de estar no mundo e na linguagem. Afinal, a descrição dos fatos da língua e as redes de relações entre frases, palavras e morfemas é reconhecer a sintaxe nas associações e combinações entre elas, sem deixar de relevar o papel das inter-relações. A fala da criança é impregnada de marcas subjetivas, mesmo nos arranjos e nas “falhas”.

Portanto, compreender a “falha” como algo singular da linguagem do sujeito é essencial para elevar os estudos sintomáticos ao nível descritivo linguístico que interessam aos envolvidos na clínica da linguagem do autista. Conforme dito por Barros e Do Vale (2020, p. 289),

“[...] a clínica é atravessada pelo estatuto de pessoa é um espaço onde falar é sempre falar para o outro em uma troca de posição entre o “eu” e o “tu” e onde o sujeito refaz-se, tornando-se efeito dela a cada novo uso da língua”.

Para além das questões próprias ao transtorno da linguagem, há um sujeito que se constitui no domínio do verbal e que mantém relações únicas com seus parceiros. Para além das questões próprias que compõem o próprio espectro do transtorno autismo e suas áreas afetadas, concordamos com o que Barros e Nóbrega (2016, p. 78) ao mencionarem que,

“[...] encontramos na verdade, um desequilíbrio no sistema linguístico do autista caracterizado pela conquista de posições extremas: preso ao eixo sintagmático por meio de uma fala marcada pela ecolalia ou, mais dificilmente, solto no eixo associativo por meio de uma língua caracterizada por neologismos.”

Essa fixação em um dos eixos, segundo a autora, poderia corresponder ao comportamento do autista de aversão às mudanças (quebra de rotinas) sendo exposto na linguagem. Ainda nesta afirmativa, Barros (2011) sugere que no autismo há um movimento de aprisionamento entre os eixos sintagmático e paradigmático: onde a língua estaria fixada ao eixo sintagmático (ecolalia), e por vezes, livre no eixo paradigmático (neologismos ou vocalizações aleatórias).

Acreditamos que os desvios de fala da criança autista apontam para a emergência subjetiva na enunciação, posto que ela está na linguagem e faz-se efeito através do uso singular do sistema linguístico. Assim, acreditamos ser fundamental reconhecer nas produções linguísticas desviantes, um movimento subjetivo do “eu” na linguagem. Pelo viés enunciativo, encontramos na clínica lugar para firmar a posição de falante do autista. Ou seja, quando o terapeuta se coloca no papel do ‘tu’ percebe que nas desconstruções sintagmáticas há uma ação individual em colocar o sistema linguístico em funcionamento de modo particular e, conseqüentemente, enunciar-se. Não estamos falando em entendimento do discurso, mas da condição de sujeito na clínica fonoaudiológica, a partir da qual será possível acreditar na saída do isolamento autístico na linguagem, o que já indicará uma evolução do quadro clínico.

A cada turno discursivo, os locutores apresentam-se ora como ‘eu’, ora como ‘tu’, marcando, assim, os movimentos intersubjetivos. O sistema de signos referenciais é utilizado pelo sujeito que por sua vez é responsável por atribuir referência na frase no momento da enunciação, neste sentido é que a intersubjetividade é materializada na frase, cujos constituintes – palavras, expressam valores referenciais entre si. A enunciação é essa passagem do sistema para o discurso, da potência para o ato, sendo este o ponto de vista empírico, irrepitível, singular, porque envolve a produção verbal, vocal e gráfica (Lichtemberg, 2006).

Quando há uma fala e uma escrita, há um locutor que se constitui sujeito de enunciação. A subjetividade é a capacidade de enunciar, ela resulta num sujeito de enunciação como efeito de linguagem que se interrompe no ato, sem entrarmos nas questões intrínsecas de cada sujeito. Neste sentido, concordamos com Cardoso (2010), que diz em sua tese de doutorado, que o problema das áreas que se dedicam aos estudos da linguagem na instância apenas clínica dos transtornos não possui conhecimento integral da linguagem, tampouco pauta sua intervenção levando em consideração os aspectos da condição de enunciador do paciente.

Diante de um prognóstico caótico, o plano de tratamento deve ser na dimensão do espaço que o autista se coloca no mundo. O que nivela o terapeuta na mesma posição que a mãe no setting terapêutico, cabendo a ambos apostar no sujeito que vai aparecer ou se manifestar. A clínica fonoaudiológica no autismo precisa hipotetizar que ali surge um sujeito, mesmo quando rejeita as tratativas, mas o desejo é que um dia seja encontrado o elo de ligação ao outro. A aposta é essencial,

sobretudo se considerarmos que “[...] a linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas a sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas” (Benveniste, 2005, p. 289).

2.4.3 A clínica da linguagem e a urgência do viés enunciativo benvenistiano

Vimos que a linguagem na criança com TEA caracteriza-se pelo atraso na aquisição e dificuldades no desenvolvimento, compreensão e uso da linguagem, que podem afetar diferentes níveis como a fonologia, a semântica, a sintaxe e a pragmática. Essas dificuldades interferem na capacidade do sujeito em se enunciar adequadamente aos padrões da língua em uso e podem levar a atrasos no desenvolvimento da linguagem significativos.

ultrapassamos este ponto ao tomar a teoria da enunciação benvenistianiana em seus estudos sobre a linguagem direcionados a uma nova situação, quando a subjetividade demarca o espaço no campo enunciativo. Desse modo, a linguagem compreende o lugar em que o indivíduo se constroi como sujeito – não como sujeito empírico, mas como sujeito da linguagem (Facin, 2012). Definimos nosso ponto de vista a partir da vista do ponto sob o viés enunciativo afirmando que a enunciação é o lugar de instauração do sujeito e este é o ponto de referência das relações intersubjetivas. Para além destas questões da antropologia da enunciação referidas por Benveniste (2005, 2006) como em um dos seus textos “Da subjetividade da linguagem”, Flores (2019) tem pensado nesse retorno reflexivo, onde o homem opera na língua e a língua opera nele, como sistema e como discurso.

A definição de enunciação por Benveniste (2006, p.82) é o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. A partir da teorização da enunciação de Benveniste muitos estudiosos versam sobre o tema e se debruçam sobre questões inerentes ao homem, língua e linguagem. Barros (2011, p. 56), diz que

“o sujeito se constitui pela linguagem, se impõe e se expõe ao fazer uso da língua por meio da fala ou ao fazer uso de outros

sinais (gestos, expressões corporais, figuras etc.) e firma sua presença, habita a linguagem, tornando-se efeito dela”.

Portanto, podemos afirmar que somente o sujeito torna real a linguagem. E por termos essa convicção, afirmamos que a clínica fonoaudiológica que evidencia a construção subjetiva precisa considerar as produções languageiras, o neologismo, ecolalias, desvios de fala como lugar de constituição do sujeito na instância enunciativa. Milner (1987) afirma que o corte laciano é radical ao colocar a linguagem condicionada ao inconsciente, assinalando a emergência de um sujeito.

Afinal, na fala desviante, o neologismo inova, marca, representa e acima de tudo, significa. Este fato enunciativo evidencia a emergência subjetiva, pois como mencionado por Barros e Do Vale (2020, p. 292) “assim como as palavras que voam no vento, uma vez posta em uso, as construções linguísticas jamais serão as mesmas, ou seja: a enunciação é irrepetível” que de tão singulares revelam em seu núcleo, um sujeito desnudo. Do mesmo modo ocorre com vocalizações ou qualquer material enunciativo que podem emergir na cena enunciativa.

Para fazer uma análise de uma cena enunciativa envolvendo uma criança, é necessário ter em mente que a enunciação é um ato de produção de linguagem realizado por um sujeito em um determinado contexto. Assim, concordamos com Deissler (2014, p.27) que,

“Há, então, uma urgência de se dar a fala estereotipada uma dimensão que a atribua significado e privilegie a escuta as outras marcas (entonações vocais, gestos e outros) que se apresentam simultaneamente a estereotipia e que acabam sendo apagadas pelos efeitos que a fala sintomática produz no ouvinte.”

Bem como a linguística, a psicanálise também passa pelo exercício da fala e evidencia as marcas da emergência do sujeito, que pela ótica da linguística de Saussure e seus seguidores é ignorada ou não citada. De acordo com Milner (1987, p.8) “a fala constitui a matéria daquilo que ela manipula; os dados que o linguista encontra e os dados que o analista encontra têm, portanto, a mesma substância”. Tal como Milner (*op.cit.*), Surreaux (2006) também afirma que precisamos considerar na linguagem as suas manifestações como algo inerente ao sujeito e instaurar um ponto de vista singular sob o sintoma da linguagem.

A escuta é uma enunciação explícita, pois essa enunciação, ainda que não se explicita em palavras para o outro, marca a alternância enunciativa em série. De acordo com Surreaux (*op.cit*, p. 176) “[...] o sujeito é sempre feito de seu próprio dizer, é necessário analisar quais as particularidades dos efeitos que causam uma fala sintomática no dizer daquele que enuncia”. Ou seja, numa clínica que considera o lugar de emergência do sujeito pela enunciação, um dos primeiros efeitos deveria ser não adjetivar a linguagem como: patológica, sintomática, normal, desviante, não-desviante, típica, atípica etc.

Seguindo as orientações de Surreaux (*op.cit.*) e Barros (2011) que sugerem, que, no autismo, a língua comporta-se em um movimento de retorno entre os eixos sintagmático e paradigmático: ora a língua estaria presa ao eixo sintagmático na figura de um discurso ecológico, ora livre no paradigmático por meio de neologismos ou vocalizações aleatórias. Essa fixação em um dos eixos, segundo a autora, representaria o comportamento autístico de resistência às mudanças sendo exposto na linguagem, uma vez que o autista estaria seguro no discurso já proferido por outro.

A qualidade das relações originadas do movimento da linguagem em uso deveria ser o liame da clínica da linguagem, evidenciando a emergência do falante, construindo amarras discursivas capazes de compor uma cadeia dialógica. Pois a errância comporta a essência do sujeito, “as produções linguísticas no autismo inovam, marcam, representam e acima de tudo, significam” (Barros e Do Vale, 2020, p. 293). A clínica da linguagem consistiria em levar a bizarrice à dignidade do estilo e sublimação, o que era sintoma/bizarro se torna a grife, a marca, do autista, sua assinatura. Em conformidade ao que diz Orrado e Vivés (2021) a via de abordagem terapêutica deve ser aquela que dá importância da atenção despendida em empenhar-se em estar atenta à extrema singularidade de cada criança.

Por fim, o viés enunciativo permite-nos considerar a fala desviante como uma marca subjetiva desse sujeito com TEA, em qualquer ambiente que ele esteja imerso. A investigação do movimento da língua e da linguagem dessa população é indubitavelmente possível quando consideramos o viés enunciativo da aquisição da linguagem. Para isso, o capítulo a seguir detalha os pormenores da pesquisa, escolha da metodologia científica e estratégias para alcance dos objetivos da tese.

3 METODOLOGIA

A tese foi desenvolvida com o objetivo geral de investigar o movimento da língua do sujeito autista quanto aos aspectos morfossintáticos na linguagem oral à luz da teoria da enunciação de Benveniste. Teve como objetivos específicos de investigar e descrever por meio de técnica a realidade da construção morfossintática da linguagem oral na aquisição e desenvolvimento da linguagem da criança autista e sua relação com o outro no aqui e agora da enunciação. Neste intento, o estudo foi dividido em três pontos: tipologia e área do estudo; seleção dos sujeitos e coleta e análise de dados:

A tese foi conduzida através de uma pesquisa de procedimento analítico, utilizando-se para isso a perspectiva aquisicional enunciativa de Silva (2009), que propõe que todo o procedimento de análise deve ser qualitativo, por ser centrado na história de enunciações singular que a criança vai construindo, assim como em análises de dados interpretativas e fortemente ancoradas na teoria enunciativa de Benveniste.

Para iniciarmos a tese submetemos à pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, que é uma instância colegiada da Universidade Católica de Pernambuco para emissão de pareceres sobre protocolos de pesquisas, vinculada a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP e tem por finalidade o acompanhamento das pesquisas envolvendo seres humanos. Após aprovação, visitamos a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais/APAE no município de Serra Talhada – PE, que é uma instituição parceira da UNICAP e FACEPE onde analisamos prontuários dos pacientes em atendimento fonoaudiológico, que apresentassem perfil desejado na pesquisa. Para obtenção dos fatos enunciativos que pudessem nos dar indícios da movimentação morfossintática da língua na modalidade oral, priorizamos sujeitos que fossem verbais, alfabetizados e estivessem inseridos nas escolas da rede municipal.

Após seleção de seis sujeitos para coleta das gravações, realizamos reunião com pais dos participantes atendidos pela APAE, que gentilmente permitiram a realização da pesquisa, após assegurarmos sigilo de imagem e demais dados de identificação pessoal de cada criança, bem como a não divulgação das imagens das

crianças. Após obtenção do aceite dos responsáveis pelas crianças nos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE, seguimos o passo inicial da coleta dos fatos enunciativos.

A pesquisa qualitativa foi do tipo estudo de caso onde realizamos gravações dos momentos de interação entre seis crianças diagnosticadas com TEA, faixa etária entre sete à dez anos de idade. Os momentos de interação ocorreram em outubro de 2022 e as filmagens foram captadas por câmera de celular alocado no canto da sala de psicopedagogia. As gravações foram analisadas e editadas onde realizamos cortes e selecionamos aquelas que pudéssemos verificar alterações morfosintáticas nas enunciações da criança. As cenas enunciativas foram descritas com auxílio da utilização do software NVivo Qualitative Data Analysis Software (Versão 12), sob supervisão da Profa. Dra. Zélia Ferreira Caçador Anastácio na Universidade do Minho em Braga – Portugal para tratamento e análise dos dados processados.

O NVivo é um software utilizado para análise qualitativa de dados, especialmente na área de pesquisa social, que permite a importação de uma variedade de tipos de dados, incluindo documentos de texto, transcrições, áudio, vídeo, imagens etc. Para realização da análise e descrição do material de fala realizamos estágio científico avançado de doutoramento em Braga – Portugal. Neste período (outubro de 2022 a janeiro de 2023) as atividades foram desenvolvidas no intuito de adquirir conhecimento sobre manuseio e realização do projeto de análise de dados qualitativos através do software NVivo no laboratório de informática do Instituto de Educação da Universidade do Minho. Além da conclusão dessa importante fase de coleta e análise descritiva de conteúdo, houve troca de experiências e pudemos contribuir com a participação em seminários e cursos indicados pelo PPGCL.

Após compilação dos dados, organizamos o material enunciativo em quadros descritivos que respeitassem os turnos de fala e observando os aspectos multimodais da linguagem. Para a análise observamos a incidência dos padrões morfosintáticos na estrutura linguística oral dos sujeitos considerando os preceitos benvenistianos à luz da perspectiva aquisicional enunciativa de Silva (2009). Sabemos que na situação de coleta de dados em conversa espontânea, os papéis são alternados e “os efeitos decorrentes da reciprocidade, em que pela alternância os sujeitos constroem juntos a conversação” (Silva, 2009, p. 204).

A transcrição de base enunciativa para dados de fala sintomática considera formas linguísticas para além do verbal, com registros e interpretação que excedam as fronteiras do conteúdo fônico da fala. Assim, pistas prosódicas e gestuais apresentadas no momento da interação somam às considerações das transcrições pertinentes ao sujeito que se enuncia (Surreaux e Santos, 2013). Deste modo, selecionamos cenas enunciativas, a partir de recortes enunciativos, que segundo Silva (2009, p. 219) correspondem “o espaço de discurso em que determinado tema é referido e correferido na alocação”. Nessa estrutura de recorte, encontramos o locutor (eu), o alocutário (tu), a língua (ele) e a cultura (ELE), os quais são produzidos e compreendidos em formas, sentidos e referências diversas, os quais perfilam situações novas revelando práticas sociais regulares de usos da língua validadas e reconhecidas por todos os participantes do diálogo.

Em havendo quebra neste ciclo, buscamos analisar a existência de alteração morfossintática na língua do autista e suas características peculiares, que nos interessa pormenorizar aqui, como fazer inferências sobre fatos que os experimentos nos mostram. O compromisso com o teórico, foi o ponto de vista interno que sustentou o olhar investigativo dado à pesquisa e o nosso compromisso com o empírico, que foi o cuidado que tivemos com os dados enunciativos coletados nas cenas interativas. O ponto de partida que impulsionou a preocupação com a questão da transcrição está na ordem da singularidade na instância da fala, no indizível, na totalidade da linguagem, no que está fora dela e suas marcas.

Os dados da oralidade que mostramos nos fatos enunciativos revelam sentidos produzidos pelos sujeitos e por este motivo seguiremos o modelo descrito por Silva (*op.cit.*) seguindo os indicadores de marcações para tentar contextualizar ao leitor ao máximo a vista sobre os eventos verbais e não-verbais.

@ : pausa curta

@ @ @ : pausa longa

|= riso|

|= | : eventos não-verbais e breves explicações, como dêixis (gestos de apontar pessoas ou objetos)

|: interrupção brusca de alguma palavra ou frase

?: entonação de pergunta

!: entonação de exclamação

... : turno de fala em suspenso

,: marca utilizada para organizar turno de falas longos ou enumerações

Respeitando as sinalizações sugeridas por Silva (2009) para melhor compreensão da descrição da cena enunciativa e seguida discussão dos dados encontrados, analisamos no capítulo seguinte apresentando os fatos enunciativos em quadros conforme modelo aquisicional enunciativo da linguagem. O viés aquisicional enunciativo da linguagem da tese circunscreve nosso campo de interesse e nosso fazer na perspectiva da teorização da linguagem da criança com TEA que assumimos. Construimos aqui o ponto de vista do fenômeno de deslocamento, interrogando sobretudo o que nos interessa investigar a construção da morfossintaxe oral da criança com TEA.

4 ANÁLISE DE DISCUSSÃO DOS FATOS ENUNCIATIVOS

A presente análise demonstra o perfil enunciativo da criança com TEA que por vezes se encontra em processo de aquisição da linguagem oral, e que nessa travessia de ‘falta’ para ‘presença’. O lugar ocupado pela criança com TEA na língua, na instância enunciativa, instiga-nos a pensar no que vai do geral da língua para o particular do discurso, contando com formas singulares, cada vez mais complexas e tornando-as constituídas de marcas capazes de eternizar o que se esvanece.

A análise dos dados está apresentada abaixo em seis fatos enunciativos expostos em quadros com recortes da enunciação entre criança-outro para perceber os circuitos da fala entre as pessoas do discurso, autistas em interação com seus terapeutas, para compreender a construção sintática dos achados. Segmentamos as cenas enunciativas para melhor apresentar o fato enunciativo respeitando a cronologia dos acontecimentos na fala, mas distribuindo entre discussão e mostra de material de fala no corpo da discussão.

4.1 Fato enunciativo 1

Paulo⁶, criança do sexo masculino, 9 anos de idade, morador de Serra Talhada, aprendiz do 2º ano do ensino fundamental, diagnosticado com TEA aos 3 anos de idade e está em atendimento multidisciplinar na APAE de sua cidade desde os 4 anos de idade. De acordo com o relatório de anamnese, a queixa inicial da genitora foi de construção frasal atípica, relatou que seu filho apresentou atraso em seu desenvolvimento global, fala ecológica tardia e imediata. Falou as primeiras palavras com 1 ano, mas “regrediu logo em seguida”, conforme relato da genitora. Fez fonoterapia desde cedo e já passou por diversas clínicas. Começou a formar frases em 2022, hoje se comunica preferencialmente por holófrases.

Durante a avaliação inicial pela equipe de triagem da APAE constatou-se que Paulo inicialmente mantinha pouco contato visual, pouca intenção comunicativa, fala

⁶ Utilizamos nomes fictícios quando nos referimos aos participantes desta pesquisa, de modo a salvaguardar a identidade dos sujeitos.

ecolálica tardia e imediata, neologismos e estereotípias verbais e motoras. A frase era pobre em elementos de ligação o que comprometia a semantização da enunciação, necessitando de suporte para desenvolver e executar comandos. Paulo é exposto às telas (celular, tv e tablet) por mais de seis horas ao dia e reproduz as falas dos personagens dos filmes e jogos que costuma acompanhar. Observemos a tabela abaixo com recorte da cena enunciativa coletada em sessão psicopedagógica com duração de uma hora cada.

Quadro 1 – Fato enunciativo 1

Cena enunciativa: A criança utilizava jogo de imagens para repetir a fala da terapeuta.				
Participantes: Paulo e Psicopedagoga				
Local: Sala de terapia psicopedagógica				
		Criança	Interlocutor	Cena
	1	Eita		Criança entra na sala
	2		Oi, tudo bem Paulo?	
	3	Um pôco tossento		Criança tosse.

No recorte da cena enunciativa, Paulo reconhece-se distintivamente, ora como locutor, ora como alucotário. Na linha 2, vemos o papel do alocutário muito presente convocando o locutor a entrar nessa cena enunciativa a assumir esse lugar do dizer T: “Oi, tudo bem Paulo?/ Paulo: Um pôco tossento”. De acordo com o que desenvolvemos no tópico “2.2.1 Linguagem: o lugar das relações intersubjetivas” pudemos presenciar a macro-operação geral e necessária para o ato de aquisição de linguagem, que é de preenchimento do lugar da criança na estrutura enunciativa. Nesta macro-operação acontece a dependência do dizer do outro na fala da criança, através da convocação da criança pelo outro.

Mesmo que saibamos que houve um deslize morfossintático com a formação da palavra “tossento” na linha 3, há uma mudança de um preenchimento do lugar subjetivo. Embora a palavra criada não seja aceita gramaticalmente pela norma culta tradicional que seria “tossindo”, vemos que a criança possui consciência morfossintática. Como referimos no tópico “2.3.1 Morfossintaxe e o sentido” vemos a criança externando uma regra já internalizada de que acrescentando um sufixo “ento” no substantivo “tosse” poderá atribuir qualidade ao sujeito (oculto), findando por criar um

novo signo com forma e sentido únicos. Além disso, o fato enunciativo revela que a tentativa da criança é legitimada ao obter êxito na interpretação pelo outro. A marcação da posição do “eu” no discurso sobre o “ele” para o “tu” no recorte enunciativo indica a semantização da língua na sintagmatização do discurso, pois Paulo produz sentido no seu dizer, mesmo que o alocutário o ressignifica, tornando o que era “agramatical” em estatuto de palavra.

A cena abaixo segue no contexto de brincadeira de construção frasal mostrando figuras para nomeação:

Quadro 2 – Fato enunciativo 1, segunda parte

	Criança	Interlocutor	Cena
4		Ah doente. Ei! Olha aqui Paulo!	Mostra figura de rato
5	Ra-Ró-To, Rato.		
6		Eu quero rato! Diz!	
7	Ra-Ró-To, Rato.		
8		Eu quero?	
9	RATO <u>agóa</u> ... :		Turno de fala em suspenso
10		Eu quero falar a palavra?	
11	Eu quero falar palavra RÁ TÊ RÓ.		
12		Ah o Rato. Diga: Eu quero a palavra rato.	
13	Rato, rato		
14		e agora?	
15	= Coluja, cor lu já		Criança aponta para cima
16		Eu quero a palavra?	
17	cu tu txa cutuxa <u>molenguenta</u>		
18		Eu quero a palavra coruja	Criança faz expressão de nojo
19	(...)		Tia retira a figura do campo de visão da criança.
20		E agora?	Terapeuta mostra figura de gato
21	E agora?		

22	Ca to		
23		Como é que fala? Eu quero? Você não disse "eu quero"	
24	Miaaaau. Ca to		
25		Isso! Muito bem. E esse?	Terapeuta mostra a figura do macarrão
26	Eu quero, Acarrão quero.		
27		E agora Paulo? Eu? Hum, muito bem!	Figura de copo de água
28	Au- u- rá		
29	... :		Turno de fala em suspenso

Na linha 17, a criança fala “molenguenta” novamente usando o sufixo “enta”, mas dessa vez está flexionado ao gênero feminino “coruja”. Assim como em “tossento”, a criança mantém esse padrão na formação morfológica de palavras com utilização do sufixo adjetival fornecendo qualidade aos signos que normalmente não são flexionados. A alteração fonológica apresentada influencia diretamente no nível morfossintático, pois como mencionado por Benveniste (2005) o nível inferior (merisma) vai influenciar o superior (frase), alterando o nível morfológico e semântico. A passagem de uma unidade de um nível para o nível superior se faz por meio do sentido.

Observamos no recorte da cena acima que as instâncias da intersubjetividade, tem a criança e o outro numa relação alucocional ou dialógica entre Paulo e a terapeuta, visto que revezam os lugares de locutor e alocutário na materialidade do discurso, gerando referências e correferências a cerca de um tema estabelecendo comunicação intersubjetiva (a figura do animal apresentada à criança durante a terapia) - T: “E agora?/ Paulo: Coluja”, na linha 15. Vemos claramente a ocorrência do preenchimento de lugar enunciativo pela criança.

Podemos também observar o agenciamento das palavras possibilitando a continuidade do discurso e determinando seu *modus operandi* de enunciação na relação com a terapeuta. A sintaxe em construção mesmo que de forma singular, a relação linguístico-enunciativa entre a criança e o locutor é percebida pelas formas e

funções linguísticas estabelecendo laço cultural e dialógico entre o sujeito e o locutor na enunciação, formas verbais – T: “eu quero falar a palavra rá tê ró, quero arrua”, formas nominais (“rato”, “cato”, “coluja”), função interrogativa (“cabo?”), além dos recursos suprasegmentais (contornos entoacionais que marcam as funções sintáticas). Temos uma sintaxe em clara constituição, embora não encontremos frase constituída em termos gramaticais. Para além do segmental, temos uma língua segmentada, ainda que embrionária.

Via ato de enunciação, o locutor e o alocutário, estabelecem uma relação discursiva na qual as estruturas fragmentadas, tem um sentido para aquele que fala, mas nem sempre para aquele que a escuta, pois o interlocutor da criança se desloca inclinada ao sentido gramatical do enunciado.

Na linha 4, vemos o papel do interlocutor muito presente convocando a criança a entrar na cena enunciativa e a assumir seu lugar enunciativo T: “Ah doente. Ei! Olha aqui Paulo!”. Podemos também observar estruturas morfológicas se ajustando em direção ao padrão normativo do português brasileiro: “RATO agóa”. Essa formação sintagmática é atípica por inverter elementos e alterar a linearidade esperada na língua portuguesa que seria “Agora RATO”, ou seja, advérbio de tempo + adjunto adnominal. Além disso, advérbio de tempo “agora” estreita o espaço temporal e pode se referir ao verbo, o qual está ausente nesta enunciação, e o sujeito está oculto. Percebemos ambos mobilizando o vocal, atualizando a referência do discurso e ressignificando as formas nas relações de interlocução.

A relação linguístico-enunciativa entre a criança e o locutor é percebida pelas formas e funções linguísticas estabelecendo laço cultural e dialógico entre o sujeito e o locutor na enunciação, na linha 7: “Ca to. Miaaaau. Ca to”. Portanto reafirmamos concordar com Silva (2009) que a constituição do sujeito de linguagem se realiza pelas relações diádicas e trinitárias, colocando a criança a reconhecer-se como locutor e reconhecendo o outro como alocutário na instância do diálogo.

Nas linhas 8 e 9, é possível perceber uma desorganização das estruturas morfossintáticas caracterizadas pela falta ou pelo excesso “Eu quero, acarrão quero”; “au- u- rá; quero”, que não impedem a ação da criança em utilizar a língua e, assim, se enunciar. Vemos também as pessoas do discurso numa relação de disjunção eu/tu, a criança não só é convocada pelo outro, mas ela também começa a se implantar

como locutor e sujeito de enunciação, o que resulta da troca com o outro. A inversão objeto + verbo ocorre quando o padrão gramatical seria verbo + objeto, ou seja, a criança enunciou “acarrão queilo” quando o esperado seria “queilo acarrão”.

No momento seguinte, os sujeitos participam do mesmo jogo lúdico e Paulo se sente um pouco entediado e visivelmente fica disperso na sala de terapia.

Quadro 3 – Fato enunciativo 1, terceira parte

	Criança	Interlocutor	Cena
30		E agora Paulo?	
31	Acabou mano?:		Entonação de pergunta
32	Qué não!:		Entonação de exclamação
33	O que você está encontrando?		A tia busca uma figura dentro do saco.
34		Estou procurando ainda.	
35		Paulo?	
36	@@@		Silêncio
37	Cabô mano?		Criança pega brinquedo no chão
38		Depois tu brinca, vamos ali.	
39	=	Esse é o oceano atlântico. Que país é esse?	A criança segue até o mapa mundial e aponta.
40	Oi meu nome é Alemanha russiânica!		A criança segura a figura da copa do mundo onde ilustra um jogador da seleção alemã.

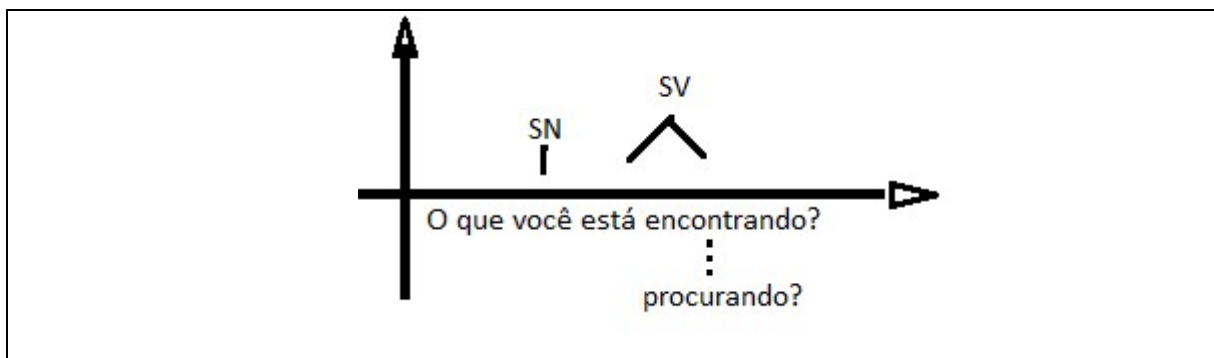
Encontramos uma inversão temporal do sentido da pergunta na linha 37, “T: Acabou! Paulo: Acabou mano? Qué não!”. Ainda nesta linha, a criança pergunta usando o verbo de resultado, prevê a resposta e antecipa-o nesse ímpeto de acelerar conteúdos, tal como no mundo virtual, em que habitualmente está inserido. Essa subversão entre ação e resultado, podemos perceber um sujeito que se revela na brevidade dos fatos. A tendência atual de simplificar fatos ou concluir rapidamente assuntos, tal como no mundo virtual que assistem em vídeos e jogos pelo celular, provavelmente podem influenciar na ordem sintagmática da frase.

À medida que, sabemos que por trás de um dado aparentemente simples, proliferam muitas outras questões entrelaçadas e é preciso ter um olhar clínico para não normalizar tal acontecimento. Ademais, percebemos a influência cultural e social de outras realidades linguísticas na enunciação da criança na linha 37 ao falar “mano”. Esta é uma expressão típica dos falantes da região sudeste e adjacências. Todavia, percebemos uma crescente exposição ao gênero vlog onde youtubers comentam jogos virtuais infantis, tais como *Roblox*, *Starcraft*, *FIFA*, *Minicraft* etc, os quais são acessados nacionalmente pelo público infantil.

A tendência do falante é associar o verbo ao valor de base, contudo as unidades da língua não se mostram tão elucidativas. Muito mais do que o hiato que há entre a forma e o sentido, há uma dissociação entre o semiótico e o semântico. Isso revela o que Benveniste em seu célebre texto “Semiologia da língua” pontuou como as formas patológicas, da ordem da linguagem.

Ainda na linha 33, a criança enuncia “O que você está encontrando?” quando antecipa o resultado da ação do alocutário de “procurar”. Afinal, o resultado de “procurar” é “encontrar”. Neste momento, além da subversão morfossintática entre os verbos presentes no ato do discurso, a criança subverte também o sentido das palavras, antecipando o resultado da ação atual do alocutário.

Figura 2: Esquema arbóreo do sintagma na linha 33



Fonte: Elaborado pelo autor

O esquema arbóreo acima auxilia na composição linear das estruturas sintáticas para compreender a geração de frases em termos de regras e operações formais. Nele percebemos esse movimento de deslocamento de tempo verbal “procurar” e “encontrar” que marca a maneira de pensar e organizar a enunciação pelo sujeito, visto que é incomum ocorrer antecipação do resultado como revelado no dizer

da criança. A sua expressão de ideias, indica o modo peculiar como a linguagem fornece ao pensamento manejos com os quais ela pode organizar a narrativa. Esta frase em específico chamou-nos atenção, pois embora “o que você está encontrando?” seja um sintagma que obedece ao padrão gramatical da língua, ela reflete uma questão semântica-pragmática que está relacionada ao contexto situacional e ao modo de pensar da criança.

Concordamos com Cardoso e Flores (2022, p. 80) que “a produção da fala é sempre fruto de relações associativas e sintagmáticas, que estão condicionadas ao caráter arbitrário do signo, seja na sua versão absoluta ou na relativa”. Ou seja, o papel do terapeuta em atribuir referência permite a inclusão na comunicação pela intersubjetividade. O que justifica que a aquisição da linguagem precisa ser observada como apropriação singular da língua pela criança com TEA, não como mero sintoma de fala.

Na linha 40, “oi meu nome é Alemanha russiânica!” encontramos uma interessante subversão onde o neologismo “russiânica” é uma composição criada para adjetivar o país Alemanha, mas que leva o sufixo “ânica” da palavra enunciada pelo interlocutor “oceano atlântico”. Contudo, percebe-se que não é apenas uma repetição do dizer, mas há a flexão de gênero para concordar com “Alemanha”. Analisamos essa produção de acordo com o que Benveniste (2005, p.66) afirma, que o símbolo “não configura os dados das experiências, no sentido de que não há relação necessária entre a referência objetiva e a forma linguística”, ou seja, a língua não traz etiquetas ao mundo, ela cria e recria o mundo, evidenciando uma capacidade humana de dizer.

Apesar de parte da informação necessária para aquisição e desenvolvimento da língua seja processada pelo mérito do sujeito de decodificar e agenciar elementos, ainda assim o ambiente ou a experiência são importantes para marcar a travessia do silêncio à enunciação da criança, independentemente da presença de alterações da linguagem. A exposição da criança aos ambientes que oferecem estímulos de experiências distintas produz resultados também distintos em crianças situadas em regiões geográficas diferentes e isso nada tem a ver com a condição do entorno (Mito, Silva e Lopes, 2013).

No recorte enunciativo abaixo a criança enuncia estruturas que se distanciam do sistema da língua convencional. O movimento da criança inscreve o outro (psicopedagoga) no seu discurso, iniciam outra atividade de brincar livre com os recursos que estavam na brinquedoteca.

Quadro 4 – Fato enunciativo 1, quarta parte

	Criança	Interlocutor	Cena
41	Vêdi	Vamos pra ali, depois tu brinca. Que cor é essa?	A tia levou a criança pelo braço até outra parte da sala.
42	Vêdi		
43		Canta	
44	carra ni um nininu		Criança canta e dança música de forró. Letra da música: Por causa de um menino

Destacamos na linha 44 o trecho “carra ni um nininu” que cai no vazio, na inabilidade do outro em participar do movimento espontâneo em direção à aquisição da linguagem. O interlocutor dispensa a sua atenção para o padrão correto esperado na fala da criança de acordo com as regras da língua.

Para concluir, a partir da perspectiva enunciativa de aquisição da linguagem percebemos a passagem de “falta” para “presença” expostas nos “deslizes” no decorrer da relação entre a criança e a língua. Há um movimento da criança autista na linguagem marcado por alterações morfosintáticas, caracterizadas por subversões (linha 26 – Acarrão quele), supressões (linha 32 - Qué não), repetição (linha 5 e 7 - rá tê ró), que apontam suposta “agramaticalidade”, mas que revelam a singularidade do sujeito ao constituir-se na língua.

Diante da análise da cena enunciativa, no caso Paulo concluímos que encontramos alterações morfosintáticas inabituais na língua oral, bem como depararmo-nos com o uso de pronomes pessoais e flexão do tempo verbal nas enunciações à sua maneira. Contudo na sintagmatização das palavras em emprego no discurso encontramos sentido a cada emprego, por conseguinte vemos uma criança suscitando respostas, agenciando palavras e evocando sentidos para o

alocutário, nas relações intersubjetivas, não interferindo na semantização geral do seu discurso.

As inversões morfossintáticas marcam de forma singular o modo de pensar e de constituir-se na língua, onde podemos afirmar que o sujeito está na linguagem e ocupa lugar na tríade homem-cultura-sociedade e comunica experiências. Mas não podemos deixar de destacar o papel do outro no engendramento enunciativo, que interpreta, aposta e valida a narrativa da criança.

4.2 Fato enunciativo 2

O presente fato enunciativo decorreu do recorte de uma cena de terapia psicopedagógica entre profissional e a criança, que aqui chamamos de Bruno, tem 8 anos de idade, cursa 1º ano do ensino fundamental, diagnosticada com TEA com nível 2 de suporte pela neuropediatra quando tinha 4 anos de idade. De acordo com o relato da sua genitora à equipe de triagem da APAE, inicialmente a criança apresentava pouca intenção comunicativa e linguagem espontânea inesperada para idade. Apresentava pouca funcionalidade nas brincadeiras que realizava sem o comando da terapeuta, movimentos estereotipados de mãos e outros sintomas do espectro.

Quando iniciou tratamento terapêutico com equipe multidisciplinar na APAE enunciava-se exclusivamente por vocalizações (humm) como resposta de trocas de turnos; risadas ao manipular recursos, vibração de lábios (som de besouro), fora do contexto semântico que o justificasse. Por vezes a criança utiliza-se do “outro” como instrumento para obter algo que não esteja ao seu alcance, segurando sua mão para buscar objetos de seu interesse. Havia também manejos na tessitura vocal aumentando e alcançando tons vocais em regiões mais altas e mais baixas, como se experimentasse os sons e sua própria autoria nas vocalizações. Atualmente a criança já apresenta enunciação verbal e maior interesse em interagir com os demais. Frequenta escola e já está sendo alfabetizada acompanhando bem a turma onde está inserido.

Abaixo, nos fatos enunciativos selecionados para a amostra percebemos a nítida constituição do sujeito na/pela língua, agenciando palavras no discurso e alternando protagonismo na relação intersubjetiva com seu par enunciativo.

Quadro 5 – Fato enunciativo 2

Situação: Criança estava na sala de jogos em contexto de brincadeira livre			
Participantes: Bruno e Psicopedagoga			
Local: Sala de terapia psicopedagógica			
	Criança	Interlocutor	Cena
1		Ta brincando de que?	
2	Bincano Carrinho brummm		
3		É a pista?	
4	liiiiooooô =		(onomatopeia do carro)
5		São os carrinhos da Hotweels!	
6	Íus		Terapeuta organiza a sala em silêncio
7	O que é êsso? Binquedos!		
8	Hum peça		
9	Gotôsu peça =		Lambe os lábios e acaricia a barriga
10	O que é isso? =		Entonação de interrogação

Nas linhas 7 e 10, observamos que a criança faz uso dos pronomes demonstrativos “essa”, “isso” e “esse” que estabelecem a função de marcadores dêiticos situando o espaço através do uso dos objetos, neste caso as peças do jogo. O pronome “esse” estabelece uma função anafórica. Segundo Fiorin (2016) o uso dos demonstrativos em função anafórica pode não ser muito convencional, o elemento “esse” assinala o que acabou de ser emitido na situação de enunciação, embora já tivesse sido recebido pelo locutário, ou seja, ocupando o seu espaço no discurso.

É importante pontuarmos que o espaço linguístico comporta suas próprias demarcações e seus próprios limites, independentes daqueles do espaço tópico. O espaço linguístico não é o físico, analisado a partir das categorias geométricas, mas aquele onde se desenrola a cena enunciativa. Abaixo podemos perceber o

preenchimento desses espaços onde a criança constitui e é constituído pela língua no aqui-agora da enunciação.

Quadro 6 – Fato enunciativo 2, segunda parte

	Criança	Interlocutor	Cena
11		Telefone. Alô?	
12	Alo! QUÉ os brinquedo @ ele		Criança segura telefone de brinquedo e o coloca no ouvido
13	Alô?: E qué!: Alo?:	Alo?	
14	Tudo bem <u>bigadu tchau</u>		
15		Tudo bem?	Risos de todos
16	Alo?:		
17		Alo	
18	Qué brinquedo de novo		
19		Você vai pegar qual brinquedo?	
20	Qué novo!:		
21	Qué piça!:		
22		Olha um pedaço de pizza!.	
23	Oh ta, ei, aqui ó		
24		Ah obrigada!	
25	Alo, qué pizza eu, bêjo, bigadu, tchau.		Criança coloca o telefone no gancho
26			
27	Eita pô =		Criança sorri
28		Caiu, foi?	
29	Aqui?:		
30		Olha o palavrão, não pode!	
31	= poxa		Põe mão na boca
32	Aqui?: Maiélo?: ê ê esse!.		
33		Amarelo, outro amarelo. Não, amarelo, você sabe.	
34	@@@ ê si?		Criança pega diversos brinquedos na tentativa de acertar a cor
35		= Olha! Um pedaço de pizza.	(Pega o objeto azul)

36	Oia! Deopidiçá!:		Alocutário faz expressão de não ter compreendido a criança
----	------------------	--	--

Nos movimentos enunciativos de Bruno vemos o agenciamento de formas enlaçando e sendo enlaçado no fio do diálogo. Ele atinge o outro pela linguagem e nessa conjunção preenche lugar nessa estrutura enunciativa. Mesmo que detectamos agramaticalidades, como a Não flexão de número em “QUÉ os binquedo”, a criança instaura-se na língua pelo preenchimento de lugar enunciativo, seguido da construção de referência atualizada no discurso. A flexão dos substantivos para concordar com o número (linha 12) “Bruno: Alo! Qué os binquedo @ ele”. A não concordância fundamenta o movimento singular que atesta um não-saber sobre a língua que vai ajustando os sentidos com o alocutário na enunciação.

É importante salientar que os marcadores dêiticos possibilitam que terapeuta e criança autista encontrem sentido nas produções discursivas, desvinculando do estigma de produções aleatórias e índice de isolamento social que são estabelecidos para os sujeitos com Transtorno do Espectro Autista. De acordo com Barros (2011) há uma maneira singular na relação entre o autista e a linguagem, a partir da compreensão dos dêiticos enquanto índice gerador de sentido na fala sintomática e marcadores da inscrição do autista na linguagem.

Na linha 27, Bruno enuncia “Eita pô”, e tão logo interpelado pela terapeuta com o seguinte sintagma na função sintática de intimação “Olha o palavrão, não pode!” que convoca a criança no fio do discurso a agenciar a palavra conforme a prescrição social e logo em seguida ela agencia a palavra “poxa” com baixo volume vocal. A regulação do vocal acontece em resposta a interdição, o que demonstra um modo de enunciação ajustado ao interdito.

Na linha 35, a psicoterapeuta diz “Olha! Um pedaço de pizza”, imediatamente após a enunciação de Bruno (linha 36) “Oia! Deopidiçá”, o que indica um jogo entre uma língua que é constituída (do adulto que se impõe à criança) e também um discurso que tenta se adaptar à criança. Uma relação sistema discurso começando a surgir na aurora da vida do falante, ou seja, o reconhecimento e do conteúdo

enunciado pelo sujeito, pelo interlocutor é um recurso essencial que impulsiona o funcionamento da linguagem, mesmo que à sua maneira.

Quadro 7 – Fato enunciativo 2, terceira parte

	Criança	Interlocutor	Cena
37	Que vai cai as cõsa aí		
38		Vai cair?	
39	Cai as cõsa aí, num cai vai compá ôtu		
40		tem nada não, se cair não tem problema.	Terapeuta sorri
41		É a cabra que dá o leite	
42	da ô da da su o leite !:	Oi?	
43		É a cabra que produz o leite É =	
44		Isso é o que?	
45	@		
46	O bombeiro uuii uau		Entonação de exclamação Onomatopeia ambulância
47	O que é isso?:		
48		Parece o trem?	
49	Deixô ver. deixô ver o fai. É, isso aí?: Isso aí?:		
50		Terminou?	
51	Deixô mineá?:		
52		Ei, senta aqui, terminou nao! Aqui ó.	
53	Uhh Vai minear?:		
54		Deixa eu começar, é a minha vez. Galo!	
55	Cachorro Cavalo. Mais?" Deixa minear peá bolinha		
56		Sua vez, cavalo	
57	Cachorro		
58	Cavalo. Mais?" Deixa minear peá bolinha?"		
59		Quando terminar eu deixo pegar a bolinha	

Ainda que não seja possível reconhecer uma forma morfossintática da língua nesses arranjos “deopidiçá”; “mineá” e “da ô da da su o leite” a criança comparece com a língua, em suas relações distintivas via manejos vocais, mostrando claramente que a língua está sendo inculcada na criança na relação com o outro. O fato enunciativo expõe evidências incontestáveis da travessia da criança no simbólico da linguagem, visto que a narrativa da criança é constituída por unidades da língua simultaneamente às relações intersubjetivas e referências.

Silva (2009) diz que o “eu” do ato de aquisição da língua é alvo do dizer proveniente do “tu”, em que o enunciado é simultaneamente constituído por elementos sintagmatizados segundo a combinação de elementos linguísticos do domínio semiótico, de forma adaptada ao domínio semântico, ou seja, há uma certa suposição do alocutário acerca da manifestação do locutor (criança). Quando o alocutário aposta no dizer da criança e o ressignifica, dá o lugar à criança como sujeito constituído do aqui-agora da enunciação.

A passagem do preenchimento de um lugar enunciativo de Bruno a partir da alocutária ocorre a partir dos movimentos particulares da criança como sujeito da sua própria língua. Como exemplo, vemos na linha 51: “Deixô mineá?” a passagem do lugar de uma criança convocada pelo outro a convocar o outro. O “eu” é uma grande mudança geral da relação da criança com a língua, para reconhecimento. Além disso a *operação de merge* que funde o sujeito e verbo do sintagma em “deixô”, que seria “deixa eu”, que embora não represente morfossintaticamente uma forma aceitável pela gramática tradicional, mas faz sentido no discurso quando validado pelo interlocutor.

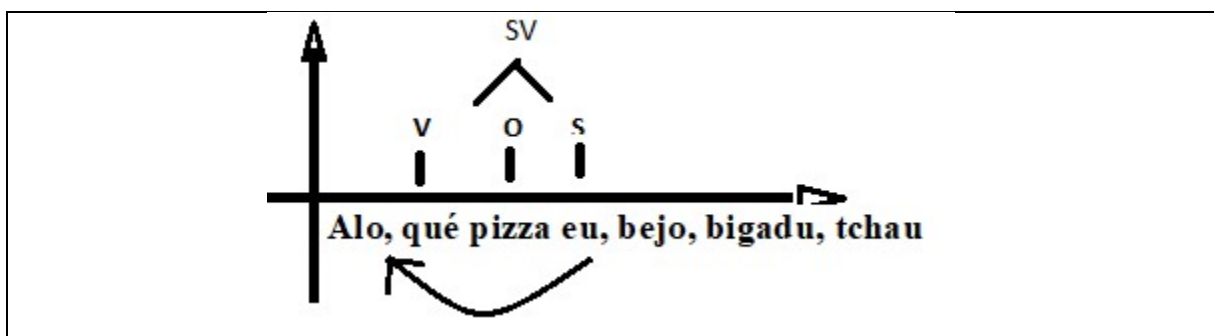
A cena da criança brincando com telefone, na linha 25, ela simula uma ligação, acessa um outro interlocutor e projeta uma cena fictícia, usando o vocal para marcar a inscrição dessa outra enunciação. Bruno fala: “Alo, qué pizza eu, bejo, bigadu, tchau” retomando um momento que ele vivenciou anteriormente, ele evoca outra enunciação e atualiza a enunciação a partir do alocutário. As questões da temporalidade, a atualização das formas no discurso, um novo aqui e agora vai revelando a posição do sujeito na língua em curso.

O resgate de situações vividas anteriormente para o presente da enunciação remete-nos a noção de memória e experiência trazida por Benveniste (2005) no texto

“Comunicação animal e linguagem humana” que elenca grandes diferenças entre a comunicação entre animais e a linguagem humana, diz que abelha não tem a memória da experiência, não produz uma enunciação a partir de outra enunciação, não consegue projetar, nem relatar, não há memória de enunciação que atualiza o aqui e agora. Contudo a linguagem humana não conhece tal limitação, sendo a capacidade de simbolizar a condição primeira da enunciação. É pelo ajuste do sentido e das formas no discurso que a criança faz emergir no seu discurso de “faz de conta” um locutor simbólico, onde o “sujeito” ultrajado de “outro” convoca e é convocado a sintagmatizar o discurso.

De acordo com a figura abaixo podemos ver o deslocamento do elemento “eu” para o final na posição posterior ao sintagma verbal “qué pizza”.

Figura 3: Esquema arbóreo do sintagma na linha 25



Fonte: Elaborado pelo autor

No esquema é possível perceber a estrutura sintática de uma frase representando projeções hierárquicas de um núcleo de um sintagma relativamente simples, mas que apresenta posição atípica do sujeito “eu” comparada à regra gramatical SVO da língua portuguesa. Essa posição ao final do sintagma pode revelar um sujeito que se enuncia de forma peculiar na língua. Diante da regra aprendida no convívio social, a criança pode tê-la acomodado e a adaptado à sua maneira. Mas também pode indicar que a criança enuncia o fato ocorrido e tardiamente se vê na função de nomear o agente da ação, ao perceber a falta de fechamento do ciclo da enunciação.

Nessa subversão, a criança mobiliza o sujeito à posição final no sintagma. O que podemos inferir que os elementos marcados pelo índice de pessoa parecem ainda não ter lugar fixo no eixo sintagmático e por vezes aparecem como se por força da iminência do discurso, a criança tivesse que revelar quem foi o sujeito daquela ação.

Embora essa tendência em posicionar o sujeito no final do sintagma tenha sido uma constante, precisamos aprofundar a pesquisa em busca de hipóteses que possam justificar estes acontecimentos na fala da criança com TEA.

Segundo Barros (2011) essa rigidez no deslizamento do eixo sintagmático pela criança com TEA pode afetar diretamente na escolha da posição dos elementos na linearidade da enunciação. Portanto há que se pensar nesta produção marcada pela subversão de elementos como uma tendência de mobilizar o sujeito do sintagma numa posição secundária ao núcleo verbal do sintagma. O sujeito, Bruno, se apropria do aparelho formal da enunciação, constitui elementos da língua fazendo referência na instância de discurso, mas eventualmente relega o índice específico de pessoa à posição final.

Por fim desta análise da cena enunciativa, concluímos que a criança usa predominantemente frases curtas e simples, como mencionado por Mota (2009) por ser característica da enunciação desta população. A pouca complexidade dos sintagmas pode estar vinculada a inabilidade de realizar organização ou agenciamento específico das formas da língua para transmitir seu pensamento na narrativa. O processo de organização sintagmática pela criança depende do uso de “procedimentos” nas unidades que constituem o aparelho formal da enunciação.

Quanto ao uso dos índices específicos da enunciação, categoria de pessoa, lugar e espaço parecem indicar que Bruno faz referência à situação na enunciação e estas promovem literalmente a sua própria existência como sujeito, neste “eu-tu-aqui- agora” da enunciação. Muito embora observamos alguns eventos de flexão verbal de pessoa gramaticalmente inapropriados, ainda assim percebemos os interlocutores em suas posições na instância do discurso, em todos os níveis da linguagem, de forma transversal e à serviço do semantização na cena enunciativa.

O registro da experiência de Bruno na linguagem mostra como a criança se lança, à sua maneira, na situação do discurso com o interlocutor frente ao mundo de formalidade de usos dos elementos e mecanismos da língua e permite ao outro criar sentido de cada ato enunciativo na instauração da criança na linguagem. As experiências constituídas a cada sintagma e seus arranjos vocais unem a forma e o sentido à serviço da enunciação.

4.3 Fato enunciativo 3

O fato enunciativo que apresentaremos a seguir apresenta recorte da cena na sessão de psicopedagogia entre a terapeuta e Carlos, uma criança do sexo masculino, com 9 anos de idade, filho único, diagnosticado com TEA. Há um ano frequenta as atividades multidisciplinares (fonoaterapia, psicoterapia, fisioterapia e terapia ocupacional) oferecidas pela Associação de Pessoas e Amigos Excepcionais (APAE) do município de Serra Talhada no sertão de Pernambuco.

Foi diagnosticado com TEA aos 4 anos de idade pela neuropediatra do município. Frequenta o 1º ano do ensino fundamental e mora com seus pais num sítio afastado do centro da cidade. De acordo com o relatório de triagem, a genitora refere que a criança ao ingressar no tratamento na APAE, em 2021, apresentava pouco jogo simbólico, enunciação objetiva, resistência ao ouvir a terapeuta cantar e se enunciava em português e inglês. Segundo a psicopedagoga, a criança apresentava planejamento e flexibilidade cognitiva regular, boa memória de trabalho, atenção seletiva adequada para resolução de problemas. Contudo, necessitava de suporte para iniciar diálogos, realizar habilidades de mando, tato e intraverbal, bem como nas habilidades sociais.

O tratamento fonoaudiológico oferecido na APAE buscou promover aspectos da linguagem e extra linguísticos, no intuito de fomentar o jogo simbólico, adequar habilidades sociais e de comunicação, estimular a atenção sustentada, socialização, linguagem espontânea, ideação, e a práxis.

A seguir apresentamos o recorte da cena enunciativa ocorrida durante sessão psicopedagógica na sala comandada pela coordenadora da unidade.

Quadro 8 – Fato enunciativo 3

Situação: Participantes sentados no tapete brincando com catapulta de bolinhas			
Participantes: Carlos e Psicopedagoga			
Local: Sala de terapia psicopedagógica			
	Criança	Interlocutor	Cena
1		Que cor tu tá jogando?	
2	Vêdi		
3		Tu gosta de brincar de catapulta?	

4	Góto		
5		Pois venha pra cá Eu também, sabia? Quem será que vai ganhar? Vamos pra ali.	O terapeuta tenta levá-lo ao lugar que deveria ser iniciada a sessão.
6	@		Criança desobedece à terapeuta e senta noutra cadeira
7		Aqui não, Carlos. Agora pega a caixinha amarela, aqui.	
8	Não, não. Ó Palito!”		Criança propõe outra atividade
9		hum vai encaixar qual agora?	
10	Azul malelo malelo		
11		O cavalo faz ri ri ri. E acabou, agora sua vez!	Terapeuta mostra figura com cavalo e pede cria uma frase com o contexto
12	O pôco faz ru ru ru é o pôco E @ cabô		Terapeuta mostra figura do porco
13		É? E onde o porco está?	
14	Na lama Assim é o cavaio inhim inhimmm		

Aquele que enuncia tem a possibilidade de tomar ou não para si um certo enunciado que ele próprio articula, isto é, ou bem apresenta um enunciado de opinião, situado num “aqui-agora”, ou bem procede por citação. Assim, Carlos enuncia na linha 14, “Assim é o caváio inhim inhimmm” onde é remetido à situação de enunciação, responsável pela atribuição de referência e por constituição de operações de integrações de unidades organiza e ajusta sentido e forma na narração. A estrutura enunciada apresenta inversão morfossintática, de ordem de palavras na frase do Carlos.

Portanto mesmo que a inversão morfossintática cause estranheza, as operações enunciativas devem considerar morfologia, sintaxe e semântica juntos visto que a integração de unidades no discurso “impossibilita a separação estanque em

níveis, [...] são operações constituintes e integrantes” (Silva, 2009, p. 245). Assim, Carlos ultrapassa a arbitrariedade do signo e é ressignificado pela alocutária, o que possibilita-o ajustar o seu discurso relacionando forma e sentido no aqui-agora da enunciação.

Quadro 9 – Fato enunciativo 3, segunda parte

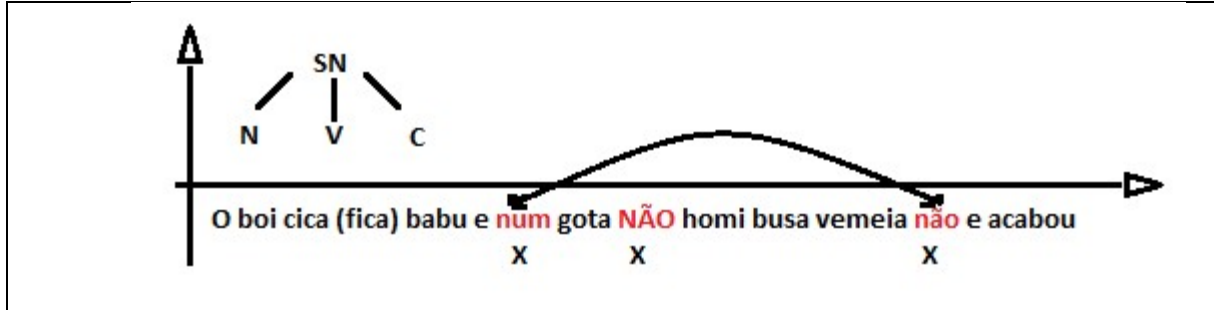
	Criança	Interlocutor	Cena
15	=		Gesto de relinchar.
16		Na lama, muito bem Carlos!	
17	E o coelho gosta ta comendo a cenoura e tá na selva.		Terapeuta mostra figura com coelho
18		Muito bem. E esse aqui? Ficou com raiva?	
19	Bateu O boi cica babu e num gota NÃO homi busa <u>vemeia</u> não e acabou dimai		Terapeuta mostra figura com boi
20		E é? O boi é brabo? Minha vez!	

A terapeuta indaga, na linha 18, “Ficou com raiva?”, no tempo verbal do passado, levando Carlos a enunciar em resposta usando a forma verbal também no passado “bateu” e a instaurar, na comunicação intersubjetiva, o modo de enunciar narrativo. Ou seja, a função de interrogação na enunciação da terapeuta suscitou em Carlos uma nova forma de resposta, com novo índice de tempo atualizado ao à situação do discurso.

No final da linha 19, as palavras agenciadas no discurso de Carlos, ora remetem ao contexto, ora fazem parte da sua realidade em suas experiências de linguagem. Carlos traz um fato novo e enuncia “O boi cica babu e num gota NÃO homi busa vemeia não e acabou” e no vai-e-vem de formas e sentidos elabora um sintagma singular, construindo estruturas no ato da língua em uso, mas com significação própria. Percebemos inversão de posição de elementos e repetição do “não”. A posição atípica da segunda partícula de negação no discurso revela a ênfase que a criança quis dar ao fato narrado. Os níveis linguísticos articulam-se e põem a língua

em funcionamento, a referência e sentido são empregados nas palavras e frases e pela enunciação Carlos se marca como sujeito do discurso.

Figura 4: Esquema arbóreo do sintagma na linha 19



Fonte: Elaborado pelo autor

No esquema arbóreo acima cada um desses grupos de palavras contribui para a expressão global de significado no enunciado. A sintagmatização ocorre com a conexão de palavras expressando a ideia na situação enunciativa, contudo o uso da partícula de negação por três vezes em posições diferentes “não” pode revelar do sujeito muito mais do que um simples erro gramatical. A repetição da palavra propositalmente por Carlos indica intensidade ou ênfase na informação como forma de prender atenção do alocutário.

O agenciamento da palavra “brabu” em relação a sintagmatização com “não gota” evoca questionamentos “E é? O boi é brabo?” de interrogação do alocutário, que suscita a resposta de Carlos: “dimai”. O que nos faz confirmar que apesar da atipia do emprego das formas na linearidade da enunciação o sentido da palavra e da frase é preservado e evoca sentidos na relação intersubjetiva e em seus modos operandi no aqui-agora da enunciação.

Quadro 10 – Fato enunciativo 3, terceira parte

	Criança	Interlocutor	Cena
21	E tá o caváo mais o pintinho e eles assim him him him assim =		Criança pega outro cartão Terapeuta mostra outra figura
22		Ele faz assim também É vamos tirar mais uma plaquinha?	ó (gesto de trotar com as mãos e corpo)
23	Him him him		Gesto de relinchar

Na linha 21, “C: E tá o caváo mais o pintinho e eles assim him him him assim”, observa-se que a terapeuta compreende o enunciado de Carlos, significa-o e valida o signo como pertencente da enunciação. Em resposta ao circuito mantido pelo interlocutor, Carlos adota atitude responsiva nesse processo de comunicação e engaja-se na enunciação comprometendo-se a usar formas linguísticas reconhecíveis pelo outro do discurso.

A análise dos fatos enunciativos atestou mudanças no modo da criança em atualizar a língua no discurso. De forma preliminar, a criança instaura-se na língua delineando as formas simples às mais complexas, “vêdi”, “goto”, “o pôco faz uh uh uh...” etc. A engrenagem da enunciação é motivada pela convocação do outro na instância do discurso, que a todo momento o interroga, intima, alega. Nesse sentido, a atitude da criança é aderir ao proposto pela terapeuta e se abrir às possibilidades do discurso na relação intersubjetiva com o outro.

É na produção do sentido através da fusão de dois elementos no ato enunciativo que observamos como a criança é afetada pelo agenciamento de palavras do outro e, quanto ela pode suscitar sentidos para o outro pelo uso de formas a partir de suas referências e correferências no discurso. Trocas fonêmicas, inversão de elementos, ausência, subversões e outros deslizos gramaticais parecem estar a segundo plano quando presenciamos a criança instaurando-se na língua, apropriando-se de regras morfossintáticas, conscientizando-se e tornando possível a comunicação linguística.

4.4 Fato enunciativo 4

Abaixo segue recortes que foram convertidos em fatos enunciativos de análise da interação entre a terapeuta e Daiana, 8 anos de idade, diagnosticada com TEA e TDAH, estuda no 2º ano do ensino fundamental, mora com os pais e a irmã e está em acompanhamento multidisciplinar na APAE de Serra Talhada há 5 anos.

A criança veio acompanhada pela genitora, com queixa de atraso de linguagem e no seu desenvolvimento global, baixo limiar de frustração, brincar não funcional, dificuldade em compartilhar objetos. Durante avaliação a equipe relatou que Daiana apresentou boa funcionalidade nas brincadeiras que foi direcionada, contudo não há

bom tempo de espera entre brincadeiras. Alterações em relação ao seu domínio sensorial, não atende a todas as demandas, contudo também se interessou quando enunciamos em língua inglesa e por músicas nesse idioma. A avaliação inicial também constatou que a criança realizava imitação verbal, de interjeições e de frases automáticas, neologismo, enuncia palavras e holófrases. Respondia aos pedidos de interação; realizava vocalizações e cantarolou alterando pitch e loudness.

No recorte da cena enunciativa abaixo podemos perceber uma boa interação nos momentos de conversa entre o sujeito e o interlocutor. Há concatenação de ideias que põe formas e sentidos alinhados no engendramento da língua em uso. Daiana está brincando com um jogo de encaixe, junto com a terapeuta. Sessão inicia com paciente e terapeuta na mesa realizando atividade de encaixe com peças coloridas.

Quadro 11 – Fato enunciativo 4

Cena enunciativa: Psicopedagoga pede que a criança descreva a cena apresentada na figura.			
Participantes: Diana e Psicopedagoga			
Local: Sala de terapia psicopedagógica			
	Criança	Interlocutor	Cena
12		Vamos começar, posso?	Terapeuta pega carta com a figura, descreve e pede que a criança faça o mesmo
3	Hum rum (afirmativo) =		Criança faz sinal gestual de afirmativo.
4			A figura mostrada contém uma porca amamentando seus filhotes
5	A porquinha cai nos filhotinhos		
6	@ Ahhh	Cai ou amamenta?	imitação
7		A ovelha tem a lã branca. Agora você!	
8	hi hi hi =		
9	A va... isso é o que?		
10		Um bode	
11	O bode faz béee		
12		Minha vez, o boi tá brabo	

O fato enunciativo acima mostra o recorte da cena entre a criança e a terapeuta que, através da observação dos movimentos da enunciação, é possível perceber regularidades e singularidades da Daiana como sujeito na língua, que a todo instante agencia as palavras, organiza a morfossintaxe com a preocupação de seguir as regras da língua, mas desliza por vezes quanto a organização sintática e no eixo paradigmático quanto a escolha lexical preservando o sentido da frase.

Na linha 5, a criança enuncia “a porquinha cai nos filhotinhos” ao analisar a figura de uma porca amamentando seus filhotes. O agenciamento da forma “cai” obedece aos índices de pessoa, tempo e espaço, mas revela um equívoco quanto a escolha do verbo “cair” em detrimento à ação ilustrada na figura. Contudo, a interlocutora convoca-o interrogando “cai ou amamenta?” e sua ação exerce função sintática de suscitação de nova resposta, que após uma leve pausa a responde com “ahhh” como sinal afirmativo.

No contexto acima, supomos a existência de um arranjo necessário e condicionante para o ato enunciativo, visto que para enunciar ou até mesmo compreender a enunciação do outro é necessário que o sujeito assuma as bases da linguagem condicionantes: temporalidade, espacialidade e pessoalidade. O contexto foi improvisado pela terapeuta e na fluidez do discurso o “eu” e o “tu” tomam suas posições na enunciação.

Portanto, através desse pressuposto, reafirmamos que, a criança autista não demonstra desinteresse em relação ao discurso do outro, demonstrando, assim, que a criança está na linguagem (Barros, 2011). Ela não está alheia, mas responde à sua maneira como resultado do próprio processo de apropriação morfossintática da língua.

Com base nesses recortes analisados, trazemos ilustrações onde percebemos uma macro-operação que é entendida como algo geral e necessário ao ato de aquisição, onde a operação de preenchimento de lugar enunciativo da criança. A criança é muito dependente do dizer do outro e num segundo momento a criança preenche lugar enunciativo a partir do tu, do outro da relação. Tal constatação ganha força ao considerarmos as respostas verbais e solicitação das peças do jogo pela terapeuta.

No fragmento discursivo é possível perceber que Daiana se encontrava inserida na linguagem, já que não estava alheia à atividade proposta pela terapeuta, além de

estabelecer uma relação particular na linguagem e na interação social com o interlocutor.

Quadro 12 – Fato enunciativo 4, segunda parte

	Criança	Interlocutor	Cena
13	A galinha voa do céu		
14		Muito bem, agora é a minha vez. O cavalo faz hi hi hi Agora tua vez!	
15	Os ovinhos nascem os pintinhos		
16		Ah a imagem tem um cachorro, pássaro, um boi e um rato. Minha vez! A porca amamenta o filhote	

Na linha 13, a criança diz “A galinha voa do céu” e percebemos que a regência do verbo “voar” no contexto da cena exige o uso da preposição “em” o que mostra um uso não convencional da preposição “de”.

As alterações de linguagem se mostram no nível da frase a partir do reconhecimento de signo, papel da palavra e enunciado no discurso. Portanto a criança embora cometa deslizos na escolha de elementos durante a enunciação, ela é agencia o sintagma a partir da condição primeira que é a linguagem no seu aqui-agora. O domínio da forma e do sentido exige não só do sujeito, mas do interlocutor um engajamento para associar e relacioná-los independentemente do acontecimento de desvios morfossintáticos.

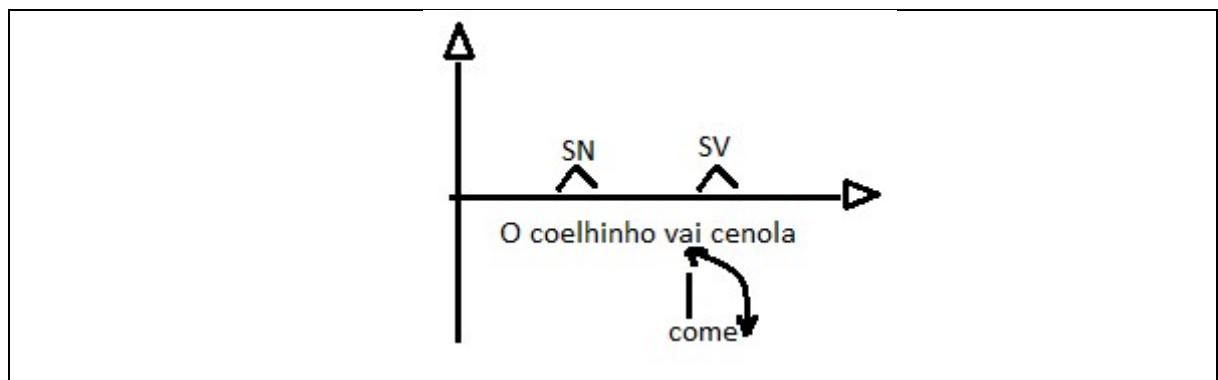
Quadro 13 – Fato enunciativo 4, terceira parte

	Criança	Interlocutor	Cena
17	tá babo o cachorro, pássaro, o boi e o rato tá babo		
18		Quem? Ahh... Minha vez, a ovelha produz lã branca	
19	O coelhinho vai cenola		
20		Minha vez, o que é isso?	
21	A abéia fai siiiii Ziiii =		(imitação)

22		O cavalo! A esposa do cavalo, a égua amamenta o filhote.	
23	O sapo mais a sapa		
24		Vou começar a primeira peça, isso, depois! E o que é isso?	
25	Não. Bincam de quebra cabeça		
26		Acabou? E esse?	
27	Colação		

Ainda na linha 19, a criança disse: “O coelhinho vai cenola” e usa de forma inabitual o verbo “ir” numa construção frasal quebrando o sentido do mesmo. Ao escolher o verbo “ir” ao invés de “comer” a enunciação da criança revela nuances importantes quanto à morfossintaxe, onde a troca de um verbo em detrimento de outro pode indicar a peculiaridade própria do sujeito no movimento da língua. O verbo “ir” indica movimento e ao mesmo tempo “comer” também significa uma ação com direcionamento certo.

Figura 5: Esquema arbóreo do sintagma na linha 19



Fonte: Elaborado pelo autor

O deslize no eixo associativo a partir da escolha de um verbo pode revelar o funcionamento linguístico-enunciativo particular de Daiana, que surgiu a partir das noções nos campos da semiótica e da semântica. A articulação desses dois domínios pressupõe o movimento da língua e mostra toda a sua plenitude. Concordamos com Cardoso e Flores (2022, p. 60) que “é na frase que a significância do discurso engloba a significância do signo” visto que a atribuição de referência e correferência moldam o curso da enunciação na estrutura do discurso.

Ainda na linha 17, a criança enuncia: “tá babo o cachorro, pássaro, o boi e o rato tá babo” verificamos mais um caso de subversão da posição do sujeito “o cachorro” para o final do sintagma nominal. A recorrente inversão dos elementos compromete a linearidade e quebra o padrão SVO da gramática normativa, contudo não compromete por completo a semantização da narrativa, quando vemos a terapeuta convocá-la “quem?” na função sintática de interrogação que faz refletir e responder com suas convicções “o cachorro”, visivelmente afetada pelo agenciamento de palavras do outro.

Portanto pensar na enunciação é considerar a posição das pessoas no diálogo sob uma condição de reciprocidade e interdependência, ao mesmo tempo que a criança se propõe como sujeito da enunciação, é também ressignificada pelo outro que por vezes também ocupa lugar de sujeito no mecanismo enunciativo. Assim, o dizer da criança é significado, mesmo que de modo peculiar.

4.5 Fato enunciativo 5

No presente fato enunciativo apresentamos o recorte da cena enunciativa gravada a partir da interação entre crianças, que chamaremos de Eliza, de 8 anos de idade, inserida no 2º ano do ensino fundamental em seu município de nascimento e residência, Serra Talhada PE. A criança ingressou no tratamento multidisciplinar há mais de 3 anos, quando foi diagnosticada com TEA, nível 1 de suporte. A queixa inicial foi de problemas de linguagem receptiva e expressiva, atenção e concentração. Durante avaliação a equipe percebeu linguagem espontânea aquém ao esperado pela idade, pouco contato visual, timidez e excesso de objetividade, possuindo um repertório lexical e grande lacuna da iniciativa de comunicação tanto verbal como não-verbal.

Apresentou planejamento e flexibilidade cognitiva regular, boa memória de trabalho, atenção seletiva preservada para resolução de problemas. Foi diagnosticada pela fonoaudióloga com atraso de linguagem secundário ao TEA, sendo o objetivo do tratamento a promoção dos aspectos da linguagem e extra linguísticos, com o uso de estratégias naturalistas; estimulação da enunciação para melhoramento dos aspectos comunicativos e sociais.

Quadro 14 – Fato enunciativo 5

Cena enunciativa: Psicopedagoga solicitou que a criança iniciasse a leitura do conto infantil			
Participantes: Eliza e Psicopedagoga			
Local: Sala de terapia psicopedagógica			
	Criança	Interlocutor	Cena
1	fi ze ra		Iniciaram leitura de livro infantil
2		Fizeram	
3	Trá		Leitura silabada, sem juntar palavras, com muita dificuldade
4		O "T" com o "R" e o "A" é "TRA"	
5	Hummm Num apendi esse som, eu.		
6		Presta atenção... Shiiii (som de CH)	
7	Urrásco		
8		É! Presta atenção!	
9	Garrafa de urrásco?		
10		É	
11		Voce foi pra escola?	
12	Foi		
13		Foi legal?	
14	Foi muito áto		
15		Porque foi muito chato?	
16	Porque na hora do lânti ne, uma amiga me deu uma bolata aí eu deu dor de barriga, eu. Mas nem deu.		
17		Hum	

Neste recorte vemos que o outro da alocação, a terapeuta, dialoga no aqui-agora da cena enunciativa e assume empiricamente o “eu” e implanta o outro como “tu”, configurando essa alteridade entre as pessoas da alocação – linha 11 “Você foi

para escola?” E: “Eu fui”. A todo instante percebemos o outro convocar a criança a enunciar, a agir “Foi legal?”. A relação de conjunção ‘eu-tu’ está presente.

Do mesmo modo vemos que a relação de disjunção ‘eu/tu’ também é percebida a todo momento na alocução, a criança não só é convocada pelo outro, mas ela começa a se implantar como locutor, a criança já se descolando do outro, linha 5, E: “Num aprendi esse som, eu”. Sendo notório que a criança está desenvolvendo consciência morfossintática a partir da troca com o outro, sendo a língua posta em movimento e atualizada pelas pessoas da enunciação.

Quadro 15 – Fato enunciativo 5, segunda parte

	Criança	Interlocutor	Cena
18	Ai toda vez o professor de matemática perguntava o menino tudo, as questões todas e não sabia as respostas todas, eu.		
19		Hum	
20	Ai a mediadora me ajudou eu nas questões, ela		
21		Ele respondeu? Ele sabia? Hum muito bem, nós paramos aqui.	Terapeuta oferece parafuso para encaixar
22	Ai esse daqui é menor		
23		É e vai decrescendo	
24	É esse aqui cresce e vai		
25		Verde, minha pecinha é verde, me diz alguma coisa na cor verde.	
26	Brócolis		
27	Mas não gosto brócolis. Não gosto alface.		
28		Muito bem, o que mais?	

Em seguida, na linha 18, vemos a criança recuperando pelo discurso essa referência constituída discursivamente (fato ocorrido na escola com sua colega e o professor), noutra instância de enunciação. Eliza distancia-se do presente e traz uma realidade ausente na narrativa. A relação diádica de distinção pessoa/não pessoa

‘(eu-tu) / ele’ onde as pessoas do discurso (eu e tu) começam a se diferenciar do ‘ele’ (não pessoa) na linha 22, Eliza: “Ai esse daqui é menor”.

Isso vai se complexificando essa relação da criança com os elementos da narrativa, Eliza: “Ai toda vez o professor de matemática perguntava o menino tudo, as questões todas e não sabia as respostas todas”. Assim, nessa aparente cena simples entre criança e terapeuta podemos ver a ação das três instâncias intersubjetivas propostas por Silva (2009), da dupla alteridade e das relações enunciativas.

A criança transforma o sentido em palavra através da representação por um signo, chamado simbolização, e entra na língua como sistema organizado de signos, semiotização (Silva e Oliveira, 2016). Essa perspectiva inaugurada por Silva (*op.cit.*) configura uma mudança no estudo da aquisição, há uma passagem de um lugar enunciativo que se dá a partir do outro para o reconhecimento do efeito que o lugar preenchido pela criança provoca no outro.

A junção de morfemas, palavras no sintagma e a complexidade das operações de merge (combinação) na narrativa da criança impressiona pela quantidade de elementos e regras morfossintáticas que ela precisa movimentar dando continuidade até concluir o sentido do discurso. Mesmo que percebamos deslizos nas regras de movimento na sentença, como na linha 18 “perguntava o menino tudo”, que afastam na linearidade do sintagma o verbo “perguntava” do seu complemento verbal “tudo”. A regra de movimento de distanciamento do núcleo e a sua derivação pode estabelecer relações sintáticas entre constituintes locais, provocando uma quebra no sentido (Kenedy, 2013).

O agenciamento das palavras na frase, à sua maneira (linha 18), permite perceber que Eliza revive na linguagem um fato externo, não mais contemporâneo ao discurso, mas faz o outro conhecê-lo mesmo usando combinações agramaticais. Isso força ao sujeito criar na enunciação formas verbais do tempo passado para o presente. Com autonomia na narração, a criança traz algo pessoal ocorrido no passado para outro tempo, coordenando as formas de acordo com seus devidos índices de tempo, espaço e pessoa.

Para que essa referência entre verbo e complemento aconteça a criança se depara com uma série de aspectos complexos da língua posta em uso, que é a arbitrariedade dos signos, a relação forma-sentido e a integração das unidades no

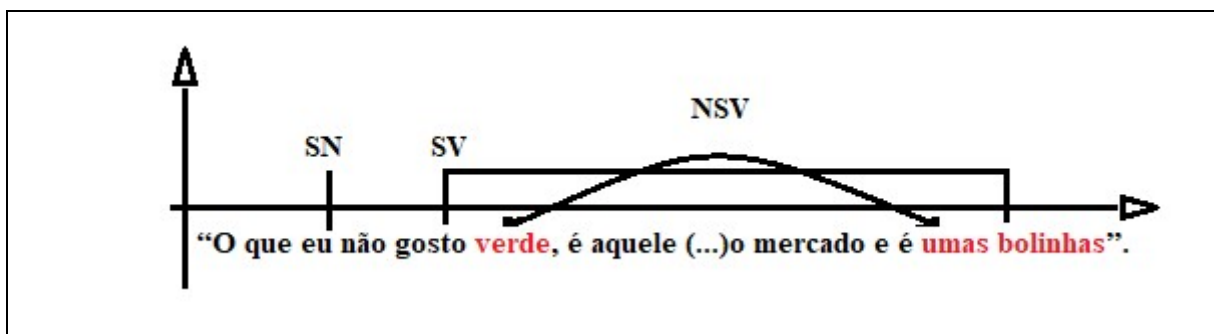
discurso (sintagmatização). O papel do “tu” é muito importante nas nossas análises pois é sempre em relação ao tu que esses movimentos vão acontecer. Embora a ordenação linear seja importante para a semantização do discurso, o processo de significação pelo alocutário valida o caráter contínuo da enunciação.

Quadro 16 – Fato enunciativo 5, terceira parte

	Criança	Interlocutor	Cena
29	O que eu não gosto verde, é aquele ali que tá junto no milho, no mercado e é verde, umas bolinhas.		
30		Que também é verde. O que mais tem verde?	
31	É mais ou menos Tem, verde é o red?		
32		Hum, deixa eu ver. É transparente água	
33	Hum, deixa eu ver. É transparente água		Atividade de pescaria

Na linha 29, percebemos a questão da nomeação onde a criança para narrar a história precisa nomear e estar em busca de construí-la mesmo não conseguindo acessar o nome “ervilha”. Eliza disse: “O que eu não gosto verde, é aquele ali que tá junto no milho no mercado e é umas bolinhas”. A criança entra na língua como sistema organizado de signos, mesmo de forma singular, mesmo na subversão trazendo o adjetivo “verde” para o início do sintagma verbal ao invés de posicioná-lo imediatamente ao lado do nome “bolinhas” para referir-se às ervilhas.

Figura 6: Esquema arbóreo do sintagma na linha 29



Fonte: Elaborado pelo autor

A interação entre os sintagmas dentro de uma sentença é crucial para a construção do sentido, sendo a combinação do traço nominal e do traço verbal a junção que permite a cunhagem de valores de sentido desde o núcleo às suas derivações sintagmáticas. Deste modo, a categoria lexical de cada elemento estabelece sentido lexical de valor único. Portanto quando a criança disse “verde” fez referência a uma característica de algo que supostamente deveria já ter sido referido, mas na linearidade do enunciado “umas bolinhas” foi mencionado no final.

A coordenação e combinação dos sintagmas e seus elementos ficam subordinados ao comportamento sintático das relações anafóricas entre sujeito e objeto, o que pode resultar na má formação semântica comprometendo o processo de significação pelo outro. Voltamos a importância do ato de significar do outro, pois “o sujeito benvenistiano não é anterior à língua, mas resulta da enunciação. Ele só existe pelo fato de falar, emergindo como efeito, na e pela linguagem, radicalmente atravessado pela cultura” (Teixeira e Messa, 2015, p. 107).

A análise do fato enunciativo do contexto nos permite inferir que anterior ao do dizer, há o poder significante da língua (Benveniste, 2005). Ao agenciar o posicionamento do sujeito no final das frases na linha 5: “num aprendi esse som, eu”, e na linha 16 “(...) uma amiga me deu uma bolacha aí eu deu dor de barriga”, podemos perceber a presente tendência por subverter o elemento com índice de pessoa à posição final no sintagma.

Já nos advertia Benveniste (2005, 2006), só interessa ao falante aquilo que significa, portanto podemos concluir que a subversão também significa, ou seja, a posição do sujeito revela que há um deslocamento na atribuição de valor nesse elemento. As atitudes da criança na relação intersubjetiva com seu par nos permitem concluir que a dimensão semiótica se articula ao domínio semântico, via ato enunciativo. Eliza comunica experiências, suscita respostas, atualiza os índices específicos e utiliza procedimentos acessórios para atualizar-se no aqui-agora do discurso.

4.6 Fato enunciativo 6

Os dados coletados na cena enunciativa revelam fatos importantes na interação entre Fábio e uma das terapeutas que o acompanha há mais de 3 anos na APAE do município de Serra Talhada, Pernambuco. A criança é do sexo masculino, tem 10 anos de idade e foi diagnosticado com TEA nível de suporte 3 quando tinha 3 anos de idade. A genitora de Fábio chegou à APAE com queixa de atraso de linguagem e em seu desenvolvimento global.

Durante a anamnese, a genitora relatou que a criança balbuciou e falou depois de dois anos de idade. A criança foi avaliada com aplicação de protocolos multidisciplinares e apresentava raro contato visual, pouca intenção comunicativa e linguagem espontânea inesperada para idade. Não atendia a todas as demandas, mas interessou-se quando enunciamos em língua inglesa e por músicas nesse idioma. Cantou com a mesma entonação e coerência fonética, as músicas em inglês. De acordo com a fonoaudióloga a práxis encontrava-se (capacidade da criança de ideação, planejamento, sequenciamento, execução e adaptação) desorganizada.

Quadro 17 – Fato enunciativo 6

Cena enunciativa: Brincadeira com cartas de imagens para encaixar no tabuleiro.			
Participantes: Fábio e Psicopedagoga			
Local: Sala de terapia psicopedagógica			
	Criança	Interlocutor	Cena
1		A de?	brincadeira com cartas de imagens para encaixar no tabuleiro.
2	Aio		Figura de um alho
3		Isso, muito bem! A de?	
4	Axí		
5		Abacaxi, muito bem! Esse é? Que letrinha é essa?	
6	E		
7		Hum vai lá, cubra o E E de Espan...?	Figura de espantalho
8	Taio		Criança pega o lápis e contorna a letra E com auxílio da terapeuta.

9		E esse? Diga a tia! E de escorregador!	Figura de escorrego
10	Ecuegadôandão		
11		Agora vamos? Isso?	Figura de índio
12	Injio		
13		Índio, isso. I de? O que é isso?	Figura de seringa
14	Ixeção (acentuação no xé)		
15	Doi	Injeção, uii, ai, doi num é, doi?	
16	Doi		
17		Doi nada!	
18	Fica nu meu braço aqui		
19		E essa letrinha tu lembra?	
20	o		
21		Hum, cobre o O!	
22	Uoduvi macarrão		
23		Oi? Repete por favor que eu não escutei	
24	Uma fez cumenu macarrão		

Ainda na mesma linha (13), percebemos que os ajustes vocais do interlocutor: “Índio. I de? O que é isso?” mobilizam o vocal na relação com a criança, que a responde e complementa a seu modo. Vemos no recorte abaixo as marcas do sujeito na linguagem que, embora apresente rigidez da enunciação, podem ser relativizadas quando é respeitada a idiosincrasia da criança e seu modo peculiar de constituir-se na/pela língua.

Silva (2009) tem inclinado o olhar às três macro-operações inicialmente e ver que na primeira operação de conjunção-disjunção, a de preenchimento de lugar enunciativo, a escuta é essencial para o outro ser afetado pela convocação da criança em movimentos de continuidade discursiva. A escuta deve ser considerada como instância de observação dos fatos enunciativos criança-outro, pois se há uma enunciação de retorno após uma realização vocal à atingir um ouvinte, então a escuta do ouvinte precisa ser uma instância metodológica importante à ser tratada na inversibilidade enunciativa de realizações vocais.

No recorte enunciativo, a relação entre a criança e o outro é alocucional ou dialógica, onde a criança e o outro alternam os lugares de locutor e de alocutário na estrutura do diálogo, produzindo referências e correferências sobre temas trazidos pela criança e pela terapeuta.

Vemos na linha 9 o alocutário numa tentativa de significar a fala da criança durante a atividade quando pede: “E esse? Diga a tia! E de escorregador! Linha 10 F: Ecuegadôandão” e logo referenciou contextualizando: “Grande ne?”. Vimos uma fusão de elementos, que dificultou a compreensão do sentido da enunciação sem que o alocutário tivesse se voltado ao contexto onde o alocutário estava mostrando uma carta com a figura de um grande escorregador.

O que a partir das discussões teóricas levantadas, podemos concluir que este modo singular que o sujeito se instaura na língua marca a relação intersubjetiva com o parceiro e viabiliza a enunciação. Portanto, não fosse a atualização das pessoas do discurso no aqui-agora da narração, a engrenagem enunciativa seria impactada pela estranheza do neologismo de Fábio no instante da cena.

Percebemos que o elemento vocal é integralizador das formas e funções linguísticas na sintagmatização do discurso, que as reveste de sentido e atualiza na relação com o outro. Os arranjos vocais integralizam as formas e funções e têm uma força para estabelecer sentido nas relações sintáticas que as crianças desde cedo mobilizam no seu discurso. O papel fundante da intersubjetividade em relação a subjetividade, o sujeito da linguagem propriamente constituído tem a convocação do outro via asserções, ordens, perguntas etc.

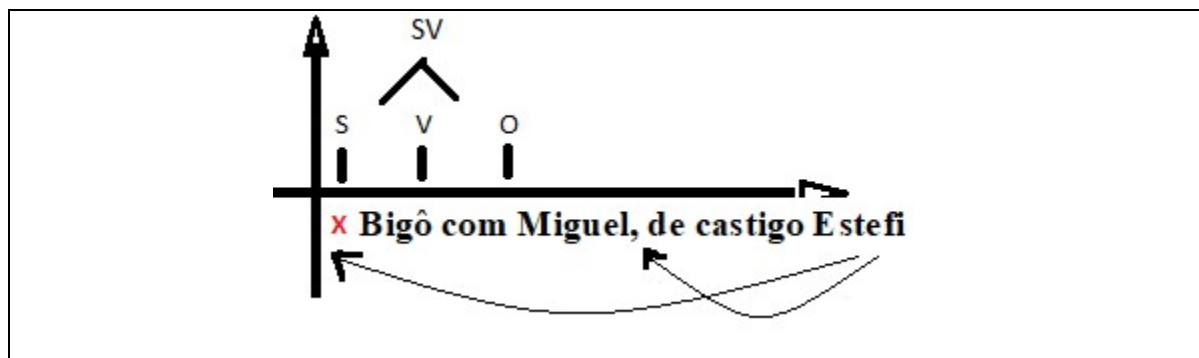
Quadro 18 – Fato enunciativo 6, segunda parte

	Criança	Interlocutor	Cena
25	Bigô com Miguel, de castigo Estefi		
26		Quem ficou de castigo?	
27	Estefi		
28		E essa cor aí?	Terapeuta mostra um carrinho de brinquedo
29	Cáo (carro)		
30		O carrinho faz o que?	
31	Trimm um imm		

	o carsom?		
32		É o carro de som? (risos) Faz muito barulho ne?	
33	É Bincanu		A criança vai à brinquedoteca e pega carrinhos, olha as rodas e fricciona-o de um lado a outro.

Na linha 25, Fábio diz: “Bigô com Miguel, de castigo Estefi”. T: “Quem ficou de castigo? F: Estefi”. Vemos aí que ao enunciar, a criança assume o lugar do “eu” e dar lugar ao “outro” como instaurar-se como “tu”. Portanto, a relação entre a criança e o outro é constituída e atravessada por uma dupla alteridade.

Figura 7: Esquema arbóreo do sintagma na linha 25



Fonte: Elaborado pelo autor

No esquema arbóreo temos a representação gráfica para descrever a estrutura hierárquica da sentença da linha 25 onde percebemos com maior clareza a subversão do elemento “Estefi” à posição atípica no final do sintagma, que como nos casos anteriores, está presente também na enunciação de Fábio. O agenciamento da palavra “Estefi” (sujeito) ao final do sintagma pode revelar o movimento morfossintático na linguagem da criança, que pode significar certa inabilidade com as regras gramaticais, ou ainda posicionamento final para completar o sentido do sintagma.

De acordo com Benveniste (2006, p. 230) “a semiótica se caracteriza como uma propriedade da língua; a semântica resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação” e é durante o aqui-agora da enunciação que Fábio atualiza a língua a partir da escolha de palavras e organiza-as de acordo com a ação que uma

exerce sobre a outra. Portanto vemos a flexão verbal de pessoa “bigô” (brigou) fazendo referência ao sujeito do sintagma verbal “Estefi”, o que demonstra reconhecimento do lugar de pessoa na frase, mas subvertendo o posicionamento do sujeito contrário ao padrão morfossintático SVO.

Na linha 30, a terapeuta pergunta à Fábio: “O carrinho faz o que?” E ele responde: “trimm um imm... o carsom?”. Há uma fusão morfossintática de substantivo “carro”, compondo uma palavra só e a ausência da preposição “de”, o que seria “carro de som”. Os elementos constituintes do sintagma estabelecem relações entre si, sejam eles posicionados por curta ou longa distância. Contudo, a posição sintática que é ocupada por cada elemento é crucial para indicarmos os mesmos no curso da estrutura sintática do enunciado.

Por fim, eis então a importância da significação da narração pelo alocutário, que na teoria da linguagem de Benveniste, ocupa lugar na instância mediadora para recriação da realidade discursiva na reflexão sobre linguagem. O que nos leva a considerá-lo como atribuidor de sentido dos dois domínios da linguagem, ou seja, aquele que identifica uma unidade semiótica sistêmica e aquele que realiza a ação global de discurso.

Concluimos que a tese traz um novo olhar que ressignifica fala que nos impulsiona a reiterar o nosso compromisso com a singularidade da fala da criança, mesmo que o estranhamento afete ao locutor e o impossibilite a realização de interpretação afetando o circuito enunciativo. Afinal, as produções morfossintáticas da língua no autismo inovam, marcam, representam e acima de tudo, significam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após conclusão das análises enunciativas das cenas nos seis casos de crianças na mesma faixa etária, alfabetizadas, pertencentes à mesma comunidade no sertão de Pernambuco, encontramos material linguístico abundante, que apontaram para padrões morfossintáticos peculiares que corroboraram com a hipótese inicial da tese. Os fatos enunciativos das crianças com TEA revelam certo padrão na sintagmatização quanto à posição do elemento de valor de pessoa, majoritariamente ao término da frase (SVO > VOS). O agenciamento das palavras e procedimentos de escolha pela criança com TEA pode revelar o modo singular e inusitado da apropriação não-linear da morfossintaxe da língua.

A investigação realizada na tese permite-nos concluir quanto à morfossintaxe na oralidade da criança autista que esta apresenta-se sob extensa variedade de padrões, refletindo a própria diversidade no espectro. O movimento da criança autista na linguagem no ato enunciativo, certamente é marcado por deslizamentos na forma/sentido como subversões, supressões ou inversões morfológicas e sintáticas no discurso. Mesmo que algumas combinações morfossintáticas presentes nos sintagmas do discurso das crianças com TEA sejam gramaticalmente inaceitáveis de acordo com a norma culta de sua língua, é fundamental conceber o sujeito autista dentro da linguagem e por ela se constituindo como sujeito de forma peculiar.

É evidente a importância do “outro” no discurso, o que sugere que a posição do interlocutor é fundamental para que a criança autista enderece seu enunciado e se movimente em direção à apropriação da língua em uma tentativa de fuga ao eixo sintagmático e conflito na cadeia associativa. Em todos os casos estudados temos uma morfossintaxe em clara constituição, cujos deslizamentos podem influenciar no processo de semantização por parte do alocutário. O papel fundante da intersubjetividade em relação à subjetividade foi evidenciado nas cenas enunciativas quando vimos o elemento vocal no papel de integralizador das formas e das funções linguísticas na sintagmatização do discurso, que as reveste de sentido e atualiza na relação com o outro.

Os arranjos vocais, as palavras integralizam as formas e funções e têm uma força para estabelecer sentido nas relações sintáticas que as crianças desde cedo

mobilizam no seu discurso. Nossos achados revelaram que as crianças têm um conhecimento sobre como os itens lexicais de sua língua se organizam para formar expressões até chegar ao nível da sentença. A aquisição de um conjunto de regras morfossintáticas ou normas gramaticais de uma língua pelos falantes pode ser diferente entre as crianças, de tal forma que é preciso relevar os indicadores de nível de desenvolvimento da linguagem da criança por faixa etária, atipia na aquisição da linguagem, contexto de estimulação de linguagem domiciliar e diferentes níveis de escolarização. Não obstante, nas crianças com TEA, encontramos uma condição singular do neurodesenvolvimento que pode afetar a sintagmatização e semantização dos elementos da língua, sobretudo no que se refere à conversão individual da língua em discurso.

Verificamos ainda, gestos, olhares, emissão vocal, expressões faciais e postura corporal condizentes ao contexto enunciativo, onde as crianças se propuseram como sujeitos, atualizando a língua no aqui-agora do discurso. Podemos concluir que encontramos no ato enunciativo da criança com TEA elementos com referência de tempo, espaço e pessoa na narrativa capazes de pôr em funcionamento a construção da enunciação e suas significações.

Reiteramos o pressuposto de que a significância é o fundamento tanto da linguagem como faculdade simbólica, quanto da língua como sistema de signos e como discurso. Portanto, enaltecemos a importância do autista na posição do “eu” da enunciação, mas é evidente a importância do “outro” no discurso, o que sugere que a ação do sujeito na apropriação na/pela língua é uma tentativa nítida de fuga ao eixo sintagmático e conflito na cadeia associativa. Compreendemos as distorções, subversões, supressões como marca da singularidade da enunciação do sujeito com TEA para elevarmos os estudos sintomáticos ao nível descritivo linguístico que interessa aos envolvidos na fazer científico. Afinal o neologismo, ecolalia tardia ou imediata, trocas morfossintáticas na narrativa dirigida ao outro, revela a linguagem própria do autista à serviço do coletivo da língua.

A importância da tese é revelar o que se reflete no prognóstico das intervenções terapêuticas de linguagem e nas questões educacionais que envolvem o desenvolvimento das capacidades morfossintáticas de acordo com os processos metacognitivos conforme nível de escolaridade da criança. A escola que trabalha a sintaxe da língua para compreensão de como a língua se estrutura pode colaborar

com maior proficiência tanto na linguagem oral quanto na escrita. Além de estruturar caminhos e formas pedagógicas que promovam a possibilidade das crianças se relacionarem de forma consciente sobre a língua, a criança pode expandir ainda mais o conhecimento linguístico previamente construído.

Compreender e abordar as peculiaridades na morfossintaxe da linguagem das crianças autistas é essencial para proporcionar um ambiente inclusivo que promova a expressão efetiva e o desenvolvimento contínuo da linguagem. A aceitação e o apoio adequado desempenham um papel fundamental na criação de oportunidades para que essas crianças alcancem seu pleno potencial comunicativo, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e compreensiva.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Claudia Regina Furquim de, BEFI-LOPES, Debora Maria, FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda, WERTZNER, Haydée Fiszbein. **ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática**. Carapicuíba: Pró Fono, 2000.

ANDRADE, Claudia Regina Furquim de; *et. al.* **ABFW: Teste de linguagem infantil nas áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática**. 3 ed. rev. amp. Carapicuíba (SP): Pró-Fono, 2023.

ARESI, Fábio. **Os índices específicos e os procedimentos acessórios da enunciação**. *Revel*, v. 9, n. 16, p. 262-275, 2011.

AZEVEDO, Flávia Chiapetta de. **Autismo e psicanálise: o lugar possível do analista na direção do tratamento**. Curitiba: Juruá, 2011.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo. Da língua e sua relação com o autismo: um estudo linguístico saussureano e benvenistianiano sobre a posição do autista na linguagem. **Tese de doutorado**. João Pessoa: UFPB/CCHLA, 2011a.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo. Autismo e linguagem: discussões à luz da teoria da enunciação. **Distúrbio da Comunicação**, São Paulo, v. 23, n.2, p.227-232, ago., 2011b.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo. DO VALE, Lorena Grace Alves. Epistemologia enunciativa na clínica fonoaudiológica. Santa Maria: **Fragmentum**. n. 56, p. 281-296, jul./dez. 2020.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo. NOBREGA, Mônica. Fonoaudiologia e sistema linguístico. *In*: MONTENEGRO, Ana Cristina de Albuquerque, BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo, AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves (ORG). **Fonoaudiologia e linguística: teoria e prática**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2016.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. 2 ed. Campinas: Pontes, 2006.

BIANCHINI, Natallie do Carmo Prado. Abordagem fonoaudiológica do silêncio como comunicação na deficiência múltipla: estudo de casos clínicos. **Dissertação mestrado**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - SP, 2015.

CARDOSO, Jefferson Lopes. Princípios de análise enunciativa na clínica dos distúrbios de linguagem. **Tese de doutorado em teorias do texto e do discurso**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

CARDOSO, Jefferson Lopes; FLORES, Valdir do Nascimento. **Estudos da linguagem e clínica dos distúrbios da linguagem**. Campinas: Pontes Editores, 2022.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica**. 20º ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

CASTRO, Maria Fausta Pereira de. A criança na enunciação: sobre as rupturas do argumentar. *In*: LAMPRECHT, Regina Ritter (org.). **Aquisição da linguagem: estudos recentes no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

Center's for Disease Control and Prevention (CDC), 2023. Página inicial. Disponível em: <https://www.cdc.gov/index.htm>. Acesso em 27 de jul. de 2023.

DEISSLER, Lorena Grace do Vale. **Multilinguismo e síndrome do x frágil: relação de identificação na/pela língua**. Dissertação mestrado: Universidade Católica de Pernambuco, PE, 2014.

DIEDRICH, Marlete Sandra. O homem na linguagem: o entrelaçamento língua cultura na aquisição da linguagem numa perspectiva enunciativa aquisicional. **Acta Scientiarum**: Maringá, v. 39, n. 4, p. 381-386, out-dez., 2017.

DIEDRICH, Marlete Sandra. O ato enunciativo de narrar: a constituição do indivíduo na sociedade. *In*: Heloisa Monteiro; HOFF, Sara Luiza; FLORES, Valdir do Nascimento (Org). **Leituras de Émile Benveniste**. 1 ed. Porto Alegre: Zouk, 2022. (P. 129 – 138).

DIEDRICH, Marlete Sandra; GOLEMBIESKI, Gabriela; BOLDORI, Ana Carolina. **O papel das narrativas na aquisição da língua: deslocamentos enunciativos da criança que narra**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 19, n. 02, p. 192-203, maio/ago. 2023.

FACIN, D. **As marcas do sujeito na língua**: análise da categoria de pessoa e não-pessoa em tiras. Revista Linguagem. 19 ed, 2012.

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. **Autismo infantil**: repensando o enfoque fonoaudiológico - aspectos funcionais da comunicação. São Paulo: Editora Lovise, 1996.

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. **Resultados de terapia fonoaudiológica com adolescentes com diagnóstico inserido no espectro autístico**. Pró-Fono, 2005.

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. Protocolo de avaliação de habilidades pragmáticas de crianças com transtornos do espectro do autismo. **Audiology, Communication, Research**. v. 26, p. 1-8, nov., 2021.

FERREIRA JUNIOR, José Temístocles. A criança autista na linguagem: da categoria de pessoa à singularidade do sujeito no processo de enunciação. **Tese de doutorado em linguística**. João Pessoa: UFPB, 2014.

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (orgs). **Saussure: a invenção da linguística**. São Paulo: contexto, 2013.

FIORIN, José Luiz. As relações entre enunciador e enunciatário. *In*: TOLDO, Claudia; STURM, Luciana. (Org.). **Enunciação e produção de sentidos: o texto em questão**. 1 ed. Campinas: Pontes Editores, 2016, v. 1, p. 51-68.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. v. 1. 112p.

FLORES, Valdir do Nascimento (org.). **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento. **A enunciação e os níveis da linguística**. Porto Alegre: Seminário internacional de texto, enunciação e discurso, 2010.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis: **Vozes**, 2019.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à Linguística da Enunciação**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

FOLTRAN, Maria José; KNOPFLE, Andrea; CARREIRA, Marcos. **A gramática como descoberta**. Diadorim, Rio de Janeiro, rev 19, v. 2, p. 27-47, Jul-Dez, 2017.

GUIMARÃES, Larissa Corrêa Batista. Habilidades linguísticas em crianças pré-escolares no espectro autista: rastreamento de dificuldades gramaticais em tarefas de compreensão. **Dissertação (mestrado)** - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2022.196 f.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Língua portuguesa: morfossintaxe**. Curitiba: IESDE, 2009.

ILARI, Rodolfo. **O estruturalismo linguístico: alguns caminhos**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos, v. 3. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise - o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Editora contexto, 2013.

KLIM, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 2006.

LAMÔNICA, D. A. C. Utilização de variações da técnica do ensino incidental para promover o desenvolvimento da comunicação oral de uma criança diagnosticada autista. **Cadernos de divulgação cultural**. Bauru, USC, 1992.

LIER-DE-VITTO, Maria Francisca; ARANTES, Lúcia (ORG). **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006.

LICHTENBERG, Sônia. **Sintaxe da enunciação: Noção mediadora para reconhecimento de uma linguística da enunciação**. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

LORANDI, Aline. Aquisição da linguagem e enunciação: a apropriação da língua pela criança. **Letrônica**, Porto Alegre v.1, n.1, p. 133-147, dez. 2008.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM -5 -TR. 5, texto revisado. Porto Alegre: Artmed Editora LTDA, 2023.

MILNER, Jean-Claude. **O Amor da Língua**. Trad. Ângela Cristina Jesuíno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth. **Novo manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

MOTA, M. da. (Org.) **Desenvolvimento metalinguístico: questões contemporâneas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

NEGRÃO, Esmeralda Vailat; SCHER, Ana Paula; VIOTTI, Evani de Carvalho. Sintaxe: Explorando a estrutura da sentença. *In*: FIORIN, J. L. (Org) **Introdução à Linguística II. Princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2003

NORMAND, Claudine. **Saussure-Benveniste**. Letras: Émile Benveniste – Interfaces Enunciação & discursos. Santa Maria: UFSM, n. 33, 2007.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes; SILVA, Carmem Luci da Costa. O que os estudos sobre a aquisição devem a Benveniste. **Eutomia**, Recife, v1, n. 33. P. 153-184, Jun. 2023.

ORRADO, Isabelle; VIVÉS, Jean-Michel. **Autismo e mediação: bricolar uma solução para cada um**. Tradução: Paulo Sérgio de Souza Junior. São Paulo: Aller, 2021.

QUEIROGA, Bianca Arruda Manchester de; LIMA, Rafaella Asfora. Morfossintaxe e fonoaudiologia. *In*: MONTENEGRO, Ana Cristina de Albuquerque, BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo, AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves (ORG). **Fonoaudiologia e linguística: teoria e prática**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2016

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **O lugar da linguística no estudo da linguagem**. *In*: PARLATO, Erika Maria; SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. O sujeito entre a língua e a linguagem. São Paulo: Editora Lovise, 1997.

ROAZZI, Antonio; ASFORA, Rafaella; QUEIROGA, Bianca Arruda Manchester de. Consciência morfossintática: novas explorações. *In*: GUIMARÃES, Sandra, Regina Kirchner; MALUF, Maria Regina (orgs). **Aprendizagem da linguagem escrita: contribuições da pesquisa**. 1 ed. v. 3. Coleção psicologia da linguagem. São Paulo: vetor, 2010. Cap.7, p. 173 – 2010.

ROAZZI, Antonio; ASFORA, Rafaella; QUEIROGA, Bianca; DIAS, M. G. B. B. Competência metalinguística antes da escolarização formal. **Educar em Revista**, Curitiba, 38, Set/Dez, p. 43-56, 2010

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas; MILANI, Sebastião Elias. **O conceito de linguagem em Benveniste**. Mediação. Pires do Rio, v. 10, nº 1, p. 74-85, jan-dez, 2015.

SILVA, C. L. C. A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem. 2007. **Tese (Doutorado em Letras)** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2007.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A criança na linguagem: enunciação e aquisição**. Campinas SP: Pontes editora, 2009.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A questão da unidade na forma e no sentido: Implicações para os estudos textuais e gramaticais**. Revista do programa de pós-graduação em letras da universidade de Passo Fundo, v. 14, n. 3, p. 380-39, set./dez., 2018.

SILVA, Carmem Luci da Costa. OLIVEIRA, G. F. **A apropriação de noções culturais pela criança: uma experiência de significação na língua-discurso.** Cadernos do IL, v. 1, p. 402-420, 2016.

SILVA, Carmen Luci da Costa; OLIVEIRA, Giovane Fernandes.; DIEDRICH, Marlete Sandra. A teoria da linguagem de Émile Benveniste: uma abertura para os estudos em aquisição da linguagem. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 56, p. 259-280, jul./dez. 2020.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **O agenciamento de palavras no discurso pela criança.** Letras, Santa Maria, v. 33, n. 1, p. 48-55, 2023.

SOUZA, Ana Paula Ramos de. **Clínica fonoaudiológica de linguagem com crianças pequenas e seus familiares.** 1 ed. Santa Maria: UFSM, 2022.

SURREAUX, Luiza Milano; SANTOS, Rosana Oliveira. **Transcrição de base enunciativa em distúrbios afásicos: aspectos prosódicos e gestuais.** Prolíngua, vol. 8 Nº2 – jul-dez, 2013.

SURREAUX, Luiza Milano. **Linguagem, sintoma e clínica em clínica de linguagem.** Tese de doutorado: Porto Alegre IL/UFRGS, 2006.

TEIXEIRA, Marlene; MESSA, Rosângela Markmann. **Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala.** Histórias da linguagem, Vitória da Conquista, v.13, n. 1, p.97-116, junho de 2015.

VARANDA, Cristina de Andrade. Consciência sintática e coerência central no espectro autístico. **Tese de doutorado em Ciências.** Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2011.

ANEXOS

1. APAE DE SERRA TALHADA, PERNAMBUCO.



2. DESENHO DA CRIANÇA DO CASO 1 – PAULO



3. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado para participar da pesquisa MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA NO AUTISMO PELAS LENTES DA ENUNCIÇÃO BENVENISTIANA e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Os objetivos deste estudo é de investigar o movimento da linguagem do sujeito autista quanto aos aspectos morfossintáticos à luz da teoria da enunciação de Benveniste.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em permitir que realizamos filmagens das interações do seu filho com os demais participantes das terapias e grupos que participa na APAE. Não haverá riscos relacionados com sua participação, pois não divulgaremos as imagens, nem entraremos em contato diretamente com os integrantes dos grupos em atendimento, Os benefícios relacionados com a sua participação são promover diretamente contribuições na formação acadêmica e profissional dos fonoaudiólogos que atuam no tratamento dos transtornos de linguagem das crianças autistas, visto que o embasamento teórico quanto ao processamento morfossintático da língua do autista poderá potencializar técnicas mais eficazes na clínica fonoterápica.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Lorena Grace Alves do Vale

Assinatura

Rua Lindolfo José Correia das Neves 419, CEP 58037305. João Pessoa PB.

83 999577291

lorenagadvale@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP, localizado na Rua do Príncipe, 526 – Boa Vista – bloco G4 – 6º andar, sala 609 – CEP 50050-900 - RECIFE – PE – BRASIL. telefone: (81)2119-4041 ou 2119-4376 – endereço eletrônico: cep@unicap.br - Horário de funcionamento: 8h às 12h e das 13h às 17h - segunda a sexta-feira.

Havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao referido CEP no endereço acima citado.

Recife, _____ de _____ de 20__

Assinatura do PARTICIPANTE DA PESQUISA –

Assinatura do PAI / MÃE ou RESPONSÁVEL LEGAL

**COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA - CONEP
SRTV 702, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte - CEP: 70719-000 - Brasília-DF**

4. FOTO DO AMBIENTE DAS FILMAGENS REGISTRADAS NA APAE



Fonte: Registros do autor



Fonte: Registros do autor